

OS ESTUDANTES DA BÍBLIA  
WWW.E-BIBLIA.ORG

# SOMBRAS DO TABERNÁCULO DOS “MELHORES SACRIFÍCIOS”

CHARLES TAZE  
RUSSELL



OS ESTUDANTES DA BÍBLIA  
WWW.E-BIBLIA.ORG

# SOMBRAS DO TABERNÁCULO DOS “MELHORES SACRIFÍCIOS”

CHARLES TAZE  
RUSSELL





# SOMBRAS DO TABERNÁCULO DOS “MELHORES SACRIFÍCIOS”

CHARLES TAZE RUSSELL

Publicado por  
OS ESTUDANTES DA BÍBLIA



# Conteúdo

Ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores

Prefácio

Abreviaturas das traduções da Bíblia citadas e observações

CONTATO

1. Capítulo I — O Tabernáculo típico
2. Capítulo II — Os israelitas, os levitas e o sacerdócio
3. Capítulo III — A consagração do sacerdócio (Levítico 8:14-33)
4. Capítulo IV — O grande “Dia da Expição” (Levítico 16:3-33)
5. Capítulo V — Outro tipo dos Sacrifícios da Expição (Levítico 9)
6. Capítulo VI — Os sacrifícios subsequentes ao “Dia da Expição”
7. Capítulo VII — “As cinzas de uma novilha aspergida sobre os contamina-  
minados” (Hebreus 9:13 - TB)
8. Capítulo VIII — Outros tipos significativos

Ao Rei dos Reis e Senhor dos  
Senhores

**NO INTERESSE**

**-DE-**

**SEUS SANTOS CONSAGRADOS  
QUE ESPERAM A ADOÇÃO;**

**-DE-**

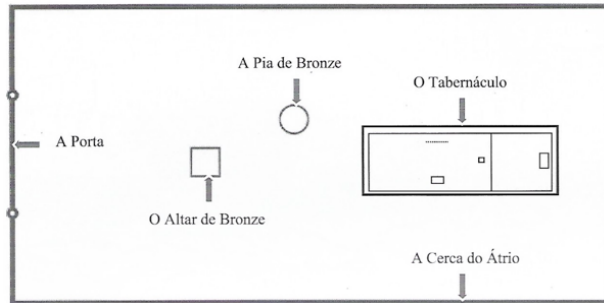
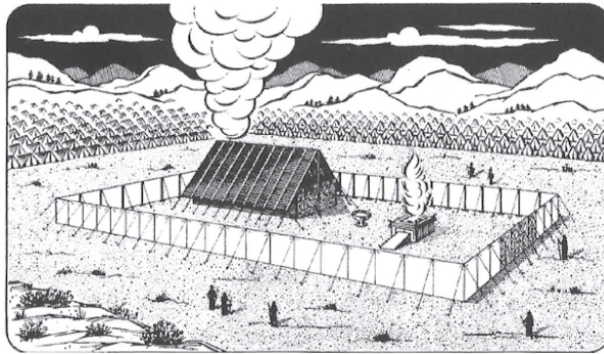
**“TODOS OS QUE NO MUNDO INVOCAM AO SENHOR,”  
“A FAMÍLIA DA FÉ”,**

**-E-**

**DA CRIAÇÃO QUE GEME A ESPERA  
DA MANIFESTAÇÃO DOS  
FILHOS DE DEUS  
DEDICA-SE ESTA OBRA**

“Para demonstrar a todos qual seja a dispensação do Mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus.” “Segundo as riquezas da sua graça, que ele derramou profundamente sobre nós em toda a sabedoria e entendimento; e desvendou-nos o mistério (segredo) da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera de fazer convergir em Cristo, todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos.”

Efésios 3:4, 5, 9; 1:8-10 — ECA



## Prefácio

A PRIMEIRA edição deste pequeno livro foi publicada em 1881, e debaixo das bênçãos do Senhor transmite a impressão de ter sido muito útil para a classe em prol da qual foi especialmente planejado — o “sacerdócio real”. Muitos desta classe admitiram que, como se fosse o dedo do Senhor, lhes assinalou os significados dos tipos no Antigo Testamento, nunca antes apreciados; e que desse modo os guiou no caminho da abnegação, por induzi-los a ver o verdadeiro significado das declarações de acordo com as Escrituras — “apre-  
senteis os vossos corpos em sacrifício vivo”, “cumpro... o resto das aflições de Cristo”, “se sofremos, também com ele reinaremos”, “saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério”; além de muitas outras declarações das Escrituras que associam o povo do Senhor com ele mesmo, tanto “as aflições deste tempo presente” como “a glória que em nós há de ser revelada”.

O autor alegra-se que isto seja verdadeiro, e intercede pelas bên-  
çãos divinas também sobre esta nova edição, que se fez necessária pelo motivo de que as chapas estavam desgastadas, e pelo desejo de ter seu estilo geral de acordo com a série dos Estudos das Escrituras — por isso que se pode considerar apropriadamente como um su-  
plemento e uma continuação para o quinto volume dessa obra,



mantendo-se separado por conveniência. A parte destas mudanças tipográficas, e a adição de um capítulo, e algumas alterações na fra-seologia para tornar possivelmente mais perspicaz alguns pontos, não existem mudanças. De fato, nenhuma mudança particular pareceu possível ou desejável.

O entendimento dos assuntos aqui demonstrados parece ter sido dirigido pelo céu, “ensinados por Deus”, no tempo em que a luz foi absolutamente necessária para a apresentação completa e clara do Plano Divino das Eras. E aqueles que foram abençoados pela ajuda fornecida neste pequeno livro, e outros que ainda serão similarmente abençoados, confiamos que podem apreciar que todos serão “ensinados por Deus”, pois se deve notar que o autor tentou provar cada ponto e cada aplicação pela palavra do Senhor, e não ensinou nada de si mesmo: como recebeu do Senhor através de sua Palavra e seu espírito apresentou o mesmo — com as evidências — a todos os que têm ouvidos para ouvir.

O estudante cuidadoso discernirá que as aplicações dos tipos apresentados aqui estão corretas e que o inteiro Plano das Eras está por meio disso comprovado — a justificação, a santificação e a glorificação primeiro para a Igreja, e subseqüentemente a restauração a todos os que a desejam, de todas as famílias da Terra. Então, esta é a chave para este glorioso Evangelho!

Querido Leitor, se os assuntos aqui apresentados atraem a você como verdade de algum modo, certamente lhe despertarão a energia e o zelo para sacrificar os interesses terrestres, para ganhar o prêmio da soberana vocação ou vocação celestial — para que possa tornar-se um dos sacerdotes reais, e em breve estar associado com o grande “Sumo Sacerdote de nossa profissão” na grande obra de abençoar à criação que geme. E se deseja receber uma bênção destas verdades, e participar de seu espírito, deve passar o cálice de refrigério a outros

que precisam justamente de tal estímulo para revivificar seus corações desfalecidos. E se deseja colaborar neste ministério descobrirá que todos os arranjos foram aperfeiçoados para que possa obter estes livros por um preço reduzido — por dúzia ou por centena. Todos aqueles que recebem alimento da mesa do Senhor são honrados com o privilégio de unirem-se no serviço — como “colaboradores de Deus”. Com amor cristão,

VOSSO IRMÃO e servo em Cristo,  
Charles Taze Russell

## Abreviaturas das traduções da Bíblia citadas e observações

### **Bíblias:**

**ARC** — A Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Corrigida de 1995, SBB.

**ARA** — A Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, 2ª edição, 1993, SBB.

**AL21** — Almeida Século 21, 2008, Editora Hagnos e Edições Vida Nova.

**ECA** — Almeida, Edição Contemporânea, 1990, Editora Vida.

**IBB** — A Bíblia Sagrada, Versão Revisada da tradução de João Ferreira de Almeida, 1967, Imprensa Bíblica Brasileira.

**KJV** — The Holy Bible, King James Version, TBS.

**NTI** — Novo Testamento Interlinear, Waldyr C. Luz, 2003, Editora Cultura Cristã.

**NT3** — Novo Testamento Judaico, 2007, Editora Vida.

**NVI** — Nova Versão Internacional, 2001, SBI.

**TB** — A Bíblia Sagrada. Tradução Brasileira, 2001, CD-ROM, Bíblia Offline, SBB.

OBS.:

1) As citações bíblicas não seguidas de uma abreviatura específica são da versão Almeida, Corrigida, Fiel (ACF), 2007, SBTB.

2) Os números ao lado dos números dos parágrafos referem-se às perguntas sobre os mesmos. Visto tratarem-se de notas, e pelo fato de haver outras notas inseridas, esses números nem sempre correspondem ao número do parágrafo ao lado do qual ele aparece.

## CONTATO

Gostaria de receber mais informações sobre os Estudantes da Bíblia?  
Acesse nosso site [www.e-biblia.org](http://www.e-biblia.org) ou mande email para [contato@e-biblia.org](mailto:contato@e-biblia.org)

## Capítulo I – O Tabernáculo típico

**O Acampamento — O Átrio — O Tabernáculo — O Altar de Bronze — A Pia ou Bacia — A Mesa — O Candelabro — O Altar de Ouro — O Propiciatório e a Arca — A Porta — O Primeiro Véu — O Segundo Véu — O significado desses e seus antítipos.**

<sup>11</sup> O TABERNÁCULO que Deus mandou o povo de Israel construir no deserto de Sim, e em conexão com o qual todos os seus serviços religiosos e cerimônias foram instituídos, foi, como o Apóstolo Paulo nos assegura, uma sombra dos bens vindouros. (Heb. 8:5; 10:1; Col. 2:17) Na realidade, toda a nação de Israel, tanto suas leis como seus serviços religiosos e cerimônias, eram típicos. Sendo isso verdade, nosso entendimento do plano e da obra de salvação agora em progresso, bem como seu desenvolvimento futuro não pode deixar de ser grandemente ilustrado por um cuidadoso estudo dessas “sombras” que os israelitas, para nossa edificação, estavam continuamente oferecendo ano após ano até que a Era Evangélica introduzisse seus antítipos — as realidades. — 1 Ped. 1:11; Heb. 10:1-3

<sup>22</sup> Não é simplesmente para se obter um conhecimento histórico das formas das cerimônias e da adoração hebraicas, que chegamos à

investigação deste assunto, mas antes, o objetivo é que possamos ser instruídos por meio do discernimento do assunto a partir de uma análise da sombra — como Deus o esboçou ao arranjar-lo.

<sup>3</sup> Falharemos em atribuir suficiente significado e importância à sombra ao não compreendermos quão cuidadosamente Deus guiou e dirigiu todos os seus detalhes. Primeiro, Deus mandou Moisés subir ao monte e deu-lhe uma ilustração da maneira na qual as coisas se fariam. Segundo, ordenou-lhe ser muito cuidadoso em cada detalhe — “Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou.” (Heb. 8:5; Êxo. 25:40) Do mesmo modo, também, com todos os detalhes do serviço; todo jota e til tinham que ser cumpridos no tipo porque ilustravam algo maior e mais importante que viria depois. E para que estas sombras pudessem ser cumpridas de modo exato, e para que o povo não fosse descuidado, usualmente a penalidade por qualquer violação era a morte. Por exemplo, veja Êxo. 28:43; Núm. 4:15, 20; 17:13; 2 Sam. 6:6, 7; Lev. 10:1, 2.

<sup>4</sup> Compreender o cuidado de Deus na formação da “sombra” não somente deve nos dar confiança em sua precisão, que de nenhum modo passará da lei nem um jota nem um til até que tudo seja cumprido, (Mat. 5:18), como também deve despertar em nós, portanto, um grande interesse no plano de Deus conforme isso nos conduz a examinar rigorosamente e a pesquisar cuidadosamente o significado destas sombras. E isto, com a prometida bênção de Deus, agora nos propomos a fazer, assegurados de que entre os que são verdadeiramente consagrados a Deus — seus filhos gerados de seu Espírito — “o que procura, acha; e ao que chama, abrir-se-lhe-á”.

## A CONSTRUÇÃO do Tabernáculo

<sup>53</sup> As instruções dadas a Moisés para a construção do Tabernáculo podem ser encontradas em Êxo. 25 a 27, e o relato da execução da obra, em Êxo. 35 a 40. Logo, o Tabernáculo era uma casa construída de uma série de tábuas de madeira de acácia, “cobertas” ou blindadas com ouro, colocadas de pé em bases de prata, e firmemente fixadas juntas por barras da mesma madeira, também cobertas com ouro.

<sup>64</sup> Esta construção media 15 pés (4,5 m) de largura, 15 pés (4,5 m) de altura, e 45 pés (13,7 m) de comprimento e era aberta na frente ou na parte leste. Ela era coberta por um longo tecido de linho branco, desenhado com figuras de querubins, em azul, púrpura e carmesim. O lado aberto, ou a frente da construção, era fechado por uma cortina de material semelhante ao tecido da cobertura, e era chamada de a “Porta”, ou o *primeiro véu*. Outro tecido do mesmo material, semelhante entretecido com figuras de querubins, chamado de o “Véu” (ou o segundo véu), foi erguido para dividir o Tabernáculo em dois compartimentos. O primeiro, ou o compartimento maior, de 15 pés de largura e 30 pés de comprimento, chamava-se de o “Santo”<sup>\*5</sup>. O segundo, ou o compartimento posterior, de 15 pés (4,5 m) de largura e 15 pés (4,5 m) de comprimento, chamava-se de o “Santo dos Santos” ou o “Santíssimo”. Esses dois compartimentos constituíam o próprio Tabernáculo; e uma tenda estava erigida sobre eles para proteção. Era feita de um tecido de casimira ou de pelos de cabra, outra de peles de carneiro tingidas de vermelho, e outra de peles de focas (mal traduzido “peles de texugo”).

### O ÁTRIO SANTO ou o Lugar Santo

<sup>76</sup> O Tabernáculo era rodeado por um pátio, ou “Átrio”, ao fundo do qual se situava. Este átrio com 75 pés (22,86 m) de largura e 150

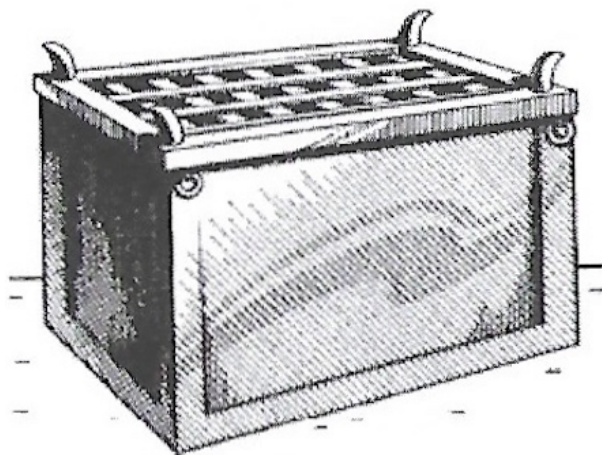


pés (45,72 m) de comprimento, era formado por uma cerca de cortiças de linho, suspensas por ganchos de prata, colocados na parte superior das colunas de madeira de 7-1/2 pés de altura (2,13 m), que foram colocadas em bases pesadas de cobre (mal traduzido bronze) e apoiadas da mesma maneira como a tenda que cobria o Tabernáculo com cordas e estacas. Todo esse recinto era terra santa, e por esta razão, se chamava de o “Lugar Santo” e também de o “Átrio do Tabernáculo”. Sua abertura, como a porta do Tabernáculo, era voltada ao leste, e se chamava a “Porta”. Esta “Porta” era de linho branco, entretecido com azul, púrpura e carmesim.

<sup>87</sup> Podemos notar que as três primeiras passagens, a saber, a “Porta” para o Átrio, a “Porta” para o “Santo” e o “Véu” para o Santíssimo, eram do mesmo material e das mesmas cores. Fora do Tabernáculo e do Átrio estava o Acampamento de Israel situado em todos os lados a uma respeitosa distância.

## OS MÓVEIS

<sup>98</sup> Os móveis do “Átrio” consistiam de duas peças principais: o “Altar de Bronze” e a “Pia ou Bacia” com seus respectivos utensílios.



**O Altar de Bronze**

### **O ALTAR de Bronze**

<sup>10</sup> Exatamente no interior, junto à porta, e imediatamente em frente a ela, se encontrava o “Altar de Bronze”. Esse altar era de madeira e coberto com cobre, e era de 7-1/2 pés quadrados (2,13 m<sup>2</sup>) e 4-1/2 (1,21 m<sup>2</sup>) pés de altura. Vários utensílios pertenciam ao seu serviço — braseiros (chamados incensários) para levar o fogo ao “Altar de Incenso”, vasilhas para receber o sangue, ganchos para a carne, pás, etc.



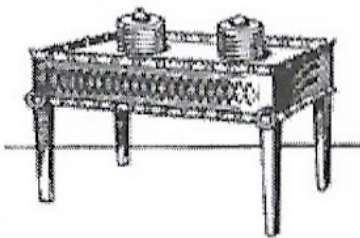
## A Pia ou Bacia

### A PIA ou Bacia

<sup>11</sup> Entre o “Altar de Bronze” e a porta do Tabernáculo estava a “Pia” ou “Bacia”. Era feita de cobre polido, e era um receptáculo para a água; nela se lavavam os sacerdotes antes de entrar no Tabernáculo.

<sup>12</sup> Os móveis do Tabernáculo consistiam de uma “Mesa”, um “Candelabro” e um “Altar de Incenso” no “Santo”, e a “Arca do Testemunho” no “Santo dos Santos” ou o “Santíssimo”.

<sup>13</sup> Dentro do Tabernáculo, no primeiro compartimento, o “Santo”, do lado direito (ao norte), estava a Mesa para os “Pães da Proposição” — uma mesa de madeira coberta de ouro; e sobre ela estavam postos doze pães ázimos em duas fileiras, e sobre cada fileira era colocado incenso puro. (Lev. 24:6, 7) Era apropriado somente aos sacerdotes comer deste pão. Era considerado santo, e renovava-se a cada sétimo dia ou a cada sábado.



**A Mesa para os Pães da Proposição**

### **A MESA para os Pães da Proposição**

<sup>14</sup> Do lado oposto à “Mesa para os pães da proposição” estava o “Candelabro”, feito de ouro puro; de ouro batido, tendo sete braços, e em cada braço uma lamparina. Era a única luz no “Santo”; pois, como vimos a luz natural era obscurecida pelas paredes e pelas cortinas, e não haviam janelas. Suas sete lamparinas eram cuidadas, arranjadas, e abastecidas com azeite, etc., pelo mesmo Sumo Sacerdote, que, nestas ocasiões, oferecia incenso no Altar de Ouro.

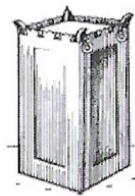


**O Candelabro de Ouro**

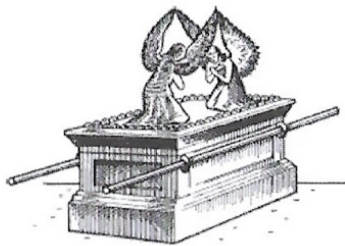
## O CANDELABRO **de Ouro**

<sup>15</sup> Mais distante, perto do “Véu”, se situava um pequeno altar de madeira, coberto com ouro, chamado de o “Altar de Ouro” ou “Altar de Incenso”. Não havia fogo sobre ele exceto o que era trazido pelos sacerdotes nos incensários que colocavam em cima deste “Altar de Ouro”, e depois desintegravam o incenso sobre ele, causando uma fumaça fragrante ou perfume, que, ao encher o “Santo” penetrava também para além do “segundo véu” até o “Santo dos Santos” ou “Santíssimo”.

O Altar de Ouro



O Altar de Incenso



A Arca do Testemunho

## A ARCA **do Testemunho**

<sup>16</sup><sup>10</sup> No outro lado do “Véu” no “Santíssimo” havia somente um móvel — a “Arca”. Era uma caixa retangular de madeira coberta de ouro, tendo uma tampa ou cobertura de ouro puro, chamada de o

“Propiciatório”. Sobre este (e da mesma peça), estavam dois querubins de ouro; de ouro batido. Dentro desta “Arca” (embaixo do Propiciatório) eram colocados o vaso de ouro, que continha o maná, a vara de Arão, que havia brotado, e as duas tábuas do Pacto. (Heb. 9:4) Sobre o Propiciatório aparecia uma luz sobrenatural, brilhando entre os querubins, representando a presença divina. Esta era a única luz no “Santo dos Santos”.

<sup>1711</sup> Nota-se que todos os móveis no interior do Tabernáculo eram de ouro, ou cobertos de ouro, enquanto que no “Átrio” tudo era de cobre. A madeira, que era a base coberta com estes metais, se usava, cremos, para fazer os artigos mais leves e mais fáceis de levar, o que não teria sido o caso se tivessem sido feitos de metais sólidos. Esta era uma consideração importante quando se transportavam de um lugar a outro. As vasilhas do Templo, representativas das mesmas coisas, eram de metais sólidos. (1 Reis 7:47-50) Estes dois metais, o ouro e o cobre, usavam-se, supomos, para representar duas naturezas diferentes — o cobre representando a natureza *humana* em sua perfeição, um pouco mais abaixo do que a natureza angélica; e o ouro representando a natureza *divina* muito acima dos anjos, principados e poderes. Como o ouro e a prata são muito semelhantes em suas aparências, mas diferentes em qualidade, assim a natureza humana é a imagem e semelhança da divina, adaptada às condições terrestres. Notar-se-á que o arranjo do...

...ACAMPAMENTO, **do Átrio e do Tabernáculo**, desta forma distintamente separados e diferenciados em três divisões gerais, representam três classes diferentes abençoadas pelo resgate; e as duas partes do Tabernáculo representam as duas condições de uma destas classes.

<sup>18</sup><sup>12</sup> “O Acampamento” [ou “Arraial”] representa a *condição* do gênero humano no pecado, necessitando de expiação e ansiando suas bênçãos, sem importar quão indistintamente analisem seus anseios e gemidos. No tipo, o “Acampamento” era a nação de Israel em si, que foi separada das coisas santas pela cortina de linho branco, representando para os que estavam dentro uma parede da fé, mas para os do lado de fora uma parede de incredulidade que impedia sua visão e acesso às coisas santas que estavam do lado de dentro. Havia unicamente um caminho primeiramente para o “Lugar Santo” ou o “Átrio”. Assim o tipo testifica que há somente um caminho de acesso a Deus — uma “porta” — Jesus. “Eu sou o caminho . . . Ninguém vem ao Pai, senão por mim.” “Eu sou a porta.” — João 14:6; 10:9

<sup>19</sup><sup>13</sup> “O Átrio” representa a condição da Justificação, introduzida por meio da fé em Cristo, a “porta”. Dentro do “Átrio” somente aos levitas (típicos dos crentes justificados) se permitia entrar durante o Dia da Expição. Estes tinham acesso ao “Altar de Bronze” e à “Pia” ou “Bacia” e rendiam serviço no “Átrio”, mas não tinham o direito como meramente levitas (crentes) de entrar no Tabernáculo; não, nem tampouco vê-lo. (Núm. 4:19, 20) No “Átrio” todas as coisas eram de cobre, para indicar que na classe admitida figuravam pessoas justificadas. O “Átrio” não representava a condição da classe espiritual durante a Era Evangélica, ainda que os sacerdotes, em sacrifício e lavagem ou ablução, também o utilizassem.

<sup>20</sup><sup>14</sup> “O Tabernáculo” construído, com suas duas partes, representava as duas condições de todos os que experimentam uma mudança de natureza, da humana para a espiritual. O primeiro compartimento, o “Santo”, representava a *condição* de todos os que (como levitas — crentes justificados) consagraram sua natureza humana à morte, para que possam ser feitos participantes da natureza divina (2 Ped. 1:4), tendo sido gerados do Espírito. O segundo compartimento, ou

“Santíssimo”, para além do “Véu” — a morte — representava a *condição* dos vencedores fiéis, que obterão a natureza divina. Estes, após terem cumprido sua consagração pela morte, serão totalmente transformados, nascidos da morte na Primeira Ressurreição, para o organismo e a natureza divina. Nenhum ser humano, ainda que esteja tão cheio de fé, limpo de todo pecado, e à vista de Deus justificado gratuitamente de todas as coisas e reconhecido como perfeito, pode ter algum lugar ou privilégio nas coisas espirituais representadas pelos interiores do Tabernáculo e do Templo. Ele não pode nem sequer examinar as coisas espirituais, no sentido de apreciá-las. Mas, durante a Era Evangélica, estes são chamados para consagrar e sacrificar sua natureza humana no serviço de Deus, e em troca herdar a natureza espiritual — como membros do corpo de Cristo. “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, ... e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” — 1 Cor. 2:14

<sup>21</sup><sub>15</sub> O fato de que todas as coisas no Tabernáculo eram feitas de *ouro*, representativo da natureza divina, implica que representava somente a condição daqueles que são chamados para a natureza divina. Unicamente aqueles dos levitas que foram consagrados para a obra de sacrifício (os Sacerdotes) têm acesso ao Tabernáculo; portanto somente os da família da fé que se consagraram em sacrifício, até a morte, entram nas condições divinas representadas no Tabernáculo.

<sup>22</sup><sub>16</sub> No “Átrio”, para a condição humana justificada, entra-se somente pela fé. Mas, enquanto devemos reter a fé que justifica, devemos fazer mais, se desejamos experimentar uma transformação de natureza e nos tornarmos “novas criaturas”, “participantes do chamado celestial” e “participantes da natureza divina”. A entrada no “Santo”, portanto, inclui nossa consagração total ao serviço do Se



nhor, nossa geração do Espírito e nosso início na carreira pelo prêmio da natureza divina — do qual os termos são, a fidelidade aos nossos votos, a crucificação da carne justificada, a apresentação de nossos desejos humanos e nossos corpos como um sacrifício vivo a Deus; não buscamos mais os prazeres humanos, honra, elogios, etc., estarmos assim mortos para estes e vivos para os impulsos celestiais. Não obstante, chegamos a esta condição também mediante Jesus Cristo nosso Senhor, que não somente abriu para nós a “Porta” da justificação pela fé, mas também abriu a “Porta” (o primeiro véu) do Tabernáculo, inaugurando o “caminho novo e vivo” [o caminho da vida], como seres espirituais, através e para além do segundo véu, pelo sacrifício de nossa carne justificada.

<sup>23</sup><sup>17</sup> Portanto, os dois compartimentos do Tabernáculo, o “Santo” e o “Santíssimo”, representavam duas fases ou etapas da nova vida para a qual somos gerados pelo Espírito Santo.

<sup>24</sup><sup>18</sup> O “*Santo*” representava a presente condição dos gerados de Deus pela palavra da verdade. (Tiago 1:18) Estes, como “novas criaturas” inclinadas ao que é celestial, ainda que ainda estejam “na carne”, possuem sua vida real (interior) e estão com Deus dentro do primeiro véu da consagração, e fora do ponto de vista intelectual do mundo e dos crentes não consagrados. Estes desfrutam da luz interna do “candelabro de ouro”, enquanto outros estão nas “trevas exteriores”; estes comem do alimento espiritual especial, representado pelo pão ázimo da proposição e oferecem incenso sobre o altar de ouro, aceitável por Cristo Jesus.

<sup>25</sup><sup>19</sup> O “*Santíssimo*” representava a condição perfeita dessas novas criaturas, os que são fiéis até a morte, e alcançam o grande prêmio da chamada ou vocação celestial através de terem parte na primeira ressurreição. (Apo. 20:6) Então, para além de ambos os véus — a mente carnal e o corpo carnal — possuirão gloriosos corpos espiri-

tuais, assim como mentes espirituais. Eles serão semelhantes a seu Líder e Precursor para além do véu, o qual, tendo entrado como nosso Redentor, nos abriu o caminho novo e vivo — ou o novo caminho da vida. — Heb. 10:20; 1 João 3:2.

<sup>26</sup>20 A criatura inclinada ao que é espiritual no “Santo”, pela fé, olha através da abertura no “Véu” até o “Santíssimo”, percebendo as visões da glória, honra e imortalidade fora do alcance da carne. Esta esperança é como uma âncora da alma, segura e firme, e que penetra até ao interior do véu. — Heb. 6:19; 10:20.

<sup>27</sup>21 Vemos assim, que a justificação pela fé é o nosso primeiro passo rumo à santidade, nos conduzindo a uma condição de “paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”. (Rom. 5:1) Quando nossos pecados são perdoados, ou pagos e cobertos com a justiça de Cristo, estamos a um passo mais perto de Deus, mas ainda assim humanos — no “Átrio”. Se nós desejamos obter o prêmio do chamado ou vocação celestial de DEUS em Cristo Jesus, e desejamos entrar pelo “Santo” até o “Santíssimo”, deveremos seguir...

...NOS PASSOS DE JESUS, nosso Líder e Cabeça. “o Sumo Sacerdote de nossa profissão” [isto é, o Sumo Sacerdote de nossa ordem de sacerdócio], ou “sacerdócio real” — Heb. 3:1; 1 Ped. 2:9:

<sup>28</sup>22 (1) Pela fé no sacrifício de resgate de Cristo, representado no Altar de Bronze, entramos pela “Porta” no “Átrio” — o véu da incredulidade e do pecado foi passado. Este passo é de um tipo que nosso Senhor nunca seguiu, porque não sendo da linhagem adâmica, mas antes santo, inocente, sem mancha, apartado dos pecadores, nunca esteve fora da condição do Átrio.

<sup>29</sup>23 (2) Renunciando as nossas justificadas vontades humanas, e todas as nossas aspirações e esperanças humanas, passamos o pri

meiro véu, ou o véu das vontades humanas — contando as vontades humanas como estando mortas; daqui em diante não consultando-as, mas somente a vontade de Deus. Agora nos encontramos como “novas criaturas” no “santuário” — no primeiro dos céus ou Santíssimo (Efé. 2:6) e começamos a ser iluminados pelo “Candelabro de Ouro” (a Palavra de Deus) representando as coisas espirituais — “as profundidades de Deus”, e para estarmos revigorados e fortalecidos diariamente com a verdade, como representado nos “pães da proposição”, que somente aos sacerdotes era lícito comer. (Mat. 12:4) E, deste modo, iluminados e fortalecidos, devemos oferecer diariamente sacrifícios no “Altar de Ouro”, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo — um perfume agradável a nosso Pai. — 1 Ped. 2:5\*<sup>24</sup>

<sup>30</sup><sup>25</sup> Assim, todos os santos, todos os consagrados, estão numa condição “celestial” ou “santa” agora — sentados [em repouso e em comunhão] com Cristo [o primeiro destes] nos “lugares celestiais”, mas ainda não entramos no “Santíssimo”. Não, pois devemos passar primeiro por outro véu. Como a passagem do véu precedente representava a morte dos desejos HUMANOS, assim a passagem pelo segundo véu representava a morte do corpo HUMANO; e ambos são requisitos para completarmos nosso “sacrifício”. Tanto a mente carnal como o corpo carnal devem ser deixados para trás, antes de podermos entrar no “Santíssimo” — perfeitos como participantes da natureza divina e de suas condições espirituais; porque a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus. — 1 Cor. 15:50; compare com João 3:5, 8, 13.

<sup>31</sup><sup>26</sup> Com estes sentimentos diante de nossas mentes, concernente às três condições representadas por estes três lugares, o “Acampamento”, o “Átrio” e o “Tabernáculo”, em nosso próximo estudo notaremos, de modo particular, as três classes que figuram entre estas condições; a saber: O Mundo Incrédulo, os Crentes Justificados e os

Santos ou os Crentes Consagrados, tipificados respectivamente pelos israelitas, os levitas, e o sacerdócio.

## O Tabernáculo

“Que solitária e misteriosa morada é esta,  
Rodeada por uma parede de branco puro;  
Durante o dia um altar no deserto,  
Um vigia silencioso na planície pela noite?

“Quem habita dentro de seu véu consagrado,  
Para negar os pés seculares e estrangeiros?  
Quem respondeu quando o sacerdote, vestido em  
Trajes cerimoniais e empalidecidos,  
Espargia o sangue de “novilhos e bodes” por oferta?

“Pensais que Ele de nome onipotente  
Requereu para nada estes ritos muitas vezes repetidos,  
Ou satisfez mera ostentação com perfume  
De incenso, trajes cerimoniais e altar de luzes?

“Não, verdadeiramente! As primorosas tapeçarias,  
Os vasos feitos de prata, cobre e ouro,  
Os modos cerimoniais de sacrifício,  
Todas as “coisas melhores” do Evangelho, tempos preditos.

“E feliz é ele cujo reverente olhar fixo discerniu  
Que “tipos e sombras” podiam só vagamente traçar:  
Sua oferta sobre o altar de ouro queimou,

Ele esclareceu os mistérios do “lugar santo”.

“Sobre o propiciatório manchado com sangue ele lê  
Expição selada pelo que era antes,  
E dos céus abertos o Pai se apressa  
A verter as riquezas de seu amor e graça.”

---

**1 § 1:** Qual foi o propósito divino em estabelecer o Tabernáculo no deserto com seus serviços e cerimônias? O que é um tipo? Como se devem utilizar os tipos?

**2 § 2-4:** Qual deve ser nosso objetivo em estudar as “sombras” do Tabernáculo?

**3 § 5:** Brevemente, o que foi o Tabernáculo, e onde encontramos as instruções para sua construção?

**4 § 6:** Quais foram as dimensões do Tabernáculo e os nomes de seus dois compartimentos? Como podemos evitar a confusão resultante de traduções incorretas do “Santo” e do “Santíssimo”? (Veja a nota de rodapé n.º 5.)

**5 \*** Em algumas traduções ao português o “Santo” é por vezes, ainda que equivocadamente, chamado de o “lugar santo”, e em tais casos, a palavra lugar encontra-se em itálico, indicando que foi acrescentada pelos tradutores, como, por exemplo, Êxo. 26:33 na KJV [na versão ACF note Êxo. 26:34]. Esse erro causa grande confusão, já que o “Átrio” chama-se apropriadamente de o “lugar santo”. Quando a palavra lugar não está em itálico, refere-se sempre ao “Átrio”. Veja Lev. 14:13 e 6:27. Em alguns casos o “Santo” denomina-se “tenda da congregação”. [cf. ACF, ARC]

O “Santo dos Santos” ou “Santíssimo” chama-se também às vezes de o “lugar santo” — lugar em itálico. Por exemplo, Lev. 16:17, 20, 23 [na versão em inglês KJV]. Com referência a esses compartimentos, os chamaremos respectivamente de “O Átrio”, “O Santo dos Santos” ou o “Santíssimo”.

Uma certa falta de apreço e de interesse dos cristãos nestas ilustrações típicas e a necessidade de uniformidade e exatidão, por parte dos tradutores do livro bíblico de Levítico, devem ter sido a causa das diversas traduções, que ajudam a confundir o estudante.

**6 § 7:** Descreva o Átrio com suas dimensões.

**7 § 8:** Quais foram os nomes das três passagens primeiramente do “Átrio”, do “Santo”, e do “Santíssimo”, respectivamente? O que era o “Acampamento” e onde estava?

**8 § 9-11:** Quais foram os móveis do “Átrio” e onde se situavam?

- 9 § 12-15:** Quais eram os móveis do “Santo” e onde foram colocados?
- 10 § 16:** Qual móvel estava no “Santíssimo”? Descreva-o.
- 11 § 17:** Que diferença havia entre o material dos móveis do Tabernáculo e o material dos móveis do “Átrio” e daí o que significava isso?
- 12 § 18:** O que tipificou o “Acampamento” ou “Arraial”?
- 13 § 19:** O que representou o “Átrio” e somente quem pode entrar nele?
- 14 § 20:** Brevemente, o que representaram os dois compartimentos do Tabernáculo em si?
- 15 § 21:** Quem somente dos israelitas puderam entrar no Tabernáculo e daí o que é o antítipo?
- 16 § 22:** No antítipo, experimentam todos os que entram no “Átrio” uma mudança de natureza? O que implica a entrada no “Santo” antitípico e como é que Cristo é a “Porta” tanto do “Átrio” como do “Santo”?
- 17 § 23:** Quais partes do Tabernáculo representaram as duas etapas de nossa nova vida?
- 18 § 24:** Quem são os gerados de Deus pela Palavra da Verdade, e como são representados no “Santo”?
- 19 § 25:** O “Santíssimo” representou a condição presente ou futura dos “vencedores”?
- 20 § 26:** Como é a esperança que “ternos como segura e firme âncora da alma, e que penetra até dentro do [segundo] véu”?
- 21 § 27:** Como seguem os crentes consagrados nos passos de seu Líder e Sumo Sacerdote, Jesus?
- 22 § 28:** Como passamos o véu da incredulidade e do pecado, e por que não foi necessário que Jesus tomasse este passo?
- 23 § 29:** Como passamos o primeiro véu e aonde isso nos conduz?
- 24 \*** A palavra *espiritual* neste texto é omitida pelo manuscrito grego mais antigo, o Sinaítico, com evidente propriedade. Não são os direitos espirituais, mas antes os direitos humanos, privilégios, vida, etc., que são sacrificados. [Note a correta omissão da palavra *espiritual* nas versões da Bíblia, *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e, em inglês, na *Contemporary English Version*.]
- 25 § 30:** O que tipifica a passagem do segundo véu? Por que devemos deixar para trás nossos corpos humanos quando passamos o segundo véu?
- 26 § 31:** Para lembrar, o que tipificaram o “Acampamento”, o “Átrio” e o “Tabernáculo”?

## Capítulo II – Os israelitas, os levitas e o sacerdócio

**As classes da humanidade tipificadas pelos Israelitas, os levitas e o sacerdócio — A consagração dos sacerdotes — O significado das “vestes sagradas... para glória e ornamento” do Sumo Sacerdote, tipicamente considerado — O Pacto Abraâmico, o Pacto da Lei, e o Novo Pacto prefigurados.**

<sup>1</sup> É IMPORTANTE que obtenhamos uma ideia clara, não somente da estrutura do Tabernáculo, d.e seus móveis e do significado típico destes, como também devemos saber algo acerca dos que atuavam ali, e o significado deles como tipos.

<sup>2</sup> Israel é usado em muitas ocasiões para tipificar a Igreja cristã. Por exemplo, quando eles deixaram à escravidão do Egito, eles foram um tipo dos filhos de Deus que ouvem o seu chamado para saírem do mundo e se ocuparem na sua adoração.

<sup>3</sup> A jornada no deserto representa a fatigante peregrinação pela qual muitos passam, procurando o prometido repouso de Canaã — “Vinde a mim, e eu vos aliviarei”. Como ocorreu no tipo, do mesmo modo que na realidade, o prometido repouso de Canaã não está bem longe, se os filhos de Deus tiverem fé suficiente para ascender e em

algum dia entrarem nele pela fé. Deus lhes fez abundante provisão; mas eles viajam pelo deserto de Sim [que é o símbolo da jornada pelo deserto do pecado], procurando descanso e nunca o encontram porque carecem de fé nas promessas de Deus. Alguns vagam assim por longo tempo; e alguns nunca entram no repouso de Canã por causa da incredulidade. Mas, ainda que se utilize deste modo o Israel segundo a carne e de outras maneiras para tipificar ao Israel Espiritual, não obstante como o examinaremos agora, em sua relação com o Tabernáculo, ele é um tipo totalmente diferente. Aqui Israel, inquestionavelmente, tipificou *o mundo inteiro da humanidade*. A oferta pelo pecado, o sacrifício, a expiação, etc. e os fatos tipificados por eles (e por eles somente), eram figuras dos “sacrifícios melhores” e da expiação feita a favor de todo o mundo; pois, assim -lemos: “Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.” — 1 João 2:2; Heb. 9:23.

<sup>4</sup> Em poucas palavras, *Israel*, assim como o Tabernáculo, os sacerdotes, os levitas e os sacrifícios, eram uma figura. E o que foi feito lá em símbolo com e para Israel, desde a primeira vinda de Cristo, está para ser levado a término em direção a um elevado plano e em grande escala, o último sendo a realidade, da qual o primeiro foi o tipo, figura ou sombra.

<sup>53</sup> Visto que Israel tipificava o mundo, então a tribo dos levitas tipificava a “família da fé”, ou todos os que crêem em Jesus e em seu resgate. O sacerdócio, um corpo debaixo de um líder ou Sumo Sacerdote, era típico do “pequeno rebanho”, o qual, com sua “Cabeça” ou Sumo Sacerdote, é um sacerdócio real, cujos membros, após o atual tempo de sacrifício, serão *reis e sacerdotes* para Deus; e eles reinarão sobre a Terra. (Apo. 5:10) Considerando-o deste modo, vemos a Jesus o Sumo Sacerdote, não como um sacerdote segundo a ordem de Arão, que era somente típico de uma grandeza e confissão ou or



dem maior, mas como a Cabeça do sacerdócio real do qual outros foram somente figuras. (Heb. 3:1; 4:14) O sacerdócio segundo a ordem de Arão tipificou principalmente a humilhação e os sofrimentos de Cristo, menos a sua futura glória — Melquisedeque era típico de Cristo como um sacerdócio real e nobre.

<sup>6</sup> Mas, antes que os subsacerdotes, os membros do Corpo de Cristo, o sacerdócio real, se reúnam com sua Cabeça e comecem seu reino, eles “sofrerão” com ele, compartilhando os sacrifícios antitípicos, como em breve veremos. — 2 Tim. 2:12.

<sup>7</sup> O Apóstolo Pedro aponta àqueles que foram tipificados pelo sacerdócio de Arão, quando, ao se dirigir àqueles que foram santificados, diz: “Vós sois... sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios agradáveis a Deus por Jesus Cristo”. “Vós sois o sacerdócio real.” (1 Ped. 2:5, 9) Todos eles são ministros (*servos*) da verdade, ainda que todos não sejam pregadores e Doutores em Divindade; e cada um deve fazer sua parte num ato de abnegação antes de ser contado digno de ser um co-herdeiro com Cristo. Somente para aqueles que sofrem com ele há uma promessa de reinarem com ele. — Rom. 8:17.

<sup>8</sup> Que a Cabeça ou Líder sacerdotal deste sacerdócio, deste “pequeno rebanho”, é nosso Senhor Jesus, é algo mencionado repetidas vezes pelos apóstolos. Daremos somente uma citação: “Irmãos santos [“o sacerdócio real”], participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, Apóstolo e Sumo Sacerdote da *nossa confissão* [nossa ordem de sacerdotes, que virá a existir]”. — Heb. 3:1.

<sup>9</sup> Passemos agora à consideração da inauguração do sacerdócio típico, e notemos que a tribo dos levitas (típica de todos os crentes *justificados*) existia antes que fosse instituído o sacerdócio. Assim, no antítipo, o “sacerdócio real” começou com a unção de Jesus, o Sumo Sacerdote (no batismo: Luc. 3:22; Atos 10:38); mas os crentes, *justificados* pela fé em Cristo, haviam vivido por muito tempo antes disto.

Por exemplo: Abraão creu em Deus, e foi *justificado* pela fé. (Rom. 4:2, 3) Ainda que o tipo não houvesse vindo em seus dias, Abraão, como um crente justificado, era um membro da “família da fé”, tipificado pelos levitas. Mas, ninguém do “sacerdócio real” foi selecionado até que, posteriormente, o Líder ou Sumo Sacerdote desta ordem fosse primeiramente admitido e estabelecido no ofício. Desde então, a inauguração e a instalação dos subsacerdotes foram a obra especial desta dispensação cristã ou Era Evangélica. Deste modo, os sacerdotes, que agora estão se consagrando, sendo instalados e oferecendo-se a si mesmos como sacrifícios, estão sendo preparados como instrumentos de Deus para a realeza do reino, e, portanto, para a bênção de todas as famílias da Terra.

## O SACERDÓCIO

<sup>106</sup> Seria bom notar que em toda a cerimônia relativa à ordenação e à obra do sacerdócio, o sacerdote principal era o primeiro; e igualmente no antitípico sacerdócio, Jesus foi o *primeiro* — o Líder, o Autor e o Precursor — isto ensina claramente que ninguém o *havia precedido*. Portanto, vemos que nenhum dos patriarcas ou profetas é do “pequeno rebanho”, do “sacerdócio real”, por outro lado chamado de “a noiva”, “a esposa do Cordeiro”. Ainda que eles sejam grandemente abençoados como servos do Senhor, o serviço deles não será tão grandemente enaltecido como o dos sacerdotes, nem sua honra será tão elevada. Não obstante, como representado nos levitas, sua futura obra e honra evidentemente serão grandes.

<sup>11</sup> O “apertado caminho que leva à vida” (a imortalidade) não havia sido aberto até que viesse Jesus. Ele foi o primeiro a andar nele. Ele *“trouxe à luz a vida e a imortalidade”*. (2 Tim. 1:10 — AL21) Ainda que todos os crentes fiéis (levitas) venham a tornar-se possui-

dores da vida eterna, assim como o mundo (representado pelo Acampamento de Israel), caso venham a aceitá-la durante a Era Milenar, apesar disso, somente o sacerdócio, aqueles que vencem e seguem seu Líder no estreito caminho que leva à vida — sacrificando os interesses humanos — deste modo procurando a glória, honra, e imortalidade (Rom. 2:7), se tornarão eternamente os possuidores deste *ilimitado* grau de vida chamado imortalidade, originalmente possuído somente por Jeová Deus, e por nosso Senhor Jesus Cristo desde sua ressurreição. — Veja *O Plano Divino das Eras*, Estudos X e XI.

## A UNÇÃO

<sup>127</sup> Debaixo da Lei, a *unção* era a cerimônia pela qual os sacerdotes foram instalados ou empossados em seu serviço. Eles foram unguídos para seu ofício com um unguento especial, chamado de o “azeite da santa unção”, aplicável a nenhum outro, mas somente aos sacerdotes, e ilegal para qualquer um possuí-lo ou fazê-lo, (Êxo. 30:25-33, 38) Este azeite tipificou o Espírito Santo da adoção por meio do qual nós, o “sacerdócio real”, somos selados como filhos de Deus. Unicamente os consagrados, os sacerdotes, sempre foram unguídos desta maneira.

<sup>138</sup> Aarão, o típico Sumo Sacerdote, representou a Jesus, a Cabeça, e a Igreja como membros do Corpo — o grande Sumo Sacerdote antítípico. Sendo nada mais do que um homem pecador, igual aos outros, Aarão precisava lavar-se a fim de representar adequadamente a pureza do antítipo, Jesus, àquele que não conheceu pecado, e sua Igreja, tendo-a purificado por meio de seu precioso sangue e com a lavadura da água pela palavra. — Efé. 5:26.

<sup>14</sup><sup>9</sup> Após lavar-se, Aarão vestia-se com as vestes sagradas para “glória e ornamento” (Êxo. 28), e finalmente o azeite da unção era derramado sobre sua cabeça. (Êxo. 29:7) Cada peça deste glorioso vestuário era típica das qualidades e dos poderes do Grande Libertador — Cabeça e Corpo — como os discerniu Jeová, olhando para o futuro, para o tempo da “manifestação dos filhos de Deus”, e o cumprimento neles de suas promessas.

### ○ SUMO SACERDOTE em vestes típicas “para glória e ornamento”

<sup>15</sup> “Estas, pois são as vestes que farão: um peitoral, e um éfode, e um manto, e uma túnica bordada, uma mitra, e um cinto.” — Êxo. 28:4.

<sup>16</sup><sup>10</sup> A “túnica” branca de linho representava a pureza do Sumo Sacerdote, enquanto que seu bordado demonstrava o resultado da□ quele caráter puro em obras da graça.

<sup>17</sup><sup>11</sup> A “mitra”, uma faixa de linho fino branco (típica da justiça), usada ao redor da frente, na qual a lâmina de ouro, ou “coroa”, era fixada com um cordão azul demonstrando que a coroa era de *modo justificado* sua.

<sup>18</sup> Na lâmina de ouro estava gravada uma inscrição: “Santidade a Jeová”, proclamando deste modo que: Este Sumo Sacerdote é inteiramente devotado para o cumprimento dos propósitos de Jeová. A coroa de ouro também proclamou sua realeza: Cristo será “sacerdote no seu trono” — “sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquise□ deque”. — Zac. 6:13; Sal. 110:4; Heb. 7:17.

<sup>19</sup><sup>12</sup> O “Cinto de Linho” indicava um servo justo: o linho — a justiça, o cinto — a servidão.

<sup>20</sup><sup>13</sup> O “Manto do Éfode”, de cor *azul*, representava sua fidelida□ de. As orlas dele eram feitas com sinos de ouro e com adornos em

forma de romã. A romã, sendo uma fruta superior, demonstra que o desempenho fiel da obra de sacrifício do Redentor havia produzido um fruto precioso — a redenção da vida perdida da raça humana. Os sinos de ouro significavam que quando nosso Sumo Sacerdote aparece em glória e ornamento, o fruto da obra de sacrifício toma-se manifesto a todos — *proclamado* a todo o mundo, do mesmo modo que, no tipo, os sinos proclamavam-no a todo o Israel. Isto é indicado pela proximidade imediata dos sinos chamando atenção ao fruto [em forma de romã].

<sup>21</sup><sup>14</sup> O “Éfode” era feito de tecido de púrpura, azul, carmesim, branco, e fios de ouro, hábil e belamente entrelaçado. Era composto de duas partes: uma suspensa pela frente e a outra por detrás. Estas duas partes eram fixadas juntas por dois anéis de ouro que estavam colocados sobre os ombros. O “éfode” tipificava os *dois grandes pactos ou alianças* — o Pacto Abraâmico representado pela parte dianteira, e o Novo Pacto representado pela parte posterior, ambos os quais se demonstra, deste modo, que estão *subordinados* ao nosso Sumo Sacerdote. Ambos os pactos estão colocados sobre ele: se ele falha ao suportá-los ou falha ao levar a cabo seus termos e condições, eles caem por terra — fracassam. Mas, graças a Deus, estes pactos estão unidos e firmemente enganchados nele pelos anéis de ouro (o poder divino), como também cingidos nele pelo “cinto de obra esmerada” — um cordão feito do mesmo material que o éfode.

<sup>22</sup><sup>15</sup> Este “Cinto de Obra Esmerada” parece dizer: Este é um *servo*, e como este é o cinto do Éfode, isso nos diz que ele é “o mensageiro da aliança, a quem vós desejais.” — Mal. 3:1.

<sup>23</sup><sup>16</sup> Uma parte do Éfode que representava o Novo Pacto [ou Aliança] foi assegurada no Calvário; pois, não foi a morte de nosso Senhor, “o sangue da Nova Aliança”, da qual compartilham os seus membros? — Mat. 26:28 - ARA; 1 Cor. 10:16.

<sup>24</sup><sup>17</sup> A outra parte ainda está inacabada, à medida que o Pai celestial vê seu cumprimento no futuro: pois o Pacto Abraâmico prometeu o desenvolvimento da Semente de Abraão, por meio da qual o Novo Pacto abençoará a todo o povo, e esta Semente ainda não está completa. Verdadeiramente, nosso Senhor Jesus é a Semente, no entanto, Deus tinha previsto e predito a grande semente espiritual que incluirá ao corpo, a Igreja com a Cabeça. (Gál. 3:16, 29) E o Apóstolo indicou que a semente terrestre de Abraão também compartilhará da obra de abençoar ao mundo, ainda que, o Israel espiritual seja de fato a verdadeira semente como está escrito: “De modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre.” — Gál. 4:22-31.

<sup>25</sup><sup>18</sup> Concernente à semente natural de Abraão e como prova de que eles não serão membros do sacerdote, aquele que efetuará as bênçãos, o Apóstolo diz: “Quanto ao evangelho [a parte espiritual do Pacto], eles [a semente literal] são inimigos por causa de vós; mas quanto à eleição, amados por causa dos patriarcas, pois os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Esta será *minha aliança* [pacto] com eles, quando eu tirar os seus pecados. De Sião [a Igreja espiritual] virá o Libertador [este grande Sumo Sacerdote, o servo do Pacto — Jesus, a Cabeça, e o “pequeno rebanho”, seu corpo], e desviará de Jacó as impiedades.” Eles [Israel] serão os primeiros abençoados pela Semente espiritual ou verdadeira e podem mais tarde tornarem-se colaboradores. — Rom. 11:26-29 - ECA.



O Sumo Sacerdote  
nas Vestes Típicas da Vindoura Glória de Cristo

<sup>26</sup><sup>19</sup> Assim, depois que o Corpo de Cristo complete a “Semente” espiritual, esta promessa adicional feita a Abraão, com respeito a uma semente terrestre, deve ter um cumprimento: a semente carnal deve tomar-se grande “como a areia que está na praia do mar”; a Semente celestial será como “as estrelas do céu”, (Gên. 22:17) Eles devem se dirigir primeiro à justiça e à verdade; então eles tomar-se-ão uma agência mediante a qual a semente espiritual operará na prometida bênção de toda a humanidade com verdade e graça.

<sup>27</sup><sup>20</sup> O carmesim, azul, púrpura, etc., que compunham o éfode, indicavam as condições dos dois pactos ou alianças. O *carmesim* de□ mostra como Deus proveu a redenção a partir da maldição adâmica por meio do sangue do resgate. O *linho branco* indica a restauração do homem a sua pureza original. O *azul* concede-lhe o auxílio, a ha□

bilidade e a fé para manter seu caráter justo. A *púrpura* proclama o poder real e cooperativo do Reino. Todas estas bênçãos entrelaçam-se simultaneamente e são asseguradas pelo poder divino do Sacerdote ungido, representado no entrelaçado fio de *ouro*. Deste modo Jeová estabeleceu ambos os pactos, os quais se relacionam com o povo, e sobre aquele que é tanto poderoso como disposto para executar estas gloriosas bênçãos prometidas — “a seu devido tempo”.

<sup>28</sup><sup>21</sup> O “Peitoral do Juízo” — era colocado na frente do éfode. Estava suspenso por dois cordões de ouro desde os anéis nos ombros e era unido ao éfode por meio de um cordão, e pelos anéis de ouro — esta ligadura era tão escondida na parte inferior que, para o observador casual, poderia parecer como sendo uma parte do éfode. (Ex. 28:26-28) Este peitoral belamente representava *a Lei*; Ela não era parte do Pacto Abraâmico (éfode) mas “foi acrescentada” a ele, (Gál. 3:19 - AL21) Do mesmo modo os israelitas consideravam (não reconhecendo a misteriosa conexão), o pacto de Abraão e “a lei que veio quatrocentos e trinta anos depois”, como sendo todos uma só coisa. Mas Paulo indica-nos que havia duas sementes que Deus tinha em mente: a espiritual e a natural, e que o Pacto e a Lei eram diferentes “a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é *da lei*, mas *também* à que é *da fé*.” — Rom. 4:16.

<sup>29</sup><sup>22</sup> Esse emblema da Lei (o peitoral) era uma das mais belas partes do vestuário do Sumo Sacerdote. Era feito dos mesmos materiais que o éfode. Ele tinha em si, engastadas em ouro, doze pedras preciosas, nas quais estavam gravados os nomes das doze tribos. Era atado sobre o coração do Sumo Sacerdote indicando que era algo precioso para ele. Como uma “couraça de justiça” cobria seu coração. Aquilo que condenava toda imperfeição era seu prazer — “Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua *lei* está dentro do meu coração.” — Sal. 40:8.



<sup>30</sup><sup>23</sup> Esse peitoral era de dois palmos de comprimento e um palmo de largura, dobrado no meio, isto é, era de um palmo de comprimento e um palmo de largura quando era *dobrado*. A medida, um palmo, indica que a lei de Deus é a medida total da *habilidade de um homem perfeito*. O homem Cristo Jesus, sendo perfeito, era o único que sempre guardava a Lei perfeita de Deus sem violação, enquanto que aqueles que compõem o “pequeno rebanho”, seu Corpo, têm sua justiça imputada a eles, e por isso podem dizer verdadeiramente, “para que a justiça da lei se cumprisse em nós”.

<sup>31</sup><sup>24</sup> O fato de que era duplo e de que as partes eram do mesmo tamanho representa a *letra e o espírito da Lei*. A parte frontal continha as pedras preciosas, e era suspensa pelo cordão de ouro nos anéis de ouro do éfode. A parte inferior estava fixada ao éfode. Esta metade inferior, fixada ao éfode (pacto), parece representar a Lei em letra, como foi dada ao Israel carnal. A parte dianteira parece ilustrar o espírito da Lei *cumprido em nós*, “que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” (Rom. 8:4) Os dois são realmente um quando corretamente observados, mas somente a parte dianteira sustenta as pedras preciosas.

<sup>32</sup><sup>25</sup> O ouro puro sendo um símbolo das coisas *divinas*, e a correlação desta parte da Lei por meio de um cordão de ouro, a partir dos anéis de ouro, parece nos ensinar que a Lei é *divina*; e sabemos também que é com a ajuda divina que somos capacitados a andar — não segundo a carne, mas segundo o espírito. É esta fase da Lei que sustenta as “pedras preciosas”, engastadas em ouro, representativas do Israel verdadeiro, o “pequeno rebanho” do Senhor. “E eles serão meus, diz o SENHOR dos Exércitos, serão para mim jóias.” (Mal. 3:17) Deste modo, embutidos em ouro (a natureza divina) e sustentados pelo cordão dourado de promessas divinas, que maravilha “que a justiça da lei se cumprisse em nós”! Rom. 8:1, 4.

<sup>33</sup><sup>26</sup> Quando Arão se achava vestido ali com estas formosas vestes, tipicamente tão significativas, e ungido com o azeite sagrado, sua cabeça representava a Jesus, a Cabeça do Sacerdócio, enquanto seu corpo representava a Igreja, completa em Cristo. Quão impressionante e significativo é um tipo do Sumo Sacerdote do mundo, sem mancha, e revestido com poder e autoridade para cumprir os pactos de Jeová!

### O SUBSACERDÓCIO – “O CORPO”

<sup>34</sup><sup>27</sup> Notemos o *Corpo*, ou os membros do Sumo Sacerdote, novamente de modo individual tipificados pelos subsacerdotes, pois cada um usava uma “tiara”, cobrindo sua cabeça, para indicar que não era a cabeça do Sacerdócio, mas meramente um membro do Corpo. Deus colocou a Jesus “sobre todas as coisas [e] o constituiu como *cabeça* da igreja, que é o seu corpo.” (Efé. 1:22, 23) É por esta razão que Paulo insiste que a mulher deve cobrir sua cabeça, indicando que ela não é a cabeça: o marido e a mulher são típicos de Jesus e de sua Noiva — a Igreja dos Primogênitos.

<sup>35</sup> Os subsacerdotes vestiam-se com trajes de linho e usavam cintos. Suas vestes representavam a *justiça* de Jesus a eles imputada, e seus cintos os representavam como *servos* da justiça. O Sumo Sacerdote usava vestes muito similares durante a ocasião do sacrifício (no Dia da Expição) e guardava as gloriosas vestes após fazer a expiação.

### A UNÇÃO do sacerdote

<sup>36</sup><sup>28</sup> Assim como Arão tinha o azeite sagrado derramado sobre sua cabeça, do mesmo modo nossa Cabeça, o Senhor Jesus, foi ungi-

do com o azeite antitípico — o Espírito Santo — quando tinha cerca de trinta anos, nas margens do Jordão, no tempo de sua consagração. Ali ele foi ungido “com óleo de alegria mais do que a teus companheiros”, como *Cabeça* sobre todos os seus co-herdeiros. Uma *medida* do espírito é dada para cada membro que deste modo se consagra; mas Jeová não dava “o Espírito por medida” a Jesus. (João 3:34 [a expressão na ACF “por medida” é traduzida no NTJ como “em grau limitado”]) João viu e deu testemunho de que o nosso Sumo Sacerdote foi deste modo ungido, e Pedro acrescenta seu testemunho “concernente a Jesus de Nazaré; como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder.” — João 1:32; Luc. 4:1; Atos 10:38 - IBB.

<sup>3729</sup> O azeite da unção era derramado *somente* sobre a cabeça. Os subsacerdotes não foram ungidos individualmente.\*<sup>30</sup> Eles foram reconhecidos como membros do corpo do Sumo Sacerdote, e receberam sua unção somente nele como sua cabeça. Por esta razão os sacerdotes antitípicos são meramente participantes do espírito de Cristo, e somente aqueles que estão *em* Cristo Jesus são participantes da unção que sela a todos os que serão reconhecidos como os herdeiros das promessas de Deus, e co-herdeiros com Jesus Cristo seu Senhor. — Efé. 1:13, 14; 4:30.

<sup>38</sup> O azeite que “desce à orla das suas vestes [vestes do Sumo Sacerdote]” (Sal. 133:2), representa como todos os membros do Corpo de Cristo devem ser portadores da mesma unção *depois* de sua Cabeça. “A unção que vós *recebestes dele*, fica em vós.” (1 João 2:27) Este azeite começou a ser estendido *ao Corpo*, no dia do Pentecostes, e derramou-se através desta Era Evangélica, ungiendo a todos os que foram verdadeiramente batizados *em Cristo*, constituindo-os, com sua Cabeça — reis e sacerdotes de Deus, para reinarem por mil anos. — Apo. 20:6.

<sup>39</sup>31 Portanto, vemos que Arão, vestido em trajes cerimoniais e ungido, representava a totalidade do Cristo — a Semente completa de Abraão, por meio da qual Deus está prestes a abençoar todas as famílias da Terra. Mas não devemos nos esquecer de que temos sido observadores do Grande Libertador a partir do ponto de vista de Deus, e com ele contemplando a época de sua manifestação — a aurora do Dia Milenar — quando todos os membros deverão ter vindo ao Corpo, e quando o “óleo santo” derramar-se-á descendo “até a orla das suas vestes”, unguendo a cada membro. (Lev. 10:7) A partir daí, ele dará início à obra de abençoar o gênero humano. Pelo glorioso reino deste Sacerdote Real constantemente oramos: “Venha o teu reino, seja feita tua a vontade, assim na terra como no céu”.

---

**1 § 1-2:** O que tipificava frequentemente a nação de Israel?

**2 § 3-4:** O que tipificou Israel com respeito ao Tabernáculo? 5. O que tipificaram os levitas?

**3 § 5-7:** O que tipificou o sacerdócio de Arão?

**4 § 8:** Quem é a cabeça do sacerdócio antitípico?

**5 § 9:** Qual é o significado de que a tribo de Levi existia antes que o sacerdócio fosse instituído?

**6 § 10-11:** Qual é o significado do fato de que na ordenação do sacerdócio o sacerdote principal sempre era o primeiro?

**7 § 12:** O que significou e tipificou a cerimônia da unção?

**8 § 13:** Qual foi o significado do lavamento de Arão antes de se vestir com as vestes sagradas para “glória e ornamento”?

**9 § 14-15:** Quais foram as vestes sagradas para “glória e ornamento” do Sumo Sacerdote e daí o que tipificaram em geral?

**10 § 16:** O que representou a “pinica” branca de linho?

**11 § 17-18:** O que era a “mitra” e daí o que ela tipificou? Descreva a lâmina de ouro ou “coroa”. O que ela tipificou e por que era fixada com um cordão azul à “mitra”?

**12 § 19:** Qual foi o significado do “cinto de linho”?

**13 § 20:** Descreva o “manto do éfode”. O que significaram a cor azul e os sinos de ouro e os adornos em forma de romã?

**14 § 21:** Como era feito o “éfode”? Qual era o significado das suas duas partes com os anéis de ouro?

**15 § 22:** O que significava o “cinto de obra esmerada”?

**16 § 23:** Com respeito à declaração, “uma parte do Efode que representava o Novo Pacto [ou Aliança] foi assegurada no Calvário”, são todos os membros de Seu corpo incluídos com a Cabeça nesta obra de selar o Novo Pacto? Tem terminado o grande Sumo Sacerdote a obra de selar e confirmar o Novo Pacto? Já entrou em vigor o Novo Pacto ou será que tudo se cumprirá com a passagem mais além do véu do último membro do Corpo, a aspersão do sangue da oferta pelo pecado, e a aparição deles em vestimentas de glória para a bênção do povo?

**17 § 24:** Por que ainda está incompleta essa parte do “éfode” que representa o Pacto Abraâmico? O que quer dizer a expressão a “Semente de Abraão”?

**18 § 25:** Como sabemos que os da semente natural de Abraão não serão membros do grande Sumo Sacerdote antitípico?

**19 § 26:** Que parte terá o Israel segundo a carne em cumprir o Pacto Abraâmico e debaixo de que condições?

**20 § 27:** O que significavam as cores do “éfode”?

**21 § 28:** Como se colocou o “peitoral do juízo” e daí o que representou? Como considerou Israel segundo a carne o Pacto (representado pelo éfode) e a Lei (representada pelo peitoral) e por quê?

**22 § 29:** Descreva o emblema da Lei (o peitoral). Por que ele ficava atado sobre o coração do Sumo Sacerdote?

**23 § 30:** Quais eram as dimensões do peitoral? Qual o significado do fato de que possuía um palmo de comprimento e um palmo de largura quando era dobrado?

**24 § 31:** Qual o significado do fato de que era duplo e daí o que significava cada parte?

**25 § 32:** Qual é o significado precioso do fato de que o peitoral era suspenso por um cordão de ouro a partir dos anéis de ouro do “éfode”?

**26 § 33:** O que representou Arão quando se vestiu nestas formosas vestes e foi unguído com o azeite santo [o azeite ou óleo da unção — Êxo. 29:7 — ACF, ARC, ARA]?

**27 § 34-35:** Como se vestiam os subsacerdotes, “o corpo” e qual foi o significado de suas vestes? Que bela e apropriada aplicação antitípica faz o Apóstolo Paulo em conexão com isso quanto à Igreja da Era Evangélica?

**28 § 36:** Como se aplicou o azeite de unção e daí o que tipificou principalmente esta cerimônia?

**29 § 37-38:** Por que o azeite de unção foi derramado somente sobre a cabeça de Arão e não sobre os subsacerdotes? Qual é o antítipo desta unção em seu significado secundário?

**30 \*** Êxodo 30:30 refere-se à unção de Arão e *seus filhos*. A ideia é que cada filho de Arão que se sucedeu no ofício de Sumo Sacerdote deveria ser ungido cada um por sua vez, assim como o próprio Arão foi ungido no começo.

**31 § 39:** A partir de que ponto de vista devemos considerar a Arão vestido e ungido do modo mencionado anteriormente?

### Capítulo III – A consagração do sacerdócio (Levítico 8:14-33)

**Separados para o serviço de Deus — “Sê fiel até à morte” — “Santificai-vos” e “Eu vos santifico” — Os novilhos e os carneiros da consagração — O azeite da unção da consagração.**

<sup>11</sup> A CONSAGRAÇÃO do Sacerdócio era típica da consagração da natureza humana do Senhor Jesus e de seu Corpo, a Igreja, para a vontade de Jeová — a obediência de Jesus até a morte, e a obediência dos membros de seu Corpo que sofrem com ele por causa da justiça “até a morte”. O inteiro Corpo, representado pelos filhos de Arão (bem como a Cabeça, representada na pessoa do próprio Arão), é, pelo antitípico sacrifício, produzido durante a Era Evangélica e consagrado para sua futura obra como reis e sacerdotes, para restaurar, abençoar e governar à humanidade. Esta consagração significa entregar-se de TODO o seu ser para a vontade de Deus em seu serviço. Mas este propósito dos sacrificadores torna-se a oportunidade de Jeová, quando estes sacerdotes consagram tudo o que tem, tudo o que são, e todas as suas esperanças como seres humanos, dedicando ou sacrificando estas coisas para a destruição, para deste modo se tornarem co-sacrificadores juntamente com Jesus seu Redentor., e

assim, ao aceitar seus sacrifícios, Jeová passa a gerá-los a uma nova natureza — a natureza espiritual. E não somente isto, mas também como uma recompensa pela fidelidade, Ele promete dar-lhes a elevada ordem de existência espiritual — a natureza divina: e imediatamente eles são contados como filhos espirituais de Deus. — Gál. 4:4-7; 2 Ped. 1:4.

### “SÊ FIEL ATÉ À MORTE”

<sup>22</sup> Que alguns que se consagram em sacrifício, e deste modo se unem pelo vínculo do “sacerdócio real”, não irão atingir o futuro serviço real, é também indicado nestes tipos, tanto quanto é expressamente declarado no Novo Testamento. Uma classe será salva, “todavia como pelo fogo”, “são os que vêm da grande tribulação”, mas perderão o prêmio pelo qual começaram a correr na consagração, porque não avaliaram com precisão, nem de modo suficiente, o seu privilégio de se sacrificarem como sacerdotes — não foram suficientemente zelosos para sofrer com ele, o Sumo Sacerdote. Sobre estes consideraremos especificamente mais tarde quando examinarmos os sacrifícios do Dia da Expição.

<sup>33</sup> Outra classe daqueles que se consagram como sacerdotes, mas que não atingem as bênçãos *reais* prometidas a estes sacerdotes, será destruída na Segunda Morte. Estes são trazidos claramente a nossa atenção pelo Novo Testamento (Heb. 6:4-6; 10:28-31; 1 João 5:16), e são ilustrados também nos tipos ou sombras do serviço do Tabernáculo.

<sup>44</sup> Os quatro filhos de Arão representavam primeiramente o subsacerdócio, mas dois deles foram destruídos — correspondendo às duas classes descritas acima, ambas as quais falharam com respeito ao sacerdócio real; uma delas sofre a Segunda Morte, a outra se salva



dela “todavia como pelo fogo” — a tribulação, a purificação. E como Arão e os dois outros filhos foram proibidos de fazerem lamentação por seus irmãos, que foram cortados deste modo, isto significa que todos os fiéis dos sacerdotes reconhecerão a justiça das decisões divinas, e se submeterão a elas em humilde submissão, dizendo, “justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos.” Isto certamente traz uma bênção para os fiéis, conduzindo-os a um grande zelo, dizendo: “Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás.” — Lev. 10:1-7; Apo. 15:3; Heb. 4:1.

#### “SANTIFICAIS-VOS” e “Eu vos santifico”

<sup>55</sup> O convite para que o crente justificado se consagre, se santifique, ou se separe no serviço divino, é um convite para sacrificar os interesses e os direitos terrestres. E a promessa da parte de Deus é que tais sacrifícios serão santos e aceitáveis mediante o mérito de nosso Redentor, e que, em troca, Ele aceitar-nos-á como novas criaturas, gerando-nos à nova natureza pelo Espírito Santo da verdade. Deste modo, Deus santifica ou separa àqueles que se reconhecem como novas criaturas santas.

<sup>66</sup> O serviço típico da consagração realizado sobre os sacerdotes típicos aponta às duas partes da consagração — nossa parte na entrega da natureza humana e seus direitos, e a parte de Deus na aceitação de nosso sacrifício, e a separação e o ato de reconhecer-nos como novas criaturas. A nova natureza espiritual foi representada em Arão e seus filhos; e a natureza terrestre sacrificada foi representada nos novilhos e nos carneiros oferecidos no altar. — Lev. 8:14-33.

<sup>77</sup> O *novilho* da oferta pelo pecado foi trazido, “e Arão e seus filhos puseram as mãos sobre a cabeça do novilho”; e acerca disso,

portanto, declaram: Este sacrifício nos representa. A partir desse momento, tudo o que aconteceu com o novilho representava o que havia de acontecer com Jesus e seu Corpo, a Igreja, como seres humanos. O novilho foi entregue à “Lei” (representada por Moisés), para satisfazer suas exigências para com Israel, típico da humanidade em geral. Para satisfazer as exigências da Lei ele tinha que morrer — “e [Moisés] o degolou.” Depois, “Moisés tomou o sangue, e pôs dele... sobre as pontas do altar em redor.” [As versões ARA e ECA usam o termo “chifres” ao invés de “pontas” usado pelas versões ACF, AC e IBB] O “dedo” da “Lei”, portanto, indicava que o altar de sacrifícios terrestres era agradável a Deus por causa do sangue derramado, (a entrega da vida), e todos aqueles que compreendem o poder do altar (os chifres [ou ‘pontas’] são símbolos de poder) têm de reconhecer *primeiro* o sangue que santifica. O sangue derramado sobre a base do altar demonstra que mediante o sangue do sacrifício (da vida entregue), a *terra* certamente foi comprada de volta da maldição, “para redenção da posse *adquirida*.” — Veja Efé. 1:14.

<sup>88</sup> E Moisés tomou o novilho com sua pele, com sua carne, etc., e queimou-o com fogo fora do acampamento [ou arraial] . (versículo 17) Deste modo, a natureza humana completa de Cristo — Cabeça e Corpo — “é sacrifício pelo pecado”, sofrendo a destruição pela qual o mundo foi condenado, e da qual, por meio deste sacrifício, finalmente será libertado o *mérito* sendo à base do sacrifício de nosso Senhor Jesus, nós, seus “irmãos”, somos *privilegiados* para completar ou cumprir o que falta das aflições dele, como “membros de *seu* Corpo”. (Col. 1:24 [veja Efé. 5:30]) Mas enquanto que a natureza humana do sacerdócio real destrói-se como uma coisa vil aos olhos do mundo, conforme representado pela queima do novilho fora do “Acampamento”, Deus aceita a devoção de coração que inspira ao sacrifício, que diz: “Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade.” “Deleição

to-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu.” Isto foi representado pela oferta no altar da gordura e das partes internas do organismo que produzem a vida, como um “cheiro suave” ao Senhor.

<sup>92</sup> Outras características da mesma consagração foram indicadas pelos dois carneiros mencionados nos versículos 18 e 22. O primeiro mencionado foi o carneiro para o holocausto. Arão e seus filhos puseram as mãos sobre a cabeça do carneiro, indicando, portanto, que ele os representava. Moisés degolou-o; aspergiu o sangue sobre o altar ao redor; “e partiu também o carneiro nos seus pedaços”, “porém a fressura [entranhas] e as pernas lavou com água” e “queimou [dele], a cabeça, e os pedaços, e a gordura.” Assim também durante toda a Era. Evangélica Jesus e seu Corpo, a Igreja, se apresentam, membro por membro, perante Deus no altar, e não obstante todos são contados *juntos* como um só sacrifício. Pôs-se a Cabeça no altar primeiro., e desde então todos aqueles que estão “mortos com ele”, e limpos, como no tipo, com o lavamento da água — pela Palavra — se reconhecem como deixados com a Cabeça sobre o mesmo altar. A queima da oferta no altar demonstra como Deus aceita o sacrifício, como um “cheiro suave”.

<sup>1010</sup> O segundo carneiro, “o carneiro da consagração”, demonstrou que efeito o sacrifício terá sobre nós, assim como o primeiro demonstrou de que maneira Deus recebe nosso sacrifício. Arão e seus filhos puseram as mãos sobre a cabeça do carneiro da consagração, demonstrando, portanto, que ele os representava. E tendo queimado o carneiro, tomou o sangue deste (a *vida* consagrada) e o colocou sobre cada um separadamente, demonstrando assim, que nossa consagração é uma obra individual. E também o pôs [o sangue] sobre a ponta da orelha direita, sobre o polegar da mão direita, e sobre o polegar do pé direito. Isto significa que pela nossa consagração somos capacitados para “ouvir com fé”, e apreciar as promessas de Deus

como ninguém é capaz, mas somente aquele que é consagrado. Nossas mãos são consagradas para que tudo que nos venha a mão para *fazer*, e o fazemos conforme as nossas forças para o Senhor. Nossos pés são consagrados, para que daqui em diante nós “não mais *andemos*] como também andam os gentios”, mas “*andemos nós também em novidade de vida*”, “*andainas por fé*”, “*andemos também em Espírito*”, “*andemos na luz*”, “como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também *andai nele*.” — Versículos 23, 24.

<sup>11</sup>11 As porções escolhidas do carneiro, “os intestinos” [suas partes internas —“entranhas”] e a “gordura”, representam nossos sentimentos essenciais, nossas *melhores capacidades*. Estes foram tomados pelas mãos dos sacerdotes e “*movidos*” — de um lado ao outro perante o Senhor — representando o fato de que uma oferta consagrada não se dá ao Senhor por um momento, num dia ou num ano, mas antes, que nos consagramos para mantermos continuamente elevadas as nossas afeições e forças, de modo incessante até que sejam aceitos por ele como prova de termos terminado nosso curso. E Moisés tomou a oferta movida retirando-a das mãos deles (os sacerdotes não a punham de lado) e a aceitação de Deus foi demonstrada pelo fogo. Igualmente nós, o “sacerdócio real”, não podemos resignar ou cessar de oferecer todas as nossas capacidades no serviço de Deus enquanto as temos, não até que todas elas sejam consumidas em seu serviço, ou senão até que Deus diga: Isto é suficiente — venha para o alto. Quando o amor (“a gordura”) do mais íntimo de nosso ser está ali posto sobre o altar, isto ajuda a aumentar o fogo da aceitação de Deus. Quanto mais amor há em união com nossa consagração a Deus, tanto mais rapidamente Ele consumirá a nossa oferta.

<sup>12</sup>12 Sobre esta “oferta movida”, enquanto ainda estava em suas mãos, foram postos três pães de um cesto. Esta oferta foi posta por

Moisés sobre as mãos tanto do Sumo Sacerdote como dos subsacerdotes.



Um Sacerdote – Em Trajes de Linho

<sup>13</sup><sup>13</sup> O primeiro [pão], uma massa sem fermento [“bolo ázimo”], representa a pureza real de Jesus como homem, e a pureza imputada da Igreja como homens, como atestado pela Lei (de Moisés) — a *justificação* — “para que a justiça da lei se cumprisse em nós”, durante o tempo em que somos aceitos como membros de seu corpo. (Rom. 8:4) O segundo [pão], uma massa sem fermento, amassada com azeite [“bolo de pão azeitado”], representa o espírito de Deus que habita em nós — a *santificação*. O terceiro, uma obreia [“coscorão”],

representa nossa esperança e fé nas preciosas e grandiosas promessas de glória, honra e imortalidade.

<sup>14</sup><sup>14</sup> Sem estes elementos é impossível que nossa consagração seja completa, e desse modo, aceitável; a saber: a *Justificação* (pureza), e a *Santificação* pelo Espírito, por meio da fé na verdade, e a fé na *Glorificação* prometida.

<sup>15</sup><sup>15</sup> O azeite da unção misturado com o sangue da consagração foi aspergido sobre Arão e seus filhos (versículo 30), ensinando que nossa consagração se toma aceitável somente porque somos justificados pelo sangue precioso de nosso Redentor; portanto, se diz que somos aceitos somente “no Amado”. — Efésios 1:6.

<sup>16</sup><sup>16</sup> O cozimento da carne da consagração (versículo 31) não era parte do sacrifício era somente a preparação da porção que seria comida. Tudo era para ser consumido (versículo 32), demonstrando assim que devemos estar completa e inteiramente consagrados, e nada de nosso tempo e força deve ser desperdiçado.

<sup>17</sup><sup>17</sup> Os *sete dias* da consagração (versículos 33, 35) demonstram novamente que somos consagrados ao serviço de Deus, e não somente por uma parte de nosso tempo, mas pelo tempo todo. Sete, nas Escrituras, é um número completo, e significa *tudo* ou a *totalidade* do que se aplica. (“Sete selos”, “sete trombetas”, “sete pragas”, etc.) O versículo 36 destaca o cumprimento da obra da consagração.

<sup>18</sup><sup>18</sup> Nunca houve uma época em que fosse mais necessário, do que agora, de que todos aqueles que são consagrados como sacerdotes assegurem-se de que estejam “mortos com Ele”, e de que toda nossa habilidade [como uma oferta] movida esteja diante de Deus, para que Ele possa aceitar e fazer uso de nossos talentos para sua glória. Este é um assunto de especial interesse para os que entendem o ensino das Escrituras de que, muito em breve, todos os membros do *Corpo* serão aceitos com a *Cabeça*, um cheiro suave ao Senhor [Je

ová]; e que a obra do ato de abnegação estará então concluída, e assim, começará a obra gloriosa de abençoar a humanidade e o cumprimento do Pacto ou Aliança de Deus.

<sup>1919</sup> A consagração antitípica dos sacerdotes antitípicos limita-se à presente Era [Evangélica]. Esta progrediu constantemente desde que nosso Senhor e Precursor “se ofereceu a si mesmo” — e concluir-se-á antes que esta era tenha terminado por completo. Caso falhemos em estar entre os sacerdotes agora, durante o tempo da consagração, não teremos a possibilidade de ser um deles quando começar seu serviço para o povo no Reino, quando estes mesmos sacerdotes (agora desprezados pelos homens, mas um “cheiro suave ao Senhor [Jeová]”) terão o título de Rei acrescentado a eles, e estarão dispostos, com sua Cabeça, Jesus, a governar e abençoar a todas as nações. (Apo. 20:6) Almejamos sinceramente estar entre aqueles que cantarão para o louvor de nosso grande Sumo Sacerdote, pois “para o nosso Deus nos fizeste reis e sacerdotes, e reinaremos sobre a terra”. Neste caso, isto se dará, se estivermos plenamente consagrados agora, pois é somente assim “se sofremos” que “também com ele reinaremos”. — 2 Tim. 2:12.

### **A oração dos subsacerdotes**

“Vitorioso Sumo Sacerdote! Não mais em vestes manchadas  
Deves sacrificar o destino próximo;  
Nem mais com medo do pecado serás afligido.  
O grande preço da redenção está pago, a glória — elevada obtida,  
E logo para abençoar deves tu aparecer!

“Todo glorioso Sumo Sacerdote! Todo poder no céu e na Terra,

Toda graça e amor tu fazes possuir!  
Como legítimo Rei dos reis e Senhor dos senhores, te destacas!  
Enquanto jubilosas trombetas proclamam teu honrado nome e valor,  
E prostradas hostes tua exaltação confessam.

\* \* \*

“Ó misericordioso Sumo Sacerdote! Ó terno advogado,  
O infalível Amigo do penitente,  
Ainda comovido por sentimento pelas nossas aflições e humilde  
estado!

A futura obra da graça por todos antecipai,  
E agora, sobre nós, tua bênção enviai!”

---

**1 § 1:** O que tipificou a consagração do sacerdócio de Israel? Qual é o *objetivo* da consagração antitípica? O que significa esta consagração? Qual é o resultado *atual* e a prometida recompensa *futura* para os que assim se consagram?

**2 § 2:** Todos os que se consagram, em sacrifício, atingirão o alvo do futuro serviço real? Por que uma classe deve passar pela “grande tribulação” para que se salvem?

**3 § 3:** Como destacam as Escrituras que haverá uma classe de sacerdotes que serão destruídos na Segunda Morte?

**4 § 4:** Como representaram o tipo dos filhos de Arão estas duas classes que perderam o prêmio? Por que foram proibidos a Arão e seus dois outros filhos fazerem lamentação por seus irmãos que foram cortados deste modo?

**5 § 5:** Quem está convidado para se sacrificar e daí o que significa este convite? Quais são as *condições* de nossa aceitação e geração da parte de Deus?

**6 § 6:** Que duas partes de nossa consagração foram apontadas pelo serviço típico da consagração? Como foram representadas no tipo as naturezas *espiritual* e *humana*?

**7 § 7:** O que se passou primeiro com o novilho e daí o que isto significou? (Veja Levítico 1:4) Por que foi entregue depois o novilho a Moisés e daí o que isto significou? Por que pôs Moisés com seu dedo o sangue sobre os chifres ou pontas do altar ao redor e daí o que significou o sangue derramado sobre a base do altar?



**8 § 8:** O que se passou com a pele, a carne, etc., do novilho e daí o que isso tipificou? O que representou a devoção de coração que inspira ao sacrifício?

**9 § 9:** O que se passou com “o carneiro para o holocausto” e daí o que isso tipificou?

**10 § 10:** Brevemente, o que significaram “o carneiro do holocausto” e “o carneiro da consagração”? O que se passou com “o carneiro da consagração” e daí o que isto demonstrou?

**11 § 11:** Qual foi o significado de os sacerdotes *moverem* as porções escolhidas do carneiro perante o Senhor? Por que Moisés *tomou* “a oferta movida” das mãos dos sacerdotes?

**12 § 12:** O que foi posto sobre “a oferta movida” enquanto ainda estava nas mãos dos sacerdotes?

**13 § 13:** O que representaram as “três massas”?

**14 § 14:** Por que foram estas a parte necessária do serviço típico?

**15 § 15:** Qual é o significado do derramamento do azeite da unção misturado com o sangue sobre Arão e seus filhos?

**16 § 16:** Por que se cozinhou e comeu-se a carne?

**17 § 17:** O que tipificaram os *sete dias* da consagração? (Veja Êxo. 29:30, 35, 37)

**18 § 18:** Por que é especialmente necessário *agora* que todos os que se consagram assegurem-se de que estejam “mortos com Ele”?

**19 § 19:** Quando terminará toda a oportunidade de se entrar no Sacerdócio Real?

## Capítulo IV – O grande “Dia da Expição” (Levítico 16:3-33)

**A ordem do tipo e seus significados antitípicos — O novilho — O sacerdote — A entrada no Santo com o sangue — O incenso, o cheiro suave e o cheiro mau — A entrada do santíssimo — O bode para Jeová — O bode para Azazel — A bênção do povo.**

<sup>1</sup> O DIA DA EXPIAÇÃO deve ser considerado separadamente como um tipo, mas ao mesmo tempo, também, como sendo uma parte relacionada com os outros tipos do Tabernáculo. Realmente, cada um desses tipos são *ilustrações* separadas, por assim dizer. Cada um tem o seu próprio objetivo e ensina suas próprias lições, e não obstante, estão em concordância — são como que partes de uma galeria de arte, harmoniosas como a obra de um grande Artista. Em todos eles temos que olhar primeiro à Cabeça e em seguida ao seu Corpo, os subsacerdotes, a Igreja.

<sup>2</sup> Para entendermos o significado do Dia da Expição e sua obra, devemos compreender que ainda que nosso Senhor Jesus seja, em pessoa, o Sumo Sacerdote para o subsacerdócio, todavia, a Igreja Evangélica, “seu Corpo”, no mais pleno e total sentido, é a Cabeça e nós somos os membros do Corpo do Sumo Sacerdote do mundo.

Certamente Arão era o chefe sobre seu subsacerdócio, ainda que em seu sentido usual e peculiar, e representando aos subsacerdotes, te□nha sido ordenado para ministrar como Sumo Sacerdote “*de todo o povo*” de Israel — os representantes típicos de toda a humanidade, desejava em ter a expiação feita por seus pecados e de retornarem ao favor divino e à obediência.

<sup>32</sup> A consagração do sacerdócio antitípico inclui a todos os mem□bros do Corpo, e requer nada menos que toda a Era Evangélica para completá-la. Do mesmo modo, isso se dá também com respeito à oferta pelo pecado, ou o sacerdócio da expiação. Isto começou com a Cabeça, e nós, os membros de seu Corpo, cumprimos o que falta das aflições de Cristo. E esses sofrimentos requerem nada menos que toda a Era Evangélica para completá-los. — 1 Ped. 4:13; Rom. 8:17; 2 Cor. 1:7; 4:10; Fil. 3:10; Col. 1:24; 2 Tim. 2:12; 1 Ped. 5:1, 10.

<sup>43</sup> O “Dia da Expição”, que no tipo era somente um dia de vinte e quatro horas, no antítipo vemos que isto abrange toda a Era Evan□gélica. E com o seu encerramento os sacrifícios cessam, para dar iní□cio à glória e à bênção. Assim, o grande Sumo Sacerdote do mundo (Jesus e sua Noiva, feitos *um* — a Cabeça e os membros completos) mostrar-se-á coroado como Rei e Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, um Rei de Paz — um Sacerdote sobre seu trono. — Heb. 5: 1 0.

<sup>54</sup> Ali ele estará de pé diante do mundo (manifesto, reconhecido, mas *despercebido* pela visão natural), não somente como Rei e Sacer□dote, mas também como o grande Profeta — “O Senhor vosso Deus levantará de entre vossos irmãos um profeta semelhante a mim [Moisés]; . . . [e] toda a alma que não escutar esse profeta será exter□minada dentre o povo.” Quando, durante o reino milenar de Cristo na Terra, debaixo do governo e dos ensinamentos desse grande Profeta, Sacerdote e Rei, o gênero humano for conduzido ao conhecimento e

habilidade perfeitos, será então exigida a perfeita obediência, e todo aquele que não prestar tal obediência será cortado da vida sem qualquer outra esperança — sofrerá a segunda morte. — Atos 3:22, 23.

<sup>65</sup> No fim da Era Judaica, Jesus ofereceu a si mesmo individualmente a Israel como profeta, sacerdote e rei, típico ou ilustrativo da oferta de todo o Corpo: o Cristo completo e glorificado, para o mundo inteiro. Como profeta ele os ensinou; como sacerdote “ofereceu a si mesmo” (Heb. 7:27); e como Rei entrou na cidade deles no fim de seu ministério montado sobre um jumentinho. Mas eles não o receberam em nenhum destes ofícios. Durante a Era Evangélica sua Igreja ou Corpo reconheceu-o como um “mestre, vindo de Deus” — ou grande Profeta; como o “Sumo Sacerdote da nossa confissão”; e como o Rei legítimo, por direito. A Palavra de Deus ensina, no entanto, que ele será aceito não somente pela Igreja, mas que também ele (junto com seu Corpo, a Igreja) será o Profeta *de todo o povo*, o Sacerdote *de todo o povo*, e o Rei *sobre todos os povos, nações e línguas*; o “Senhor *de todos*”, Sacerdote *de todos*, e Profeta ou mestre *de todos*.

<sup>7</sup> Na consagração do sacerdote típico vimos Arão e seus filhos representando nosso Senhor Jesus e ao seu Corpo como “novas criaturas”, e um novilho representando sua humanidade. Mas no tipo, que consideraremos agora, encontramos Arão representando somente ao inteiro Único Ungido (Cabeça e Corpo), e dois diferentes sacrifícios, um novilho e um bode. Aqui são usados para representar a separação, mas ao mesmo tempo a similaridade no sofrimento, do Corpo e de sua Cabeça, como “sacrifício pelos pecados”.

**O PRIMEIRO SACRIFÍCIO do Dia da Expição — o novilho**

<sup>8</sup> O novilho representava Jesus à idade de trinta anos — o HO□ MEM *perfeito*, o qual se deu a si mesmo e morreu a favor de nós. O Sumo Sacerdote, como vimos, representava a “nova” natureza de Jesus, a Cabeça ungida e todos os membros de seu Corpo previstos por Deus. A distinção que se faz aqui entre a “humana” e a “nova criatura” deve ser entendida e claramente lembrada. “Jesus Cristo, *homem*<sup>\*6</sup>, o qual se deu a si mesmo” à idade de trinta anos, era aquele que previamente era rico (de uma elevada natureza), mas a favor de nós se fez pobre; isto é, tornou-se *um homem*, para que pudesse dar o único resgate possível pelo povo — a vida de um homem perfeito. — 1 Cor. 15:21.

<sup>9Z</sup> Já que a penalidade pelo pecado do homem era a morte, foi necessário que nosso Redentor se tornasse um homem, “*se fizesse carne*”, pois, de outro modo, não poderia redimir ao gênero humano. Um homem havia pecado, e a pena era a *morte*; e se nosso Senhor queria pagar a pena era essencial que devesse ser da mesma natureza (mas imaculado, separado do pecado e da raça dos pecadores), e morresse como *substituto* de Adão, pois, caso contrário, o gênero humano nunca poderia ser libertado da inerte. Para fazer isto o homem, Jesus, sacrificou “*tudo o que tinha*” — a glória como homem perfeito, a honra que como homem perfeito podia reivindicar, e finalmente, *a vida como homem perfeito*. E isso era tudo o que tinha, (exceto a promessa de Deus de uma *nova* natureza, e a *esperança* que essa promessa gerou); pois ele havia mudado o seu ser ou existência espiritual para o humano, do qual ele fez um “sacrifício pelo pecado”, e que foi tipificado pelo novilho no Dia da Expição. — João 1:14; Isa. 53:10.

<sup>108</sup> Mas já que “Cristo Jesus, homem” se deu a *si mesmo* como nosso PREÇO DE RESGATE, conclui-se então que ele não pode ser restaurado àquela *humanidade* que havia dado. Se ele retirasse o pre□

ço do resgate, nós, os redimidos, novamente cairíamos debaixo da condenação da morte. Mas, graças a Deus, seu sacrifício permanece para sempre, para que possamos ser libertos para sempre da culpa adâmica e de sua penalidade, a morte. Se o Pai desejasse conferir a Jesus *alguma* honra, glória, ou vida como *galardão* [*recompensa*] por sua obediência até a morte, teria que ser a glória, honra, e vida em algum outro plano de existência diferente do [plano] humano.

<sup>119</sup> Dessa forma o desígnio de Jeová para Jesus era, a saber, de que ele o exaltaria soberanamente acima do plano humano, e acima de sua condição pré-humana; sobre todos os anjos, principados, e potestades, a Sua própria mão direita (uma posição de favor *superior*, após Jeová) e o tornaria participante da imortalidade — a natureza divina. Por estas e outras alegrias que lhe foram propostos, Jesus “suportou a cruz, desprezando a afronta” e “assentou-se à destra da Majestade nas Alturas”. — Heb. 12:2; Fil. 2:9; Heb. 1:3, 4.

<sup>1210</sup> A *nova* natureza que nosso Senhor recebeu em lugar da natureza humana, e como recompensa por seu sacrifício, é tipificada aqui pelo Sacerdote. Ainda que seja verdade que o sacrifício do *humano* não foi concluído antes da cruz, e que a recompensa, a natureza *divina*, não foi recebida plenamente antes da ressurreição três dias mais tarde, não obstante, do ponto de vista de Deus — e conforme demonstrado neste tipo — a morte de Jesus (o novilho) foi considerada como completa quando Jesus *apresentou-se a si mesmo como um sacrifício vivo*, simbolizando sua morte no batismo. Ali ele considerou-se a si mesmo *morto* — morto para todos os propósitos humanos, para as esperanças da glória humana, honra ou vida — no mesmo sentido que nós, seus seguidores, somos exortados a nos considerarmos mortos para o mundo, mas vivos para Deus como *novas* criaturas. — Rom. 6:11.

<sup>13</sup> Esta aceitação do sacrifício de Jesus por Jeová, no tempo de sua consagração, considerando-o como se já estivesse concluído, e ele [Jesus] como se já estivesse realmente morto, foi indicada pela unção com o Espírito Santo — “o penhor” ou garantia do que ele receberia quando a morte verdadeiramente lhe sobreviesse.

<sup>14</sup> Considerando-se o assunto desta maneira vemos que a morte do novilho tipificou a oferta de Jesus de si mesmo, quando ele consagrou-se a si próprio. Isto está em harmonia com a declaração do Apóstolo com respeito à consagração de Jesus ou o oferecimento de si mesmo. Ele cita o Profeta, dizendo: “Estou aqui, no rolo do livro está escrito a meu respeito, para fazer, ó Deus, a tua vontade” — para morrer e redimir muitos. *Ali*, diz o escritor inspirado: “Ele invalida o primeiro [isto é, põe de lado os sacrifícios típicos], para estabelecer [ou cumprir] o segundo [o antítipo, o verdadeiro sacrifício pelos sacrifícios]”. Heb. 10:7, 9, 14 - AL21.

<sup>15</sup> Sim; ali a matança da oferta pelo pecado, tipificada pelo novilho, aconteceu; e os três anos e meio do ministério de Jesus demonstram que toda a *vontade humana estava morta*, e seu corpo humano também foi considerado como que morto, desde o momento da consagração.

<sup>16</sup> O ungido Jesus, que ficou cheio com o Espírito Santo, no momento de seu batismo, era a *divina “nova criatura”* (ainda que não *aperfeiçoada* como divina até a ressurreição). E essa relação ele sempre reivindicava, dizendo: “As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo [como um homem], mas o Pai, que está em mim [por seu Espírito], é quem faz as obras.” “A palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou”. (João 14:10, 24) “Não se faça a minha vontade [como homem], mas a tua [o Pai celestial]” neste e a este “vaso de barro” consagrado para morrer. — Luc. 22:42

<sup>17</sup><sup>11</sup> O novilho era degolado no “Átrio”, o qual, como vimos, tipificava a condição de fé em Deus e em harmonia com Ele, a consequência mais elevada da carne, a natureza humana. Jesus estava nesta condição, um homem perfeito, quando se ofereceu a si mesmo (o novilho no tipo) a Deus.

<sup>18</sup><sup>12</sup> Deixemos guardadas na memória estas distinções enquanto examinamos cuidadosamente a obra do típico Dia da Expição, para que possamos entender mais claramente as realidades antitípicas. Arão lavava-se, para representar adequadamente a pureza, a inocência, da “nova criatura” — a Cabeça e os membros de seu Corpo. (“Todo aquele que é gerado de Deus, não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; e não pode pecar, porque tem sido gerado por Deus.” — 1 João 3:9, *Emphatic Diaglott* [em português: *O Diálogo Enfático*]) A nova criatura não pode pecar, e seu dever é manter uma vigilância constante sobre a velha natureza, considerada como morta, a fim de que não venha a viver novamente. Visto que a velha natureza deseja dividir o controle com a nova, isso implica em que ela não está morta, e que a nova não venceu. Pois o *triunfo* da velha natureza significaria a *morte* da “nova criatura” — “a segunda morte”.

<sup>19</sup><sup>13</sup> Arão vestia-se para o serviço do “Dia da Expição”, não com suas “vestes para glória e ornamento” usuais, mas com as vestes de *sacrifício*, a “veste de linho”, símbolos da pureza — as obras justas dos santos. A túnica de linho era um *penhor* [ou *garantia*] do glorioso manto, que levava em seguida; o “cinto de linho” representava-o como um servo, ainda que não tão poderoso como no fim do “Dia da Expição”, quando se cingia com o “cinto de obra esmera” do éfode; a mitra de linho, sendo a mesma que pertencia às vestes gloriosas, proclamava a justiça perfeita de nossa Cabeça tanto durante o sacrifício, como após ele. Então, o antitípico Sumo Sacerdote, com a



mente divina, gerado pelo espírito, ainda que não nascido do Espírito, estava pronto e habilitado a efetuar o sacrifício da expiação na primeira vinda, e procedeu assim ao fazê-lo, conforme tipificado em Arão.

<sup>2014</sup> “Com isto Arão entrará no santuário [e no Santíssimo]: com um novilho, para expiação do pecado, e um carneiro para holocausto. . . Depois Arão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele [representando-o], e fará expiação por si [os membros de *seu corpo* — os subsacerdotes] e pela sua casa [todos os crentes, a inteira “família da fé” —os levitas] . . . E degolará o novilho da sua expiação. Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do SENHOR [Jeová], e os seus punhos cheios de incenso aromático moído, e o levará para dentro do véu. [o primeiro véu ou a “porta”]. E porá o incenso sobre o fogo perante o SENHOR [o incensário cheio de brasas de fogo era colocado em cima do altar de ouro no “Santo”, e o incenso desintegrando-se sobre ele gradualmente produzia uma fumaça de perfume aromático], e a nuvem do incenso [penetrando para além do segundo véu] cobrirá o propiciatório, que está sobre [cobrindo] o testemunho [a Lei], para que não morra [por violar estas condições, sobre as quais unicamente se podia aproximar diante da presença divina de modo aceitável].” — Lev. 16:3, 6, 11-13.

<sup>2115</sup> Olhando através do tipo para o antítipo, permitam-nos agora, passo a passo, comparar os atos de Jesus com esta ilustração profética de sua obra. Quando Cristo Jesus, o homem, havia se consagrado a si mesmo, imediatamente ele, como nova criatura, gerado pelo Espírito Santo, tomou a sacrificada vida humana (o sangue do novilho) para apresentá-la perante Deus como o preço do resgate “pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas *também* pelos de todo o mundo”. Gerado pelo Espírito, já não se encontrava na condição do “Átrio”, mas antes, no primeiro compartimento o “Sanctus”.

to”, onde deveria permanecer e oferecer seu incenso pelo fogo da prova — ele tinha que demonstrar sua lealdade a Deus e justiça pelas coisas sofridas como um Filho gerado, antes de entrar no “Santíssimo”, a perfeita condição espiritual. — Heb. 5:8.

<sup>22</sup> O Sumo Sacerdote tomou com ele (junto com o sangue) fogo do altar, e dois punhados de incenso aromático para produzir o perfume. Igualmente nosso Senhor Jesus, cumprindo seu voto de consagração, durante os três anos e meio de seu ministério, foi um aceitável e agradável perfume para o Pai, atestando imediatamente a integridade da consagração e a perfeição do sacrifício. O incenso aromático bem moído representa a perfeição do homem Jesus. O fogo do “Altar de Bronze” representa as provas às quais estava sujeito; e o carregamento deste fogo pelo Sacerdote significa que nosso Senhor tinha que trazer perseguições sobre si mesmo, por causa de seu próprio curso de fidelidade. E quando as perfeições de seu ser (o incenso) entraram em contato com as provas da vida (o fogo), ele rendeu perfeita submissão à vontade divina — um perfume aromático. Desta maneira é demonstrado que em tudo foi tentado, mas sem pecado. Assim como todo o incenso tinha que ser consumido pelo fogo, do mesmo modo ele entregou *todo* o seu ser em obediência. Este era os “dois punhados” do Sacerdote que ele oferecia, deste modo representando a capacidade e a habilidade total da justiça de nosso Senhor — requerida e submetida [Lev, 16:12].

<sup>23</sup><sup>16</sup> Mas enquanto Jesus, como “nova criatura”, estava, neste caso, dentro do “Santo”, desfrutando da luz do candelabro de ouro, se alimentando com o pão da verdade, e oferecendo incenso aceitável a Jeová, passemos agora a olhar para o “Átrio”, e ainda mais além, para além do “Acampamento” ou “Arraial”, e vejamos outra obra progredindo simultaneamente. Na última vez vimos o novilho morto, no “Átrio”, representando ao homem, Jesus, consagrado aos

trinta anos de idade, em seu batismo. Agora a gordura dele foi colocada sobre o “Altar de Bronze”, e com ele os rins e vários órgãos vitais. Estes estão queimando vigorosamente, pois o novilho tem muita gordura. Uma nuvem de fumaça, chamada de um “cheiro suave para Jeová”, passa a subir diante da visão de todos aqueles que estão no “Átrio”, os levitas — a família da fé, os crentes.

<sup>24</sup> Isto mostra claramente como o sacrifício de Jesus evidenciou-se diante das *pessoas crentes*. Eles viram a devoção, o ato de abnegação e o zelo amoroso (a gordura) ascendendo a Deus como um sacrifício agradável e aceitável, durante os três anos e meio do ministério de nosso Senhor. Eles bem sabem que com ele o Pai estava sempre bem satisfeito. Eles sabem do que viram no “Átrio” (na carne) de que ele era aceitável, ainda que não pudessem ver o sacrifício em sua total grandeza e perfeição como aparecia diante da visão de Jeová (no “Santo”), um incenso aromático no “Altar de ouro”.

<sup>25</sup><sup>17</sup> Enquanto estes dois fogos estão queimando (no “Átrio” a gordura, e no “Santo” o “incenso”, e o aroma deles ascendendo *ao mesmo tempo*) há outro fogo “fora do acampamento” ou “arraial”. Lá o corpo carnal está sendo destruído. (Versículo 27) Isto representa a obra de Jesus conforme observada pelo mundo. Para o mundo pareceu-lhes como algo imprudente que Jesus devesse perder sua vida em sacrifício. Eles não veem a necessidade disso como preço de resgate do homem, e nem notam o espírito de obediência que o induziu, assim como o Pai os viu. Eles não veem o perfeito amor de nosso Senhor e a abnegação dele como os crentes (na condição do “Átrio”) os veem. Não, nem em seus dias ou desde então, viram nele seu ideal de herói ou líder. Somente viram esses elementos de seu caráter, destacadamente, como algo a ser menosprezado como fútil ou sem valor, não estando em condições de amá-lo e admirá-lo. Para eles seu sacrifício foi e é ofensivo, desprezível; Era desprezado e re-

cusado dos homens; e por assim dizê-lo, ficaram corados e esconde-ram seus rostos dele, e, como no tipo, os israelitas voltaram-lhe às costas com repugnância, desgostosos por causa do mau cheiro da carcaça queimada.

<sup>26</sup><sup>18</sup> Vejamos então, como a vida de Jesus por três anos e meio satisfez todas estas três ilustrações: O sacrifício de sua humanidade perfeita era, à vista do mundo, como algo absurdo e detestável. A vista dos crentes, como um sacrifício agradável a Deus. A vista de Jeová, como “um incenso aromático”. Todos terminaram finalmente ao mesmo tempo — na cruz. O novilho foi inteiramente disposto, a gordura completamente consumida, e todo o incenso oferecido, quando Jesus bradou: “*Está consumado!*” vindo a morrer. Deste modo Cristo Jesus, *o homem*, deu-se a si mesmo em resgate por todos.

<sup>27</sup><sup>19</sup> Tendo-lhe precedido o incenso no “Altar de Ouro” e sido assim satisfatório, o Sumo Sacerdote podia então passar através do segundo “Véu” para o “Santíssimo”. Do mesmo modo isso se deu com Jesus: Tendo oferecido por três anos e meio incenso aceitável no “Santo”, isto é, a condição sagrada e gerada do espírito, ele passou para além do “Segundo Véu”, a morte. Por três dias ele esteve de baixo do “Véu” na morte; depois foi levantado na perfeição da natureza divina para além da carne, para além do Véu, “a expressa imagem da pessoa [do Pai]”. Ele “morto, sim, na *carne*, mas vivificado [feito vivo] no *espírito*” [lit. no grego: “em espírito”], “semeia-se corpo natural [humano], ressuscitará corpo espiritual.” Desta maneira nosso Senhor chegou à *condição* do “Santíssimo”, a perfeição do ser espiritual, em sua ressurreição. — 1 Ped. 3:18 — ARA, NTI; 1 Cor. 15:44.

<sup>28</sup><sup>20</sup> Sua próxima obra era a apresentação do sangue da expiação a Deus, (versículo 14) — como o preço de nossa redenção, “fostes resgatados ... com o precioso sangue [vida sacrificada] de Cristo.” (1

Ped. 1:18, 19) O Sacerdote, na presença de Jeová, representado pela luz sobrenatural (chamada Shekinah) entre os Querubins no “Propiciatório”, aspergia ou apresentava o sangue a Jeová — aspergindo-o sobre e diante do Propiciatório. Assim Cristo, após quarenta dias, entrou no céu, “para se apresentar agora POR NÓS perante Deus”, apresentando-se como nosso representante, e como preço de nossa redenção, sendo o valor e o mérito do seu sacrifício positivamente consumido no Calvário. — Heb. 9:24.

### O SEGUNDO SACRIFÍCIO do Dia da Expição — O bode para Jeová

<sup>29</sup><sup>21</sup> Agora deixemos o Sumo Sacerdote diante do “Propiciatório” enquanto saímos para o “Átrio” a fim de presenciar outra obra. Vejamos:

<sup>30</sup> “E da congregação dos filhos de Israel tomará dois bodes para expiação do pecado e um carneiro para holocausto. Depois Arão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele; e fará expiação por si e pela sua casa. Também tornará ambos os bodes, e os porá perante o SENHOR, à porta da tenda da congregação. E Arão lançará sortes sobre os dois bodes; uma pelo SENHOR, e a outra pelo bode emissário\*<sup>22</sup>. Então Arão fará chegar o bode, sobre o qual cair a sorte pelo SENHOR, e o oferecerá para *expição do pecado*. Mas o bode, sobre que cair a sorte para ser bode emissário, apresentar-se-á vivo perante o SENHOR, para fazer expiação com ele, a fim de enviá-lo ao deserto como bode emissário” — Lev. 16:5-10.

<sup>31</sup> Estes dois bodes, tomados de Israel e trazidos ao “Átrio”, tipificam ou representam a todos aqueles que, vindo do mundo, e aceitando o resgate de Jesus, consagram suas vidas, por completo até a morte, no serviço de Deus, durante esta Era Evangélica. Tomados primeiro do “Acampamento” [“Arraial”] ou da condição do mundo,

“pecadores como os demais”, eles foram trazidos ao “Átrio”, à fé ou à condição *justificada*. Ali se apresentam perante o Senhor (representados pelos bodes na porta do Tabernáculo), desejosos de se tornarem mortos com seu Redentor, Cristo Jesus, como seres *humanos*, e entrar nas condições celestiais ou espirituais como ele fez. Primeiro, a geração do Espírito, a condição da mente espiritual, e segundo, o nascimento do espírito, a condição do corpo espiritual — representados no “Santo” e no “Santíssimo” respectivamente.

<sup>32</sup><sup>23</sup> Mas nosso Mestre declarou que nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! Entrarão no Reino. Do mesmo modo, também esta figura demonstra que alguns que dizem: “Senhor, aqui consagro meu tudo” prometem mais do que estão dispostos a fazer. Não sabem o que prometem, ou qual é o custo da abnegação, para tomar cada dia sua cruz e seguir as pisadas do homem Jesus [o *novilho*] — “Saíamos, pois, a ele fora do arraial [para a total negligência e destruição das esperanças humanas, etc.], levando o seu vitupério”. — Heb. 13:13.

<sup>33</sup> Neste tipo, os dois bodes, ambos das classes dos que concluíram um *pacto* para tornarem-se mortos com Cristo, são aqui representados por: Aqueles que realmente seguem suas pisadas, assim como ele nos deu um exemplo, e “os que, com *medo da morte*, estavam por toda a vida sujeitos à servidão”. (Heb. 2:15) A primeira classe é o “bode para Jeová”, e a segunda é o bode para “Azazel” [o “bode emissário”]. Ambas as classes de bodes, como veremos, terão parte na *obra* expiatória — em conduzir ao mundo à plena harmonia com Deus e sua Lei, quando este “Dia da Expição”, a Era Evangélica, terminar. Mas somente a primeira classe, “o bode para Jeová”, aqueles que seguem ao Líder, são uma parte da “*oferta pelo pecado*”, e finalmente membros de seu corpo glorificado.

<sup>34</sup><sup>24</sup> O lançamento de sortes para ver qual bode seria o “bode para Jeová” e qual para “Azazel” [o “bode emissário”], indicou que

Deus não havia escolhido qual daqueles que se apresentam obterá o prêmio. Isso mostra que Deus não determina *arbitrariamente* qual dos consagrados deve se tornar participante da natureza divina, e co-herdeiro com Cristo nosso Senhor, e qual não deve. Aqueles que perseveram com ele também com ele reinarão: Aqueles que evitam ou se esquivam da prova de fogo, por meio de um curso [na vida] comprometido, também, não obtém a co-herança na glória. — Rom. 8:17.

<sup>35</sup> Cada *crente*, cada *justificado* (levita) no “Átrio”, que se apresenta durante o Dia da Expição, a Era Evangélica, é aceitável como um sacrifício — agora é o tempo aceitável. E quem mantém seu pacto e cumpre o sacrifício é tipicamente representado no “bode para Jeová”. Aqueles que não se entregam de boa vontade em sacrifício, “amando ao mundo presente”, são representados no “bode para Azazel” [o “bode emissário”].

<sup>36</sup><sup>25</sup> Retornemos ao Sumo Sacerdote: Após ter aspergido o “Propiciatório” (ou lugar onde se fazia a satisfação) com o sangue do novilho sete vezes (perfeitamente), “degolará o bode, da expiação, que será *pelo povo*, e trará o seu sangue para dentro do véu; e fará com o seu sangue *como fez* com o sangue do novilho, e o espargirá sobre o propiciatório, e perante a face do propiciatório.” (Versículos 14, 15) Em poucas palavras, tudo o que se fazia com o novilho se repetia com o “bode para Jeová”. Ele era degolado pelo próprio Sumo Sacerdote; seu sangue era espalhado realmente pelo mesmo; sua gordura, etc., também eram queimados sobre o altar no “Átrio”. (E digno de nota que enquanto o novilho é sempre muito gordo, o bode é um animal muito magro. Igualmente nosso Senhor Jesus, como representado pelo novilho tinha uma grande abundância de gordura, de zelo, e amor por seu sacrifício, enquanto seus seguidores, representados pelo bode, são magros em comparação). O corpo do “bode

para Jeová” era queimado da mesma maneira como o do novilho — fora do “Acampamento” [“Arraial”].

<sup>3726</sup> O apóstolo Paulo explica que somente esses animais, que eram como *oferta pelo pecado*, eram queimados fora do acampamento. Em seguida ele acrescenta: “*Saiamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério*”. (Heb. 13:11-13) Desta maneira se proveu evidência inquestionável não somente de que os *seguidores* de Jesus são representados por este “bode para Jeová”, mas também de que seu sacrifício, considerado com sua Cabeça, Jesus, constitui parte da oferta pelo pecado do mundo. Pois, “o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim”. — Sal. 69:9

<sup>3827</sup> Assim como se dava com o novilho, igualmente se deu com o bode na oferta pelo pecado: O ato da *queima* “fora do acampamento” representa o desprezo sob o qual a oferta seria vista por aqueles fora do acampamento — que não estão numa relação pactuada com Deus — os infiéis. 1) Aqueles que admitem como legal ou verdadeiro o sacrifício do Corpo de Cristo, sob o ponto de vista divino um incenso agradável a Deus, penetrando até o propiciatório, são, no entanto, poucos — estes são somente aqueles que se encontram no “Santo” — assentados “nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”. 2) Aqueles que reconhecem os sacrifícios dos santos, representados pela gordura do “bode para Jeová” da oferta pelo pecado sobre o Altar de Bronze, e que consideram seus atos de abnegação como agradáveis a Deus, são mais numerosos — todos aqueles que ocupam o “Átrio”, a condição da justificação — “a família da fé”. 3) Os outros que estão fora do acampamento, que veem estes sacrifícios e seus atos de abnegação somente como um consumo de “lixo deste mundo, e como a escória de todos” [1 Cor. 4:13] são uma classe afastada de Deus — seus “inimigos” pelas “obras más”. Estes são aqueles dos quais nosso Senhor prognosticou: Eles dirão “todo mal contra vós por minha causa”.



<sup>39</sup><sup>28</sup> Que lições nos inculcam estas coisas? — Visto que nós mesmos somos os verdadeiros sacrificantes no “Santo”, ou os verdadeiros membros da “família da fé” no “Átrio”, não deveremos ser difamadores daqueles que são os verdadeiros sacrificantes da época atual. Nem também devemos ser cegados pela malícia, ódio, inveja ou contenda a tal grau que sejamos incapazes de ver os sacrifícios que Deus aceita. Ou o que diremos então daqueles anteriores “irmãos”, participantes dos mesmos sacrifícios e ofertas no mesmo “Altar de Ouro”, e companheiros da ordem do sacerdócio real, que se tomaram tão diferentes, possuídos por um espírito opositor, e que continuamente falam mal de seus parceiros sacerdotes? Certamente “temamos” pelos (Heb. 4:1) que *deixaram* o “Santo”, e o “Átrio”, indo para fora, além de toda relação com Deus — entrando nas “trevas exteriores”. Devemos fazer tudo que estiver ao nosso alcance para recuperá-los (Tiago 5:20). Mas sob nenhum pretexto devemos deixar o “Santo” para retribuir o mal com o mal, e a injúria com a injúria. Não, todos aqueles que desejam ser sacerdotes fiéis devem seguir as pisadas do grande Sumo Sacerdote e amar a seus inimigos e fazer o bem aos que lhes perseguem. Devem imitar aquele que “quando o injuriavam, não injuriava, [não respondia com maldição]; e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente”. —1 Ped. 2:23.

<sup>40</sup><sup>29</sup> O bode para Jeová representava a todos os seguidores fiéis do “pequeno rebanho” do Senhor. Eles são todos iguais; todos andam pelo mesmo “caminho apertado”. Portanto o que é verdade da companhia como um todo é verdade acerca de cada um deles. Por esta razão, o “bode para Jeová” tipificou a cada um e seu sacrifício, exceto que tudo deve ser completado e o sacrifício de todos precisa estar concluído antes que o “sangue” do bode (representativo do inteiro Corpo de Cristo) seja apresentado no “Propiciatório”.

<sup>41</sup> O sangue espalhado ou aspergido sobre e diante do “Propiciatório” era na forma do desenho de uma cruz, com a parte superior ou a cabeça da cruz sobre o “Propiciatório”. Isto é indicado pela descrição: “E tomará do sangue do novilho, e com o seu dedo espargirá sobre a face do propiciatório para o lado oriental [próximo do Véu]; e perante [através, em frente de] o propiciatório” [Lev. 16:14]. Assim se completavam as ofertas pelos pecados de Israel — o novilho pelos *subsacerdotes*, o “corpo” do Sumo Sacerdote e pelos levitas, típico da “família da fé” da era presente, e o bode “para o povo”, Israel — típico de todo o mundo que, debaixo do conhecimento e das oportunidades do futuro, tomar-se-á o povo de Deus.

<sup>42</sup><sup>30</sup> Portanto vemos claramente que esta inteira Era Evangélica é uma era de sofrimento e morte, para aqueles que sacrificam a natureza humana terrestre, para que se tornem participantes da classe espiritual, ou celestial. Positivamente, tão logo o sacrifício de Jesus em nome de seu “Corpo” e “família” foi completado e apresentado perante o Pai, após sua ascensão, a evidência da aceitação pelo Pai de seu sacrifício foi, em seguida, enviada — o batismo de Pentecostes sobre os representantes de sua Igreja, seu Corpo e sua família. Ali sua unção, o Espírito Santo (simbolizado pelo azeite sagrado da unção), desceu sobre a Igreja, e permanece desde então sobre todos os membros vivos do Corpo do Sumo Sacerdote, e não precisa ser repetido: cada imerso em Cristo, como membro de seu Corpo, é por meio disso, imerso no Espírito Santo, o espírito que anima cada membro desse Corpo.

<sup>43</sup><sup>31</sup> Esta concessão do Espírito Santo de Deus foi o sinal da aceitação desses crentes em Jesus. Estes membros já consagrados permanecem sendo guiados pelo Mestre, esperando a aceitação do Pai de seus sacrifícios (aceitáveis no Amado), e pela sua geração como filhos pelo espírito de adoção. Esta vinda do Espírito Santo, o poder

do Senhor no Pentecostes, foi indicada no tipo (versículo 15) pelo Sumo Sacerdote chegando-se à porta do Tabernáculo e pondo suas mãos sobre o “bode para Jeová” degolando-o. Justamente, assim como o espírito do Pai capacitou Jesus a concluir tudo o que foi representado pela degolação do novilho, assim também, o mesmo espírito, o espírito, poder ou influência de Deus, o espírito ou influência da Verdade, por meio de Cristo, sobre a classe do “bode para Jeová”, os capacita para crucificarem a si mesmos como homens — para degolar o bode, a *vontade* depravada — na esperança da prometida glória, honra e imortalidade da natureza divina, como novas criaturas em Cristo.

<sup>44</sup><sup>32</sup> Foi assim, por exemplo, que o apóstolo Paulo, possuído do mesmo espírito do Líder e Cabeça, podia considerar todas as coisas como perda e escória, para que pudesse ganhar a [tornar-se um membro em] Cristo e se encontrar *nele*. Inspirado por esta esperança e espírito ele pôde dizer: “Vivo [como nova criatura], não mais eu [a velha criatura, representada no bode consagrado]”. Ela estava para ser consumida com o vitupério e desprezo do mundo — fora do acampamento [arraial]. As afeições e os poderes *terrestres* de Paulo tinham sido apresentados a Deus como um sacrifício vivo. Após isso, Cristo estava a viver nele, a esperança da glória — a *mente de Cristo*, crucificando e reprimindo sua depravada e justificada natureza humana e sua vontade.

<sup>45</sup><sup>33</sup> Ainda que estivesse presente no mundo, não era dele, e desta maneira, até certo ponto, ele pôde verdadeiramente dizer: “A vida que agora vivo na carne, vivo-a *na fé* no Filho de Deus”. (Gál. 2:20) Sim, pela fé ele havia se tornado, reconhecidamente, uma “nova criatura”, à qual pertencem as preciosas e grandiosas promessas da natureza divina, caso permanecesse fiel. (2 Ped. 1:4) Ele estava vivendo na condição do “santo”, se alimentando com os “pães da

proposição”, e iluminado continuamente pela luz do “Candelabro de Ouro”. Assim suprido com conhecimento e força, era capaz de oferecer “incenso” aceitável a Deus por Jesus Cristo. Este sacrifício do apóstolo Paulo, tomou-se aceitável a Deus por causa do mérito de Jesus imputado sobre este sacrifício. Deste modo, ele mantinha sempre a natureza do bode *sacrificado*; não somente manteve morta a *vontade* carnal, mas também, tanto quanto possível, subjugou o corpo carnal — submetendo-o à nova vontade. Igualmente também a mesma coisa foi feita por outros membros desta companhia do “bode para Jeová”, ainda que outros dentre eles não fossem grandemente conhecidos. O sacrifício de Paulo espalhou para o alto um perfume muito rico; seu sacrifício foi de um cheiro muito suave a Deus, mas o nosso foi aceitável a Deus, não por causa de seu próprio valor, mas porque foi oferecido sobre o “Altar de Ouro” e compartilhado com o mérito de Cristo, o Redentor.

<sup>4634</sup> Assim como o bode cumpriu o que faltava da oferta pelo pecado, completando o sacrifício iniciado pelo novilho, do mesmo modo o faz o “pequeno rebanho”, seguindo após Jesus, cumprindo “o resto das aflições de Cristo”. (Col. 1:24) Isso se dá não porque os nossos sacrifícios pudessem ter um valor inerente, como foi o de nosso Senhor, pois somente ele era perfeito e apropriado para o resgate, uma oferta pelo pecado. A aceitação de nossas ofertas é mediante seu mérito que nos é imputado: primeiro nos justificando, e em seguida, por meio da graça que nos permite sacrificar nossos próprios interesses e sermos assim *justificados com* o perfeito sacrifício de nosso Senhor. Deste modo, a nós, como membros de seu Corpo, é outorgada uma parte dos sofrimentos de Cristo, para que possamos enfim compartilhar também de sua glória — participando em sua futura obra de abençoar toda a humanidade com os privilégios e oportunidades da restituição.

<sup>47</sup> <sup>35</sup> Chegará a ocasião quando o sacrifício dos *últimos* membros deste “bode para Jeová” será consumido e a oferta pelo pecado terminada para sempre. Que nós estamos agora no fim do “Dia da Expição”, e que os últimos membros desta classe do “bode para Jeová” estão se sacrificando agora, cremos firmemente, em função das evidências já fornecidas. Em breve os últimos membros desta classe, o Corpo de Cristo, passarão para além do segundo “Véu” — para além da carne — para a perfeição da natureza espiritual, já iniciada na nova mente ou vontade que agora controla seus corpos mortais. E não somente isso, mas também a alguns destes fiéis é prometida a mais elevada das naturezas espirituais — “a natureza divina”. — 2 Ped. 1:4

<sup>48</sup> <sup>36</sup> A passagem do segundo “Véu” significa para o Corpo o que significou para a Cabeça e a apresentação do sangue do bode significa [para o Corpo], o que significou a apresentação do sangue do novilho. O corpo do Sacerdote passando pelo segundo “Véu”, levando o sangue do bode, representava a passagem do Corpo de Cristo inteiramente além das condições humanas até à perfeição da natureza divina, quando seremos então semelhantes a Jesus Cristo, que agora é “a expressa imagem da sua pessoa [do Pai]”. Ó, abençoada esperança! “Eu me satisfarei com a tua semelhança quando eu despertar”, isto foi dito profeticamente de Jesus; e quão sublime é a promessa de que “seremos semelhantes a ele”! — Heb. 1:3; Rom. 8:29; Sal. 17:15, AL21; 1 João 3:2.

<sup>49</sup> Se podemos ganhar o galardão pelo qual corremos, então —

“Perece toda afetuosa ambição,  
Tudo que buscamos da Terra ou sabemos,  
Mas quão rica é nossa condição —  
Esperanças celestiais agora temos.”

<sup>50</sup><sup>37</sup> O “Santíssimo” envolve a evidência do sacrifício do *Corpo* “pelo povo”, que é apresentada, conforme tipificado pelo sangue do bode aspergido no “Propiciatório”. “Assim fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das Suas transgressões, e de todos os seus pecados; e assim fará para a tenda da congregação que reside com eles no meio das suas imundícias [“impurezas”].” Lev. 16:16, ACF; AL21.

<sup>51</sup> Quando se apresentar este sacrifício este será aceito “pelo povo”, assim como foi aceito o de nosso glorioso Líder “por si [seu Corpo] e por sua casa [a família da fé]” Desse modo será concluída a obra da reconciliação. O pecado e a condenação serão completamente cobertos por todos, e a grande obra de dar ao mundo os grandes resultados desta expiação rapidamente se seguirão — exatamente como a bênção de Pentecostes sobre o “Corpo” cujo reflexo e influência sobreveio rapidamente à “família da fé”, após a aceitação do sacrifício de Jesus — depois que passou para além do “Véu” da carne e apresentou-se como nosso sacrifício de resgate perante Deus.

<sup>52</sup><sup>38</sup> A aspersion de todas as coisas com o sangue indicou que o “sangue” é a satisfação *total*, e também que a obra com o “bode para Azazel” [o “bode emissário”], que se seguiu, não era parte da oferta pelo pecado, e nem era necessária para completar a “reconciliação”. Por isso, precisamos perceber algum outro objetivo e significado por trás disso.

### ○ BODE para Azazel ou o bode emissário

<sup>53</sup><sup>39</sup> “Havendo, pois, acabado de fazer expiação pelo santuário, [o “Santíssimo” (veja AL2I)] e pela tenda da congregação [o “Santo”] e pelo altar [no “Átrio”], então fará chegar o bode vivo [o bode emis-

sário]. E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel [típico do *mundo*], e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem *designado* [alguém conveniente] para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e deixará o bode no deserto.” — Versículos 20-22.

<sup>54</sup><sup>40</sup> Como dissemos antes, entendemos que esse “bode para Azazel” [“bode emissário”] que era apresentado para sacrifício com o outro, mas que falhou em sacrificar-se, e de seguir o exemplo do novilho, representa uma classe do povo de Deus, que fez o pacto para morrer para o mundo e de sacrificar sua natureza humana justificada, mas que falham em cumprir plenamente os sacrifícios desse pacto. Este “bode” não representa aqueles “que recuam para a destruição”, nem aqueles que como a porca lavada se voltam para o lamaçal do pecado (Heb. 10:39, AL21; 2 Ped. 2:22), mas antes, representa uma classe que procura evitar o pecado, a fim de viver moralmente, e honrar ao Senhor, mas que, não obstante, procura também a honra e o favor do mundo, refreando-se em cumprir sua parte no sacrifício dos direitos terrestres por meio do serviço do Senhor e pela sua causa.

<sup>55</sup><sup>41</sup> Essa *classe* do “bode para Azazel” existiu durante toda a Era Evangélica. Esse único bode e a obra feita com ele, ao fim do “Dia da Expição”, era representativo, num sentido geral, de cada indivíduo daquela companhia [ou “multidão”] durante a era, ainda que isto represente, de modo especial, os membros desta classe que vive no fim da era de sacrifício. Examinemos primeiro o tratamento dos membros desta multidão proposto por Deus que viverão quando a obra da oferta pelo pecado estiver completa — os últimos membros do “bode para Azazel”, a multidão — e em seguida veremos como o

tipo se aplica também aos membros desta mesma classe acima mencionada.

<sup>56</sup><sup>42</sup> Devemos nos lembrar de que estamos tratando das coisas futuras, após a “oferta pelo pecado”. O “bode para Jeová” não ainda está totalmente consumido, e, por isso, o “pequeno rebanho”, representado pelo corpo do Sacerdote, ainda não passou para além do segundo “Véu”, a condição da perfeição espiritual. Assim, a obra especial com o vivente “bode para Azazel” não ocorrerá antes de se completar o corpo do Sumo Sacerdote.

<sup>57</sup><sup>43</sup> Outros textos das Escrituras (Apo. 7:9, 13-17 e 1 Cor. 3:15) nos indicam que ali estará “uma grande companhia” [“grande multidão”] que durante esta era [ou Era Evangélica] entrou na carreira pelo grande prêmio para serem co-herdeiros com Jesus, mas que falharam de tal modo nesta carreira, que não obtiveram o prêmio. Estes, ainda que tenham sido “eliminados” quanto ao prêmio (1 Cor. 9:27), ainda são objetos do amor do Senhor, pois no coração são amigos da justiça e não do pecado. Por essa razão, e pelas suas providências através das circunstâncias da vida, o Senhor os fará passar através da “grande tribulação”, efetuando desta maneira neles a “destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus”. (1 Cor. 5:5) Eles consagraram sua vida humana justificada, e Deus aceitou essa consagração *reconhecendo-os*, de acordo com seu pacto, como que estando mortos como seres humanos, e, vivendo como *novas* criaturas espirituais. Mas, por sua falha no cumprimento do contrato do ato de abnegação, eles excluem a si mesmos do “Sacerdócio Real” — da participação como membros do *Corpo* de Cristo. “Toda a vara *em mim*, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto” — João 15:2.

<sup>58</sup><sup>44</sup> Estes estão numa condição lamentável: eles falharam em obter o prêmio, e, portanto, não podem ter a natureza divina, e nem



podem ter a *restituição* à perfeição humana com o mundo, pois, em sua consagração, todos os direitos e privilégios humanos foram mudados pelos direitos e privilégios espirituais, sendo-lhes dada a oportunidade de correr na carreira pela natureza *divina*. No entanto, ainda que não sejam vencedores voluntários, o Senhor os ama, e *livrará* a todos os que, pelo medo da morte (medo do desprezo — medo da reprovação suportada pelo novilho e pelo bode fora do “Acampamento” [“Arraial” — no deserto, na condição morta ou separada]), estavam por toda a vida sujeitos a servidão — escravos do medo do povo, das opiniões e tradições dos homens, que sempre armam ciladas e retardam o progresso quanto à obediência total a Deus, até a morte. — Heb. 2:15.

<sup>59</sup> Por meio do favor do Sumo Sacerdote, esta grande companhia [“grande multidão”] passa por “grande tribulação” e experimenta a *destruição* da carne. Isto não fará deles “vencedores” voluntários e nem lhes dará a qualidade de ser membros do Corpo — a Noiva de Cristo. Não, e nem lhes dará um lugar *no trono* de Reis e Sacerdotes, mas antes, lhes dará uma posição “*diante do trono*”, como perfeitos seres espirituais, mas não da elevada ordem espiritual — a divina. Ainda que não possuam a *coroa* da vida, a imortalidade, não obstante, se corretamente treinados pela tribulação, atingirão uma condição de “semelhança aos anjos”. Eles servirão a Deus *em seu Templo*, e desse modo não serão membros daquele Templo simbólico que é o Cristo. — Apo. 7:14, 15.

<sup>6045</sup> Essa classe representada pelo “bode para Azazel” será *enviada* ao Deserto, isto é, à condição de separação do mundo, forçados para lá pela mão de um “homem designado” para isso — as circunstâncias desfavoráveis — e lá serão golpeados pela adversidade até que aprendam a futilidade, a falsidade e a absoluta inutilidade da aprovação do mundo, e até que todas as esperanças humanas e

ambições morram, e estejam assim preparados para dizer: “Não se faça a minha vontade, senão a tua, ó Deus!” O mundo está sempre pronto para desprezar e humilhar aos inocentes e afligidos, ainda que seus enganos os favoreçam e suas glórias fúteis sejam ardente□ mente desejadas por eles. O corpo do “bode para Azazel” não foi *queimado* no deserto: somente as ofertas pelo pecado (o novilho e o “bode para Jeová”) foram queimadas ali. (Heb. 13:11) A queima das ofertas pelo pecado representa a submissão contínua e estável dessas classes para a ardente prova de sofrimentos — a fidelidade [propen□ sos sacrifícios] “até a morte”. Ambas as classes sofrem igualmente até à morte da vontade humana e do corpo. No entanto, os da pri□ meira classe morrem de boa vontade: eles são consumidos pelo con□ tínuo sacrifício da carne, como demonstrado no símbolo do fogo queimando continuamente até que nada mais sobrasse. Os da se□ gunda classe são simplesmente enviados ao deserto e deixados lá para morrerem de modo relutante. Seu amor pela aprovação do mundo perece com a negligência, o desprezo e a reprovação do mundo; sua nova natureza espiritual, entretanto, amadurece em vida. Os que são da classe do “bode para Jeová” abandonam a natu□ reza humana pelo espírito e pela ajuda do Senhor, *de modo sacrificial*, voluntariamente e de boa vontade. Assim, a classe do “bode para Azazel” tem sua carne *destruída*’, debaixo da providência divina, para que o espírito seja salvo.

<sup>6146</sup> Isto não somente será notavelmente cumprido em breve, para com os últimos membros desta classe do “bode para Azazel”, mas também o mesmo fato se cumpriu, até certo ponto, por toda a Era Evangélica. Sempre existiu uma grande classe que entregava sua própria vontade à morte só por *compulsão*. Mas, ao invés de se sacri□ ficarem voluntariamente, sofriam a “*destruição da carne*”. (1 Cor, 5:5)

As classes representadas por ambos os bodes têm se desenvolvido lado a lado durante toda a era.

<sup>6247</sup> Quando todos os membros do “pequeno rebanho” tiverem ido para além do “Véu”, a providência divina, a mão do Senhor porá em liberdade “a todos os que, pelo medo da morte [para o mundo] estavam por toda a vida sujeitos à servidão”, fascinados pelas muitas teorias, credos e tradições dos homens e pelas grandes organizações da igreja *nominal*, nas quais e pelas quais Seu povo, os da classe do “bode para Azazel”, são envolvidos — impedidos assim de ouvir e obedecer à voz do Senhor.

<sup>63</sup> Forçados a se libertar por causa da queda de “Babilônia”, enquanto se dão conta de que o *grande prêmio* foi perdido, estes “santos atribulados” ouvirão então a voz do Sumo Sacerdote e se encontrarão forçados, pelas circunstâncias, à condição do deserto de separação e destruição da carne. Em nenhuma época anterior tem havido um número tão grande de CONSAGRADOS, e alguns *tão determinados*, como no presente, ainda que tenha havido alguns durante toda a Era Evangélica.

<sup>6448</sup> Todos os consagrados de ambas as classes (a classe do bode para Jeová e a classe do bode para Azazel) passam por grandes provas e aflições. Não obstante, uma classe considera como sendo leves as aflições, visto que eles se regozijam em ser considerados dignos de sofrer. O sacrifício da parte deles é de *boa vontade*, assim como da Cabeça. Para a outra classe as provas são penosas, são grandes aflições, quase sem alegria — uma *destruição forçada* da carne. Deste modo serão proporcionalmente diferentes as suas posições e recompensas no fim da carreira.

OS HOLOCAUSTOS (OFERTAS **queimadas**) do Dia da Expição

<sup>65</sup><sup>49</sup> “Depois Arão virá à tenda da congregação [o “Santo”], e despirá as vestes de linho que havia vestido quando entrara no *santuário* [o “Santíssimo” (veja na AL21)], e ali as deixará. E banhará a sua carne em água no lugar santo [do “Átrio”], e vestirá as suas vestes [as vestes para glória e ornamento]; então sairá, e preparará o seu holocausto, e o holocausto do povo, e fará expiação por si [o Corpo — a Igreja — o “pequeno rebanho “] e pelo povo.” (Lev. 16:23, 24). Aqui a mesma expiação é ilustrada ou tipificada sob outro ponto de vista.

<sup>66</sup> O holocausto consistia de dois carneiros (versículos 3, 5): um representando o novilho e o outro o bode para Jeová. Estes, sendo semelhantes, demonstram a harmonia e a unidade dos sacrifícios feitos por Jesus e seus seguidores — que à vista de Deus são todos um só sacrifício. “Porque, assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos.” — Heb. 2:11.

<sup>67</sup><sup>50</sup> Isso é evidenciado mais adiante no tratamento de cada um destes sacrifícios. Os carneiros do “holocausto” eram cortados em pedaços, lavados e estes junto com a cabeça eram depositados sobre o altar e queimados — como holocausto de cheiro suave a Jeová. Já que ambos os carneiros foram tratados deste modo, isso indica que, do ponto de vista de Jeová, todos eles eram partes de um só sacrifício: os membros unidos à Cabeça, sendo aceitáveis como um todo, como a *propiciação* pelos pecados de todo o mundo — satisfazendo, portanto, as demandas da justiça como representantes dos pecadores.

<sup>68</sup><sup>51</sup> Assim como as ofertas pelo pecado ilustravam a morte sacrificial do Redentor, do mesmo modo o holocausto que se seguia, ilustrava a aceitação manifestada por Deus deste *mesmo* sacrifício. Não devemos esquecer que Deus, portanto, indica que Ele não *mani*

*festará a sua aceitação dos “melhores sacrifícios” tanto dos novilhos como dos bodes, até que os sacrifícios pelos pecados sejam concluídos e que o verdadeiro Sumo Sacerdote se vista em trajes cerimoniais na honra e glória de seu ofício, o qual foi representado pela mudança das vestes. Durante a época de se fazer a oferta pelo pecado o Sumo Sacerdote vestia-se somente com as vestes de linho branco. Mais tarde (e usualmente), vestia-se com as gloriosas vestes ilustrativas da honra e glória que lhe eram conferidas. Durante a Era Evangélica as ofertas pelo pecado progridem e nenhuma honra é conferida aos sacerdotes. Mas no seu fim, veem a manifestação visível da aprovação e da aceitação deles por Deus na imputação da glória e honra sobre os sacerdotes, que fazem os sacrifícios, e nas bênçãos do povo cujos pecados expiaram.*

<sup>69</sup><sup>52</sup> O holocausto era queimado sobre o altar no “Átrio”, portanto, isto nos ensina que Deus manifestará sua aceitação do sacrifício do Corpo inteiro (a Cabeça e os pedaços, ou os membros) diante de todos na condição do Átrio, a saber, para *todos os crentes*. Mas antes desta *manifestação* para os crentes, da aceitação da obra de Deus, a classe do “bode para Azazel” será enviada para fora, e as vestes do Sacerdote serão mudadas.

<sup>70</sup><sup>53</sup> Assim como as vestes brancas usadas durante a obra de sacrifício *cobriam o Corpo* e representavam a justificação do *Corpo*, e sua pureza à vista de Deus por meio de Cristo, do mesmo modo, as “vestes para glória e ornamento”, colocadas em seguida, representam as glórias da posição e da obra da Igreja no futuro, depois que as novas criaturas chegarem à perfeição, após passarem para o outro lado do “Véu”. O lavamento com água naquele tempo significa que, ainda que as vestes brancas (a justiça imputada ao “Corpo”) sejam tiradas agora, isto não significa a reimputação do pecado, mas antes, o complemento da limpeza, tornando o “Corpo” *perfeito* na ressurrei-

reição da perfeição. As vestes para glória e ornamento representam a glória, honra, e imortalidade da Primeira Ressurreição à natureza divina. O lavamento mais adiante demonstra que os pecados do povo, pelos quais a expiação foi feita, não se apegam ao sacerdote ou contaminam sua pureza.

<sup>71</sup><sup>54</sup> Assim chegamos à conclusão do desenvolvimento deste sacerdócio típico e da satisfação pelos pecados do mundo. Entretanto, ainda daremos uma olhada em alguns poucos versículos deste capítulo (Lev. 16) que não estão diretamente relacionados com nosso tema.

<sup>72</sup> Versículo 17: “E nenhum *homem* estará na tenda da congregação quando ele entrar para fazer expiação no *santuário*, até que ele saia, depois de feita expiação por si mesmo, e pela sua casa, e por toda a congregação de Israel.”

<sup>73</sup> Esta limitação aplica-se somente a este dia especial, pois o Apóstolo diz: “a todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo [o “Santo”], cumprindo os serviços; mas no segundo [o “Santíssimo”, no tabernáculo], (entrou) só o sumo sacerdote, uma vez no ano”, neste “Dia da Expiação”, que se repetia anualmente. — Heb. 9:6, 7.

<sup>74</sup> Os privilégios do verdadeiro Tabernáculo pertencem somente aos que são sacerdotes — os membros do Corpo do Sumo Sacerdote. Assim, quer seja agora, na primeira destas condições celestiais (espiritualmente *dispostos*, como novas criaturas em Cristo Jesus), quer seja, como esperamos em breve estar, na segunda ou na perfeita condição espiritual — em um ou ambos os casos — isto se dará desta forma porque estamos em Cristo Jesus, como *novas* criaturas — não mais como *seres humanos*. “Vós, porém, não estais na *carne* [humana], mas no Espírito [espirituais, como novas criaturas], se é que o Espírito de Deus habita em vós”. — Rom. 8:9

<sup>75</sup><sup>55</sup> Versículo 28: “E aquele que os queimar [o novilho e o bode da oferta pelo pecado] lavará as suas vestes, e banhará a sua carne em água; e depois entrará no arraial”.

<sup>76</sup> Isto parece nos ensinar que os principais instrumentos em repreender, injuriar e destruir a *humanidade* de Jesus (o novilho) e a humanidade de seu “pequeno rebanho” (o bode) não terão uma punição *especial* por causa disto, pois eles assim o fazem por ignorância — ao mesmo tempo efetuando o plano de Deus. Eles podem se lavar, se tornarem limpos e virem ao acampamento — isto é, na mesma condição do restante do mundo, a saber: Todos aqueles que são pecadores hereditários, todos os que foram resgatados da depravação adâmica e da morte, todos os que aguardam a volta do grande Sumo Sacerdote e também os que esperam a bênção que será estendida a todos.

<sup>77</sup><sup>56</sup> Versículo 26: “E aquele que tiver levado o bode emissário [Azazel — Al211] lavará as suas vestes, e banhará a sua carne em água; e depois entrará no arraial”.

<sup>78</sup> Isto ensina a mesma lição no que se refere àqueles que serão instrumentos em trazer a tribulação e, portanto, a *destruição da carne* sobre a “grande companhia” [“grande multidão”] representada pelo “bode para Azazel”. Eles serão obrigados a obter do Senhor um perdão especial por estes crimes, mas eventualmente devem ficar na mesma posição assim como outras pessoas.

## AS BÊNÇÃOS que se seguem após os sacrifícios do “Dia da Expição”

<sup>79</sup><sup>57</sup> Assim terminava o típico “Dia da Expição”; e Israel, desse modo, tipicamente limpo do pecado, já não era mais contado como depravado e separado de Deus, mas antes, estava *em harmonia .com*

Ele. A justiça já não os condenava mais, mas antes, os incitava a se darem conta da reconciliação com a presença de Deus em seu meio, para abençoar, proteger e lhes dirigir ao descanso e à paz de Canaã.

<sup>80</sup><sup>58</sup> O antítipo do “Dia da Expição” é esta Era Evangélica, durante a qual, Jesus e “seu Corpo”, a Igreja (pelo mérito da redenção e consequente justificação), fazem sacrifício à Justiça, em completa satisfação do pecado adâmico. Quando a obra de reconciliação estiver completa, Deus reconhecerá ao gênero humano, e estabelecerá seu santuário entre o povo. Então, cumprir-se-á o que está escrito: “Eis aqui o tabernáculo de Deus [a habitação de Deus, a Igreja glorificada] com os homens, pois com eles habitará, e eles serão [tornar-se-ão] o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas [o reino de Satanás, o pecado, e a morte] são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis”. Apo. 21:3- 5.

<sup>81</sup><sup>59</sup> Mas enquanto que todas estas bênçãos resultarão no estabelecimento da residência de Deus, ou o santuário, entre os homens (“glorificarei o lugar dos meus pés” — Isa. 60:13; 66:1), não obstante, a subsequente obra de bênção será uma obra gradual, requerendo a Era Milenar para sua conclusão. Ou seja, a morte adâmica, a dor, e as lágrimas estarão num processo de destruição (limpeza). O início deste processo se dará com a segunda vinda de Cristo, o Sacerdote Real, mas não serão completamente limpos até o fim da Era Milenar.

<sup>82</sup><sup>60</sup> O processo gradual pelo qual o *homem será trazido à perfeição do ser e à plenitude da harmonia com Jeová*, é bem ilustrado nos sacrifícios típicos de Israel, feitos *após* o “Dia da Expição”, os antítipo



pos daqueles sacrifícios, os quais, como em breve veremos, cumprir-se-ão durante o milênio do reino *de* Cristo na Terra.

<sup>83</sup>[61](#) Para dividirmos corretamente <sup>62</sup> e entendermos estes sacrifícios típicos, devemos reconhecer que a presente Era Evangélica é o “Dia da Expição”, a reconciliação por Deus *pelos* pecados do gênero humano em geral. E que no tipo todos os sacrifícios vindos após o “Dia da Expição” representavam os cumprimentos ou os antítipos depois que a

Era Evangélica tiver terminado — durante a Era Milenar — quando a humanidade pecadora tiver sido reconciliada, ou estiver em harmonia com Deus.

<sup>84</sup>[63](#) Portanto podemos ver que a *expição* tem duas partes — primeiro, a Justiça *reconciliadora*, não condenando e nem destruindo, a Adão e a seus filhos por causa do pecado dele. Em segundo lugar, o retomo dos pecadores à reconciliação com as leis justas de Deus, reconhecendo e obedecendo estas leis. A primeira destas fases de *expição*, ou reconciliação, é efetuada inteiramente pelo serviço do Sacerdote nos *sacrifícios do “Dia da Expição”*. A outra — a reconciliação do mundo com Deus, ou o encaminhamento de muitos da humanidade que estiverem dispostos a ser conduzidos rumo à plena *expição* e harmonia com Deus, será concluída durante a próxima era, pelo “Sacerdócio Real”, os glorificados reis e sacerdotes, que tipificados por Moisés, serão o Grande Profeta que o Senhor levantará para ensinar e governar ao povo. Aqueles que não o obedecerem, serão cortados da vida — morrerão a segunda morte. — Atos 3:23.

<sup>85</sup>[64](#) Deste modo fica claramente demonstrado que, embora seja permitido aos santos, os seguidores de Jesus, como representados pelo “bode para Jeová”, que estes se tomem participantes e membros da oferta pelo pecado, como representantes do mundo, isto não ocorre por serem de uma natureza mais pura ou melhor que os de

mais do mundo, pois a inteira descendência de Adão foi condenada nele. “Não há um justo, nem um sequer.” (Rom. 3:1.0) “Nenhum deles de modo algum pode *remir* a seu irmão.” — Sal. 49:7.

<sup>86</sup> Eles compartilharão no sacrifício pelos pecados como um favor, para que ao assim fazerem, possam participar com Jesus na natureza divina, e se tomarem seus companheiros e co-herdeiros. Para permitir e capacitá-los a oferecer-se a si mesmos como sacrifícios agradáveis, os benefícios da morte de Jesus foram aplicados primeiro a eles, justificando-os ou limpando-os. Por isso que *a morte dele* abençoa ao mundo *por meio de* seu Corpo, a Igreja.

---

**1 § 1-2:** O que significava o Dia da Expição? De que maneira se relacionou com todos os tipos subsequentes? Quem foi o antítipo do sacerdote principal ou do Sumo Sacerdote com respeito aos subsacerdotes? Quem foi o antítipo do Sumo Sacerdote com respeito a todo Israel? Neste sentido posterior, quem tipificou Israel?

**2 § 3:** Qual período de tempo no antítipo é indicado pela consagração do sacerdócio?

**3 § 4:** Qual período de tempo é tipificado pelo sacrifício das “ofertas pelo pecado” e quando eles terminam? Quando começam a bênção e a glória para o mundo sob este glorioso Sumo Sacerdote? De qual ordem de sacerdócio será o Cristo glorificado?

**4 § 5:** Qual será a fase tripla do Cristo completo? O que pressagiu nesta Era a rejeição de Jesus pelos judeus e suas consequências? O que será exigido do mundo depois que se tenha cumprido a fase tripla do Cristo? Quais serão as consequências sobre todos aqueles que falharem em estar perfeitamente à altura de todos os requisitos?

**5 § 6:** Jesus ofereceu-se a si mesmo de certo modo ao povo judeu durante sua primeira vinda? E por quê? Que distinção clara entre a natureza humana e a “nova criatura” é demonstrada nestes tipos e como? (Compare com Lev. 8:14; 16:11., 15)

**6 \*** Veja *Estudos das Escrituras*, Vol. I, Estudo X, e Vol. II, p.126

**7 § 9:** Por que foi necessário que nosso Senhor se tornasse um homem?

**8 § 10:** Já que Jesus *se deu a si mesmo* como nosso preço de “resgate”, tomando o lugar de Adão na *morte*, como pode *viver* de novo sem anular Sua obra como

Redentor?

**9 § 11:** Qual esperança ou promessa o Pai colocou diante de Jesus como galardão por tornar-se o “resgate” para o homem?

**10 § 12-16:** Quando foi a morte do novilho antitípico, “Jesus Cristo, homem”, considerada como se já tivesse sido concluída?

**11 § 17:** Onde foi degolado o novilho e daí o que isto tipificou?

**12 § 18:** Por que se lavaram Arão e seus filhos antes de se vestirem com as vestes sagradas ou entrar no “Santo”? (Veja Êxo. 29:4.9; Lev. 16:4)

**13 § 19:** Vestiu-se o Sumo Sacerdote durante o Dia da Expição com as mesmas vestes que levou na ocasião de sua consagração ao sacerdócio? Se não, por quê? Já que as vestes para glória e ornamento representaram ao Cristo glorificado, Cabeça e Corpo, por que não as levou na ocasião de sua consagração e unção ao sacerdócio? (Veja Lev. 8:7-10)

**14 § 20:** Por quem foi derramado o sangue do novilho e daí o que isto significou? Por que fez Arão uma “expição” tanto “por si” como por todos os membros de “sua casa”, e daí o que isto tipificou?

**15 § 21-22:** Qual. foi o significado típico do Sumo Sacerdote encher suas mãos com o “incenso aromático”, levá-lo junto com o sangue para o “Santo” e oferecê-lo sobre o “altar de ouro”? Qual foi o significado do incensário com as brasas de fogo sobre o qual foi moído o incenso? O que foi tipificado pela nuvem de fumaça e daí o que penetrou para além do “véu”, para o “Santíssimo”? Por que Arão teve que permanecer por um momento no “Santo” antes de prosseguir com o sangue do novilho para o “Santíssimo”?

**16 § 23-24:** Que obra simultânea estava em progresso no “Átrio” e daí o que isso tipificou? O que foi representado pela queima sobre o Altar de Bronze da gordura e dos órgãos internos do novilho? O que tipificou a grande quantidade de fumaça? Na presença de quem se fez isto e daí que efeito se produziu? Que período de tempo, no antítipo, foi indicado pelo tempo passado pelo Sacerdote na queima da gordura e dos órgãos vitais, bem como na queima do incenso aromático? (Veja 1 Ped. 1:7)

**17 § 25:** Enquanto o incenso aromático estava queimando no “Santo”, e a gordura e os órgãos vitais estavam a queimar no “Átrio”, que obra estava sucedendo-se simultaneamente fora do acampamento? O que foi tipificado pelo mau cheiro da queima das carcaças, do couro e das entranhas do novilho da oferta pelo pecado? (Veja Heb. 13:13)

**18 § 26:** Quando terminaram todos os sacrifícios e todos os sofrimentos de nosso Senhor? (Veja João 19:30) Quais foram as três figuras que retrataram deste modo

nosso Senhor através dos três anos e meio de Seu ministério e a que três classes estas se referem?

**19 § 27:** Por qual ato pressagiu o Sumo Sacerdote a ressurreição e a ascensão aos céus de nosso Senhor, “para se apresentar agora por nós perante Deus”? (Veja 1 Ped. 3:18; 1 Cor. 15:44) Por quanto tempo se demorou nosso Senhor debaixo do “segundo véu”? (Veja João 19:31-33; 20:1)

**20 § 28:** O que foi representado pelo fato de que o Sumo Sacerdote levava o sangue do novilho para o “Santíssimo” e ali o aspergia *sobre* o “Propiciatório” e também *diante dele*? Quando e onde foi cumprida a obra da expiação por nosso querido Redentor?

**21 § 29-31:** O que foi tipificado pelos dois bodes para expiação e por que foram escolhidos dois? Por que foram apresentados “à porta da tenda da congregação”? Por que foi apresentado vivo “o bode para Azazel” diante do Senhor para fazer a reconciliação sobre ele, enquanto “o bode para Jeová” era degolado? Por que foram tomados do “Acampamento” [“Arraial”] ambos os bodes dentre os filhos de Israel? Por que não foram levados os bodes para o “Santo”, em vez de serem apresentados diante do Senhor *à porta*?

**22 \*** Literalmente, para “Azazel”. As versões AL21 (ver nota na margem), TB e NVI e em espanhol Reina-Valera, usam literalmente o termo hebraico “Azazel” para a expressão traduzida na ACF por “emissário” (“bode emissário”)

**23 § 32-33:** Ganharão todos os que fazem a consagração para estarem “mortos com Cristo” o prêmio pelo qual eles se consagram? Se não, por quê? Como podemos sair a Ele fora do acampamento [arraial]?

**24 § 34-35:** Por que foi instruído Arão a “lançar sortes” sobre os bodes? Poderíamos pensar em algum outro meio, além do lançamento de sortes, através do qual o Senhor poderia ter indicado também que não fez nenhuma seleção quanto aos que são representados por estes bodes — quanto aos que devem ser os sacrificadores do “pequeno rebanho”?

**25 § 36:** Qual foi o significado do “Propiciatório”? Por que aspergiu Mão o “Propiciatório” com o sangue do novilho sete vezes? Foi aplicado o mesmo tratamento ao “bode para Jeová” assim como ao novilho? E por quê? Para quem foi oferecido em sacrifício o “bode para Jeová”? Tem um bode a mesma quantidade de gordura que um novilho de primeira qualidade? O que é então tipificado por isso?

**26 § 37:** Foi queimada qualquer outra oferta fora do acampamento além das “ofertas pelo pecado”?

**27 § 38:** O que tipificou a queima fora do acampamento do couro, da carne, e do esterco do bode? Devem esperar sofrer as mesmas experiências de vitupério e ignominia, experimentadas por nossa “Cabeça”, todos aqueles que são seguidores

assíduos de Cristo? (Cite os textos bíblicos que comprovem isto). Somente que classe pode apreciar plenamente o valor do sacrifício da companhia do “bode para Jeová”? (Veja 1 Cor. 2:9-14) Que outra classe pode apreciá-lo até certo ponto?

**28 § 39:** Que lições devemos aprender destes fatos? É possível que aqueles que uma vez entraram no “Átrio” e também no “Santo” possam sair ou ser expulsos de qualquer dos dois ou de ambos os lugares? Seria apropriado para aqueles que estão no “Santo” injuriar ou maltratar aos que deixaram o “Santo” ou mesmo os que deixaram o “Átrio”? (Compare com Judas 9)

**29 § 40-41:** Veja a primeira pergunta para o parágrafo número 28 acima.

**30 § 42:** O que significou para os consagrados do Senhor a unção do Espírito Santo no Dia de Pentecostes? Por que não poderia ter sido dado o Espírito Santo aos discípulos *antes* do Dia de Pentecostes?

**31 § 43:** Como foi pressagiado no tipo o batismo do Espírito Santo no Dia de Pentecostes? Por quais meios foi capacitado nosso Senhor para levar a cabo seu pacto de sacrifício até à morte e por meio de que poder será dada, do mesmo modo, tal capacidade a cada membro de seu Corpo?

**32 § 44:** De que maneira tornaram-se verdadeiras as palavras do Apóstolo Paulo, “E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”? (Compare com Fil. 3:8-10)

**33 § 45:** Por quais meios são iluminados e alimentados os seguidores consagrados do Senhor na condição do “Santo”?

**34 § 46:** Há algum mérito intrínseco em nossos sacrifícios como membros do Corpo de Cristo? (Veja Gál. 5:17; Sal. 49:7)

**35 § 47:** Virá o dia quando se acabarão todos os sacrifícios? Está próximo esse dia? Que galardão [recompensa] glorioso se promete ao fim do caminho?

**36 § 48-49:** O que significará para os santos verdadeiros do Senhor a passagem para além do “segundo véu”? (Compare com Heb. 6:19, 20)

**37 § 50-51:** Que grandioso evento se seguirá rapidamente à apresentação do sangue (a vida sacrificada) da classe do “bode para Jeová” ao Pai depois que o último membro tiver “passado para além do véu”? (Compare com Lev. 9:22, 23)

**38 § 52:** Por que foram aspergidas com sangue todas as coisas no tipo?

**39 § 53:** O que se passou com o bode vivo no tipo depois que foram jogadas as sortes? O que significa a declaração de que Arão pôs suas duas mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessou sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel e todas as suas rebeliões e todos os seus pecados, colocando-os sobre a cabeça do bode?

**40 § 54:** Que classe é representada pelo bode vivo, ou o “bode para Azazel”? Tipifica esse bode também aos pecadores intencionais?

**41 § 55:** Por quanto tempo tem existido a classe do “bode para Azazel”?

**42 § 56:** Será aperfeiçoado este grupo, como classe, enquanto algum membro da companhia do bode para Jeová ainda estiver vivo?

**43 § 57:** São amados pelo Senhor os membros da classe do “bode para Azazel”? Como esses serão tratados para sua purificação?

**44 § 58-59:** Qual será o galardão [recompensa] desta classe?

**45 § 60:** O que significa o fato de que o bode para Azazel era enviado ao deserto?

**46 § 61:** Desenvolver-se-ão *todos* os da classe do bode de Azazel ou a Grande Companhia [Grande Multidão] durante a Grande Tribulação com a qual esta Era Evangélica será concluída?

**47 § 62-63:** Como serão libertos os que estão “sujeitos à servidão” após a glorificação dos “escolhidos”?

**48 § 64:** Sofrem grande tribulação os fiéis que são “mais que vencedores”? De que maneira difere seu sofrimento daquele da Grande Companhia [“Grande Multidão”]? (Veja Atos 14:22; João 16:33)

**49 § 65-66:** Por que Arão foi instruído a trazer *dois carneiros* para os holocaustos?

**50 § 67:** Foram tratados da mesma maneira ambos os carneiros? O que foi típico do por isso? (Compare com Lev. 9:12-16)

**51 § 68:** Por que eram retiradas as vestes de linho branco [do sacerdote] e este passava a se vestir com “as vestes para glória e ornamento” antes de oferecer os “holocaustos”? Qual era a diferença entre o “holocausto” e a “oferta pelo pecado”? Quando manifestará Deus sua aceitação do sacrifício completo pelos pecados do mundo? (Veja Lev. 9:22-24; Apo. 14:1-7) Por que se chamam de “melhores sacrifícios” os sacrifícios de Cristo e aqueles dos membros de seu Corpo? (Veja Heb. 7:19; 9:23) Devemos esperar que Deus nos outorgue, como seu Sacerdócio escolhido, a honra e a dignidade perante os homens, enquanto ainda estamos no “Tabernáculo” segundo a carne? (Veja Fil. 2:5-10; 1 Cor. 4:8-14)

**52 § 69:** Onde ofereceu o Sumo Sacerdote o sacrifício do holocausto? (Veja Lev. 16:24)

**53 § 70:** Explique a diferença do significado das vestes levadas pelos sacerdotes durante o “Dia da Expição” e aquelas que foram adotadas pelo Sumo Sacerdote em sua conclusão? O que significou o lavamento de si mesmo em água do Sumo Sacerdote, após ter terminado com a oferta pelo pecado e antes de sacrificar o holocausto? (Veja Lev. 16:24)

**54 § 71-74:** Por que não havia “nenhum homem na tenda da congregação”, no “Santo”, quando Arão entrava no “Santíssimo” com o sangue, tanto do novilho como do bode para Jeová?

**55 § 75-76:** Trará o Senhor algum castigo *especial* sobre os que, por meio das repreensões, injúrias, perseguições e etc., colaboraram na destruição da humanidade de Cristo (o novilho) e do pequeno rebanho (o bode para Jeová)?

**56 § 77-78:** Receberão os que conseguem destruir a humanidade, a carne, da Grande Companhia [Grande Multidão] (o bode para Azazel) alguma retribuição *especial*?

**57 § 79:** Qual era a posição dos filhos de Israel perante Deus depois que acabavam os sacrifícios do Dia da Expição? (Veja Lev. 16:33, 34)

**58 § 80:** A quem ou ao o quê são oferecidos os sacrifícios de Jesus e de sua Igreja? (Compare com Lev. 16:14, 15) Quais os pecados que eles expiaram? (Veja Rom. 5:17-19) Quando reconhecerá Deus ao gênero humano pela primeira vez? (Veja Lev. 9:8-23; Rom. 8:19-21) Quais serão os resultados gloriosos desse reconhecimento? (Veja Apo. 22:1-3; Isa. 11:6-9; 25:6-9; 35:1-10; 29:18-20)

**59 § 81:** Virão de modo instantâneo ou gradual as bênçãos que resultam do reinado de justiça estabelecido após a conclusão do antitípico Dia da Expição? (Compare com isa. 62:10-12; João 5:28, 29; 1 Cor. 15:23-25; Isa. 65:20)

**60 § 82:** Como e de que modo foi demonstrada nos sacrifícios típicos dos filhos de Israel esta obra gradual?

**61 § 83:** Como podemos “dividir corretamente” e entender estes sacrifícios típicos diferentes da Era Judaica?

**62 \*** Nota: A expressão “dividir corretamente” é extraída de 2 Tim. 2:15 na versão, em inglês, *King James* onde o apóstolo Paulo incentiva Timóteo a “manejar bem (“dividir corretamente” — KJV) a palavra da verdade”. O *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*, da SBB, traz, “dividindo bem”.

**63 § 84:** Quais são os dois meios ou partes da expiação? Como e quando se efetuará a primeira parte desta expiação? Como e quando se efetuará a segunda parte?

**64 § 85-86:** Indica a seleção da Noiva de Cristo, durante esta Era, para estarem associados com ele na edificação e na regeneração futuras do mundo, que estes são naturalmente melhores ou mais puros que o restante da humanidade? (Compare com 1 Cor. 1:26-29) Então, em quem se encontra toda a *virtude* do grande sacrifício da expiação?

## Capítulo V – Outro tipo dos Sacrifícios da Expição (Levítico 9)

**Os sacrifícios da expiação enumerados com diversos detalhes — Moisés e Arão entraram no Tabernáculo, saíram e abençoaram o povo — “Aparecerá... aos que o esperam” — “E depois da morte, o juízo” — A manifestação da aceitação divina do Sacrifício da Expição.**

<sup>1</sup> NESTE CAPÍTULO teremos uma consideração mais breve da obra e dos Sacrifícios da Expição que já examinamos (Lev. 16). Além disso, este capítulo nos fornecerá certos aspectos que, à luz do precedente, serão igualmente interessantes e proveitosos para nós. Este será um outro quadro dos sacrifícios da Expição.

<sup>2</sup> “E disse Moisés: Esta é a coisa que o SENHOR ordenou que fizésseis; e a glória do SENHOR vos aparecerá E disse Moisés a Arão: Chega-te ao altar, e apresenta a tua oferta pelo pecado e o teu holocausto, e faze expiação por *ti* [isto é necessário para os que são chamados para serem membros de “seu Corpo”] e pelo *povo* [o mundo].” (Versículos 6, 7)

<sup>3</sup> Este tipo ilustrou o fato de que nosso Senhor Jesus (o sacrifício do novilho pelos pecados) era suficiente para redimir a ambos, a



“seu Corpo” ou ao “pequeno rebanho”, e também o mundo inteiro da humanidade. A participação da Igreja na oferta pelo pecado poderia ter sido inteiramente dispensada: Nós poderíamos ter sido eximidos das provas especiais de nosso “caminho estreito”, eximidos dos sofrimentos sacrificiais, e ter sido restaurados à perfeição da natureza humana, da mesma maneira como será toda a humanidade. Mas Jeová agradou-se em não somente escolher a Jesus para esta grande obra de sacrifício, mas também de fazê-lo o Capitão ou a Cabeça da “igreja, a qual é seu corpo”, e que estes, bem como seu Capitão, devem tornar-se *perfeitos como seres ESPIRITUAIS*, pelos sofrimentos na carne como ofertas pelo pecado. — Heb. 2:10; Col. 1:24.

<sup>42</sup> O apóstolo Paulo, referindo-se a nossa relação íntima com nossa Cabeça diz: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual *nos* abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais [o “Santo” e o “Santíssimo” em Cristo; como também NOS ELEGEU *nele* antes da fundação do mundo... para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis [ou justificou-tos] a si no Amado.” (Efé. 1:3, 4, 6) Deus “pelo nosso evangelho vos chamou, *para alcançardes A GLÓRIA* de nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Tes. 2:14), tanto que “se sofrermos, também com ele reinaremos.” — 2 Tim. 2:12.

<sup>53</sup> O Sumo Sacerdote, após apresentar seu próprio sacrifício também apresentava a oferta do povo (o bode), e fazia uma expiação por ele [todo o Israel] assim como havia ordenado o Senhor [Jeová]. Esse arranjo, no qual temos parte no sacrifício da expiação, era uma parte do mandato de nosso Pai ou do plano original, como atesta Paulo. — Col. 1:24-26.

<sup>64</sup> “Então Arão se chegou ao altar, e degolou o bezerro da expiação que era por [em vez de ou um substituto por] si mesmo. E os filhos de Arão trouxeram-lhe o sangue, e molhou o seu dedo no

sangue, e o pôs sobre as pontas do altar; e o restante do sangue deram à base do altar. Mas a gordura, e os rins, e o redenho [lóbulo] do fígado de expiação do pecado, queimou sobre o altar, como o SENHOR ordenara a Moisés. Porém a carne e o couro queimou com fogo fora do arraial. Depois degolou o holocausto, e os filhos de Arão lhe entregaram o sangue, e espargiu-o sobre o altar em redor. Também lhe entregaram o holocausto nos seus pedaços, com a cabeça; e queimou-o sobre o altar. E lavou a fressura e as pernas, e as queimou sobre o holocausto no altar.” (Versículos 8-14) (Praticamente o mesmo acontecimento relatado no capítulo 16, e tendo o mesmo significado.)

<sup>7</sup> Dessa maneira o holocausto de Jesus tem sido queimado por toda a Era Evangélica, dando evidência a todos os que se encontram na *condição* do “Átrio” (os justificados), da aceitação dele por Deus, e da aceitação de todos os membros de “seu Corpo” — colocados ao lado da Cabeça no altar.

<sup>8</sup> “Depois fez chegar a oferta do povo, e tomou o bode da expiação do pecado, que era *pelo povo* [não pelos sacerdotes ou pelos levitas, como no anterior], e o degolou, e o preparou por expiação do pecado, como o primeiro.” (versículo 15) Ou seja, ele foi tratado exatamente como foi o novilho. Este bode é o mesmo que o “bode para Jeová” na outra ilustração, sendo que foram omitidos o “bode para Azazel” e as outras características nesta visão mais ampla e geral. Esta é uma nova confirmação do ensino de que os que seguem os passos do Senhor são participantes na oferta pelo pecado.

<sup>9</sup> “Fez também chegar o holocausto, e ofereceu-o segundo o rito. E fez chegar a oferta de alimentos, e a sua mão encheu dela, e queimou-a sobre o altar, além do holocausto da manhã. Depois degolou o boi e o carneiro em sacrifício pacífico, que era pelo povo; e os filhos

de Arão entregaram-lhe o sangue, que espargiu sobre o altar em redor.” (Versículos 16-18)

<sup>106</sup> A oferta de paz, conforme já descrita, representou um voto ou um pacto. Em conexão com a oferta pelo pecado do Sumo Sacerdote, isto envolvia os votos, obrigações, e pactos assumidos pelo Sacerdote, baseados na oferta pelo pecado. No tipo, a *paz* foi estabelecida entre Jeová e Israel como segue: A oferta pelo pecado havia sido feita, bem como o holocausto demonstrando a aceitação dele por Deus, e, por isso, havia paz entre Jeová e Israel, porque o seu anterior pecado adâmico, figuradamente, havia sido removido. Desta forma, eram obrigados a viver obedientemente perante um pacto baseado em seu perdão — isto é, eles tinham que guardar a Lei — porque aquele que pratica tais coisas [da Lei] deve *viver* por elas (ou como recompensa por guardá-las). Mas como os nossos sacrifícios pelos pecados são melhores do que os típicos, do mesmo modo a oferta de paz ou o pacto estabelecido por esses sacrifícios, também são um pacto melhor. Portanto neste sacrifício de paz, ou na oferta do pacto, o Sacerdote é constituído para servir como figura e sombra das coisas *celestiais* — o mediador de um pacto [ou aliança] melhor (Heb. 8:5-13), sob o qual todo o povo será abençoado com a RESTITUIÇÃO (a restauração), e desse modo será capacitado a obedecer à lei perfeita e viver para sempre.

<sup>117</sup> “Depois Arão levantou as suas mãos ao povo e o *abençoou*; e desceu, havendo feito a expiação do pecado, e o holocausto, e a oferta pacífica.” (Versículo 22) Aqui vemos ilustrado no tipo, o fato de que ainda que não se espere que a plena *bênção* sobrevenha ao povo, até que tenham terminado todos os sacrifícios, não obstante, uma medida de bênçãos vem sobre a humanidade da parte dos membros do Sacerdote, mesmo *agora*, durante a era de sacrifício, antes que todos nós entremos no “Santíssimo” ou na condição espiri

tual. E quão verdadeiro isso é diante dos fatos: onde quer que esteja o Sacerdócio real, uma bênção mais ou menos pronunciada emana desses aos seus próximos.

**“ENTÃO ENTRARAM Moisés e Arão na Tenda da Congregação; depois Saíram, e abençoaram ao povo”**

<sup>128</sup> Quando este dia (idade ou era) de sacrifício tiver sido concluído, o Sacerdote completo (a Cabeça e o Corpo) aparecerá perante Deus, e dará evidência de ter cumprido todas as demandas da Justiça perante o povo (o mundo). Devemos notar que enquanto o tipo de Levítico 16 dividia a obra do Dia da Expição, e destacava todos os pormenores de como o sacrifício do Senhor tomou primeiramente o nosso sacrifício digno de aceitação, etc., este tipo mostrava que a inteira obra da Era Evangélica seria constituída de ofertas sucessivas, agora unidas realmente em uma só — todos os sofrimentos do Cristo completo, seguido imediatamente pelas bênçãos da restauração. A ida de Moisés para o Tabernáculo com Arão parece nos dizer que *a Lei é satisfeita por completo e sua justiça vindicada no sacrifício de Cristo*. A Lei (representada no tipo por Moisés) testemunhará a favor dos que estavam debaixo da Lei — Israel segundo a carne — e que todos os condenados debaixo dela foram também justificados para a vida pelos sacrifícios do sacerdote que “se ofereceu a si mesmo” uma vez por todas.

<sup>139</sup> Quando apresentado, o inteiro sacrifício foi considerado “santo e agradável a Deus”, sendo evidência disso o fato de que Moisés e Arão não morreram no umbral [limiar] do Santíssimo. Em seguida, Moisés e Arão saíram e *juntos* abençoaram o povo. Do mesmo modo, na era que se aproxima, o Cristo abençoará todas as famílias da Terra. (Gál. 3:8, 16, 29; Gên. 12:3). Isto, porém, não signi-

ficará pôr de lado ou ignorar a lei de Deus, e nem escusar o pecado, mas antes, pela restauração gradual do homem à perfeição humana, este será levado a uma condição na qual será capaz de guardar a lei perfeita de Deus, podendo ser assim abençoado por ela. Abençoado pelo Sacerdote, tornado perfeito e capaz de guardar a Lei — obedecendo-a e vivendo-a — pois “o que faz justiça é justo”, isto se tornará para ele [o homem] uma grande bênção. Então, quem quer seja poderá assim obedecer e viver para sempre em felicidade e em comunhão com Jeová.

### “E A GLÓRIA de Jeová Apareceu a Todo o Povo”

<sup>14</sup><sup>10</sup> À medida que as bênçãos progredirem (restaurando e elevando à raça, mental e fisicamente), os resultados se tornarão manifestos. O povo — o mundo em geral — reconhecerá o amor compassivo de Deus mais e mais a cada dia. Desta maneira, “a glória de Jeová se revelará, e toda a carne juntamente a verá.” (Isa. 40:5 - TB) Eles viverão para ver, gradualmente, o comprimento, a largura, a altura e a profundidade do amor de Deus, que excede todo o entendimento.

<sup>15</sup><sup>11</sup> É digno de nota que a bênção, aqui mencionada, não foi uma bênção para os subsacerdotes. Não. Eles foram representados na bênção — em Arão. A bênção veio, sobretudo, *ao povo* de Israel, que, no tipo, representa o mundo. E esta bênção ao mundo pela “Semente” — o Cristo completo, depois que todas as aflições forem cumpridas pelo Corpo (Col. 1:24), — a qual Paulo se refere, dizendo: “Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja.” Antes que possam experimentar a libertação do cativo da corrupção (do pecado e da morte) e a restauração à liberdade dos filhos de Deus (a liberdade da condenação, do pecado, da morte, etc.), conforme foi

desfrutado pelo primeiro filho humano de Deus, Adão (Luc. 3:38), os sacrifícios do Dia da Expição têm de ser concluídos, e os sacerdotes que fizeram os sacrifícios têm de estar vestidos com as gloriosas vestes, a autoridade real e divina, o poder que os porá em liberdade. — Rom. 8:19-22.

<sup>16</sup><sup>12</sup> Isto é sem dúvida a mesma bênção de todo o povo — a salvação da morte e de seu aguilhão, o pecado — a qual Paulo faz alusão, dizendo: “APARECERÁ SEGUNDA VEZ, SEM PECADO [não outra vez como oferta pelo pecado, e sem contaminação desses pecados que ele levou sobre si mesmo pelos pecadores], aos que O ESPERAM para *salvação*.” (Heb. 9:28) O mundo viu o Sacerdote — Cabeça e Corpo — sofrendo como oferta pelo pecado durante esta era. Jesus manifestou-se na carne aos judeus (como oferta pelo pecado), e do mesmo modo como Paulo pôde dizer, igualmente podem dizer todos aqueles que seguem os seus passos: “Para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal.” (2 Cor. 4:11) Assim como o Cristo completo deste modo se manifestou e sofreu na carne, assim também, eles devem ser glorificados juntos perante o mundo; “A glória de Jeová [a bênção e a salvação] se revelará, e *toda a carne* juntamente a verá.” Quando Cristo se *manifestar*, então também nos manifestaremos com ele em glória. — Col. 3:4.

<sup>17</sup><sup>13</sup> Mas esse grande Sumo Sacerdote do mundo será reconhecido somente pelos que “o esperam”. Se ele aparecesse como um ser carnal, no céu ou em outro lugar, isto seria um aparecimento a *todos*, tanto aos que o procuram como àqueles que não o procuram. Mas conforme temos visto, as Escrituras ensinam que a Cabeça foi aperfeiçoada como um ser espiritual, e que os de seu “pequeno rebanho” tornar-se-ão “semelhantes a ele”, como seres espirituais, de natureza divina, a quem nenhum dos homens viu nem pode ver. (1 Tim. 6:16 - IBB) Temos visto também que a maneira na qual o mundo verá a

igreja glorificada será pela percepção mental, no mesmo sentido em que se pode apropriadamente dizer, que uma pessoa cega vê. Neste mesmo sentido, vemos agora o prêmio, “a coroa da vida”, “não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem [por visão física]; pois as coisas que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.” (2 Cor. 4:18) E desta maneira que toda a Igreja desta era. “olha para Jesus”, e, portanto, “vemos a Jesus”. (Heb. 2:9; 12:2) Deste modo, com os olhos de seu entendimento, os “Vigilantes” discernem a segunda presença do Senhor em seu devir do tempo, pela luz da Palavra divina. E mais tarde, todo olho, do mundo, o verá da mesma maneira, mas pela luz, em “labareda de fogo”, de seus julgamentos. — 2 Tes. 1:8 [em outras traduções no versículo 7.]

<sup>18</sup> Esta é a única maneira em que os seres humanos podem ver ou reconhecer as coisas do plano espiritual. Jesus expressou esta mesma idéia aos discípulos, de que, os que o reconheceram em seu espírito ou mente, portanto o conheceram, assim como conheceriam ao Pai da mesma maneira. “Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.” (João 8:19; 14:7) Este é o único sentido em que o mundo sempre verá a Deus, pois: “Deus *nunca* foi visto por alguém” (“a quem *nenhum* dos homens tem visto nem pode ver”) — “O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou [manifestou].” (1 Tim. 6:16 - IBB; João 1:18) Jesus revelou ou fez com que seus discípulos vissem ao Pai por tornar conhecido seu caráter —revelando-o por palavras e ações como o Deus de Amor.

<sup>19</sup><sup>14</sup> Do mesmo modo, o sistema papal foi apontado por Lutero e outros, e visto por muitos, como sendo o Anticristo; ou como Paulo havia predito, o sistema mau, o homem do pecado, foi a partir de então *revelado*, mesmo que muitos ainda não o *vejam* desta forma.

<sup>20</sup> É assim, portanto, que nosso Senhor Jesus, a. cabeça (agora presente para recolher as jóias), está neste tempo revelando-se aos membros vivos do “pequeno rebanho”, mesmo que os outros *não saibam* nada acerca de sua presença. — Luc. 17:26-30; Mal. 3:17.

<sup>21</sup><sup>15</sup> Assim também será no dia milenar, quando o Cristo completo — o Sacerdote — for revelado. Ele será revelado somente aos que lhe esperam e somente estes o *verão*. Eles o verão, não com a visão física, mas, como vemos agora todas as coisas espirituais — nosso Senhor Jesus, o Pai, o prêmio, etc. — com os olhos da fé. Os povos não verão ao *Cristo* com a visão física, por causa do diferente plano de existência — um pertence ao plano *espiritual*, e o outro ao plano *carnal* — pela mesma razão que nunca verão a Jeová. Mas *nós* [o pequeno rebanho, quando glorificados] o veremos *tal como ele é*, porque seremos semelhantes a ele. — 1 João 3:2.

<sup>22</sup> Mas, ainda que somente “os que o esperam” sejam capazes de reconhecer ao Cristo como o libertador que os salvará do domínio da morte, no entanto, isto incluirá a todo o mundo. Porque a maneira da revelação será de tal forma que, enfim, todos o verão. “E todo o olho o verá”, e todos os que estão nos túmulos, após ressuscitarem, assim como os que o traspassaram, compreenderão que crucificaram ao Senhor da glória. Ele “Se manifestará [no céu? Não!] ... em labareda de fogo [julgamentos], tomando vingança dos que não conheceram [não reconheceram] a Deus, e dos que [também sobre os que] não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.” Não será exigido muito tempo para que toda a humanidade o reconheça sob tais circunstâncias. Agora os justos sofrem, mas nesse tempo “verão a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não o serve. (Mal. 3:15-18) Assim, todos discernindo claramente, podem, ao aceitar a Cristo e sua oferta de vida debaixo do Novo Pacto [Aliança], obter a vida eterna; “pois esperamos no Deus vivo, que é o



Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis.” — 1 Tim. 4:10.

### E DEPOIS DA MORTE, o Juízo

<sup>23</sup><sup>16</sup> Um texto diretamente relacionado com nosso assunto, conforme evidenciado pelo seu contexto, e não obstante, o mais mal aplicado e mal compreendido do que qualquer outro na Bíblia, é o seguinte: “E, como aos homens está ordenado [Arão e seus sucessores, aqueles que foram meramente tipos do Sumo Sacerdote da nova criação] morrerem uma vez [tipicamente, como representado pela morte do animal], vindo depois disso [como resultado subsequente desses sacrifícios] o juízo [de Deus, aprovando ou desaprovando o sacrifício], assim também Cristo, oferecendo-se *uma vez* [este sacrifício jamais se repetirá] para tirar os pecados de muitos [“por todos”]; aparecerá segunda vez, sem pecado [sem mancha alguma pelos pecados que carregou, e nem para repetir a oferta pelo pecado, mas], aos que *o esperam* para salvação” para dar a vida eterna a todos aqueles que a desejam sob as condições de fé e obediência a Deus. — Heb. 9:27, 28.

<sup>24</sup><sup>17</sup> Cada vez que um Sacerdote entrava no Santíssimo, no Dia da Expição, ele arriscava a vida; pois, se o seu sacrifício fosse imperfeito, ele teria de morrer ao passar pelo “Segundo Véu” [a cortina]. Ele mesmo não teria sido aceito no Santíssimo, nem seus sacrifícios imperfeitos teriam sido aceitáveis como expiação pelos pecados do povo. Portanto, qualquer falha significava a morte dele, e a condenação de todos aqueles por cujos pecados ele tentava fazer reconciliação. Este era o *juízo* [“juízo”] mencionado neste texto, pelos quais os sacerdotes típicos passavam cada ano; passar de modo favorável por aquele julgamento [“juízo”] dependiam a vida do sacer

dote e a expiação anual típica pelos pecados do povo. [Nota: A palavra grega traduzida “juízo” em Heb 9:27 é “*krisis*”, que segundo o *Dicionário Vine* significa “decisão, julgamento ou juízo”, muito frequentemente no sentido forense, e, especificamente acerca do 'julgamento' divino.” (edição em português, p. 729.)]

<sup>25</sup><sup>18</sup> Nosso grande Sumo Sacerdote, Cristo Jesus, passou por debaixo do antitípico Segundo Véu quando morreu no Calvário. Se o seu sacrifício tivesse sido de algum modo ou grau *imperfeito*, ele nunca teria sido ressuscitado da morte, pois o 'julgamento' de justiça teria sido contra ele. Mas a sua ressurreição no terceiro dia provava que a sua obra havia sido realizada perfeitamente, que ela passara pela prova do “julgamento” divino. —Veja Atos 17:31.

<sup>26</sup> Outra evidência de que nosso Senhor passou por este “julgamento” com sucesso, de uma vez para sempre, e que seu sacrifício foi aceito, foi demonstrado na bênção no dia do Pentecostes. Isto era uma antecipação da futura bênção ainda maior, e o derramamento do espírito sobre toda a carne (Joel 2:28), uma garantia ou penhor de que enfim ele (e nós nele) se apresentará para abençoar ao povo — ao mundo, por cujos pecados de modo pleno e aceitável ele expiou.

<sup>27</sup> Qualquer interpretação deste texto [Heb. 9:27, 28], que o aplique à morte comum da humanidade em geral, está em completa contradição, sendo eliminada pelo próprio contexto.

<sup>28</sup><sup>19</sup> Muitos têm esperado de maneira indefinida a vinda de um bom tempo — a eliminação, de algum modo, da maldição do pecado, da morte e da maldade em geral, mas não entendem o porquê de tão longa demora. Eles não compreendem que o *sacrifício* do “Dia da Expição” é necessário e tem de estar concluído antes que a glória e as bênçãos possam vir. Também não percebem que a Igreja, “os escolhidos”, ou o “pequeno rebanho”, estão associados no sacrifício do Cristo, e seus sofrimentos, assim como serão na glória que se seguiu

rá. Pois, “sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora; [ainda que em ignorância] esperando a manifestação [da Igreja] dos filhos de Deus.” — Rom. 8:19, 22.

<sup>29</sup><sup>20</sup> Ademais, visto que o Sacerdote típico representava tanto o “corpo” como a “cabeça” do Sacerdote antitípico, o Cristo, portanto, cada membro da Igreja deve passar por este “juízo” — e apesar de que muitos foram chamados, nenhum será *escolhido*, de modo final e aceitável na qualidade de “membros” do Corpo de Cristo, ramos da vinha verdadeira, exceto aqueles que se tornarem “vencedores” — fiéis até a morte. (Apo. 3:21) De modo algum estes devem procurar obter a perfeição da carne, mas antes, a perfeição do coração, da vontade, da intenção: devem ser “puros de coração” — o tesouro precisa ser de ouro puro, refinado no forno, mesmo que seu atual vaso seja um vaso imperfeito de barro.

### MANIFESTADA a aceitação divina

<sup>30</sup><sup>21</sup> “Porque o fogo saiu de diante do SENHOR, e consumiu o holocausto e a gordura, sobre o altar; o que vendo todo o povo, jubilaram e caíram sobre as suas faces.” (Versículo 24) — e adoraram. Este é o mesmo pensamento expresso em outra forma. O fogo simboliza a aceitação por Deus. O seu reconhecimento pelo povo demonstra que o mundo compreenderá o sacrifício e seu valor à vista de Deus como sendo o preço de sua liberdade da morte e dos túmulos, e ao se darem conta disso, adorarão a Jeová e a seu representante, o Sacerdote.

<sup>31</sup><sup>22</sup> Que isto ainda não se cumpriu é evidente. Deus ainda não *manifestou* sua aceitação, por meio do fogo, do sacrifício do grande Dia da Expição. O povo ainda não deu brados de alegria, não caiu sobre os seus rostos em adoração ao Grande Rei e seu representante.

Não, pois o mundo inteiro ainda está debaixo da influência do ma□ ligno (1 João 5:19). O deus deste mundo tem cegado quase toda a humanidade (2 Cor. 4:4). As trevas ainda cobrem a terra, e a escuri□ dão as nações. (Isa. 60:2) Nem precisamos procurar as grandes bên□ çãos de restauração prefiguradas neste tipo, até que todos os mem□ bros da Igreja, o “Corpo” do grande Sumo Sacerdote, tenham pri□ meiramente passado para além do Segundo Véu (a morte em si), e *entrado* no “Santíssimo”, pela transformação na ressurreição. Tam□ bém não se cumprirá esta bênção do tipo até depois do tempo da grande tribulação. Desta forma o género humano encontrando-se numa condição disciplinada, ajuizada e humilhada, de modo geral, estará “a esperar”, e a “procurar” pelo grande Cristo, a semente de Abraão, para lhes abençoar e soerguê-los.

<sup>3223</sup> Quão belamente ensinam estes tipos um resgate total de todo o povo, e a restauração e bênçãos tornadas possíveis para todos!

<sup>33</sup> Nada nos tipos transmite a impressão de que seja feita uma distinção entre os vivos e os mortos, e que por isso, alguém possa inclinar-se a inferir que ao terminarem os sacrifícios do Sumo Sacer□ dote, e se iniciarem as bênçãos, somente aqueles que então estiverem vivos, serão os grandemente beneficiados. Nós, porém, responde□ mos: Não, pois, à vista de Deus os vivos e os mortos são iguais; ade□ mais Ele fala de todos estes como estando mortos. Todos passaram a estar sob a *sentença* de morte em Adão; e a pequena quantidade de vida que qualquer homem possui agora é realmente nada mais que uma etapa da morte. É uma raça morta agora por causa do pecado de Adão. Mas no fim deste antitípico “Dia da Expição” as bênçãos da justificação e da vida serão estendidas a todos, debaixo de condi□ ções sob as quais todos serão capazes de obedecer, e assim, quem quiser poderá ter novamente, por meio do dador da vida, o Reden□ tor, tudo aquilo que foi perdido em Adão — a vida, a liberdade, o

favor de Deus, etc. — tanto aqueles que têm andado no caminho rumo à morte, como também aqueles que ainda hesitam à beira do caminho — “anda[m] pelo vale da sombra da morte.”

<sup>34</sup> Este é o objetivo da antitípica oferta pelo pecado: libertar a “todo o povo”, e toda a humanidade, do domínio do pecado e da morte, para restaurá-los à perfeição da existência que é essencial para a perfeita felicidade e *reconciliação* com o Criador.

<sup>35</sup><sup>24</sup> Essa é a bênção que sobrevirá a todas as famílias da Terra através da Semente de Abraão. Essas são as boas novas que foram pregadas a Abraão, como lemos: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios [toda a humanidade], anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações [e a sua descendência] serão benditas em ti [justificadas] . e à tua descendência, que é Cristo [primeiro a Cabeça e de modo secundário o Corpo] ... E, se sois [membros] de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa”, referindo-se, a saber, a certa classe de bênção, a Semente de Abraão, que abençoará a todas as famílias da Terra. (Gol. 3:8, 16, 29) Mas esta “Semente” deve ser completada antes das bênçãos vindouras, conforme foi demonstrado no tipo que acabamos de considerar: A oferta pelo pecado tem que estar concluída antes que possam ser derramadas todas as bênçãos que resultarão disso.

<sup>36</sup><sup>25</sup> A restrição de que *somente* o Sumo Sacerdote, uma vez por ano, entrava no “Santíssimo” para fazer expiação, não deve ser mal compreendida sugerindo que ele e os subsacerdotes nunca entravam nesta parte [o “Santíssimo”] durante os dias seguintes —logo assim que o Dia da Expiação houvesse feito uma reconciliação completa pelos pecados. Pelo contrário, o Sumo Sacerdote entrava quando ele pergunta a Jeová pelo bem-estar de Israel, etc., usando o peitoral do juízo, o Urim e o Tumim. Novamente, quando eles levantavam o

acampamento, o que acontecia com frequência, os sacerdotes entravam e abaixavam o “véu” e cobriam a Arca e todos os vasos santos, antes que fosse permitido aos levitas que os levassem. — Núm. 4:5-16.

<sup>37</sup> Novamente, sempre que um israelita oferecia uma oferta pelo pecado aos sacerdotes (depois terminassem os sacrifícios do “Dia da Expição”) todos eles a comiam no “Santíssimo”. (Núm. 18:10) E assim como no antítipo, depois que o atual “Dia da Expição” estiver concluído, o “Sacerdócio Real” estará no “Santíssimo” *ou condição espiritual perfeita*, e ali aceitará (comerá) os sacrifícios pelo pecado, trazido ao mundo pelas suas próprias transgressões (não pelo pecado original ou Adâmico, que era cancelado no “Dia da Expição”). Naquela condição espiritual perfeita, o sacerdócio instruirá em todo tipo de assunto, conforme representadas nas decisões e respostas dadas a Israel pelo Urim e Tumim.

---

**1 § 1-3:** Como corresponde a figura típica do capítulo 9 de Levítico com a figura do capítulo 16? Se, conforme já vimos, não há nenhum mérito intrínseco nos sacrifícios da Igreja, por que somos chamados para compartilhar com Ele em seu sacrifício? Em que sentido nosso Senhor foi tornado perfeito por meio de seus sofrimentos?

**2 § 4:** Como demonstra o Apóstolo Paulo nossa íntima relação com nossa Cabeça?

**3 § 5:** Era uma parte do “plano” original de nosso Pai o fato de que a Igreja viria a ter parte na obra da Expição?

**4 § 6-7:** Por quanto tempo tem estado queimando o “holocausto” de Jesus e que classe foi testemunha disto? Nesta figura do Dia da Expição, indicada em Lev. 9, por que se menciona o “bode para Azazel”? E porque aqui se representa a consagração do Sacerdote, e porque a “Grande Companhia”, representada pelo “bode para Azazel”, é excluída quanto a se tornarem membros no “corpo” do Sacerdote auto-sacrificante?

**5 § 8-9:** Que importante ensino confirma ainda mais esta figura? (Compare com Rom. 8:17; Luc. 9:23, 24; 2 Tim. 2:11, 12)

**6 § 10:** O que é representado pela oferta de paz? O que é esse “*melhor pacto*” [“*aliança*”] ao qual se faz referência e quando começará a existir? (Compare com Jer. 31:31-34) Quem é o Mediador deste Pacto [ou Aliança] e quem serão os abençoados debaixo dele?

**7 § 11:** Que bênção, em particular, parece ser tipificada em Lev. 9:22?

**8 § 12:** Explique de uma maneira geral a diferença entre as duas figuras do Dia da Expição dadas em Lev. 16 e Lev. 9.

**9 § 13:** O que tipificou Moisés, e por que entraram tanto Moisés como Arão na “tenda da congregação” depois que foram concluídos os diferentes sacrifícios do Dia da Expição, e por que saíram e juntos abençoaram o povo? Será ignorado qualquer ponto da Lei de Deus ou escusado o pecado durante a próxima era? (Veja Isa. 28:17, 18; Atos 3:22, 23) Será então uma desvantagem ou uma bênção a lei de “obedecer e viver” e “o que faz justiça é justo”? (Veja Ageu 2:7; Sal. 96:10-13; Isa. 25:8, 9)

**10 § 14:** Será que as bênçãos do Reinado Milenar serão imediatamente manifestadas ao mundo inteiro, tão logo esse Reinado tenha início?

**11 § 15:** Estão incluídos os “sacerdotes” entre os que serão abençoados debaixo deste reinado? Se não, por quê? (Compare com Mat. 25:31, 32; Apo. 21:2, 3; 2 Tes. 2:14)

**12 § 16:** Heb. 9:28 faz referência à bênção do mundo inteiro significando isso que todos os que “o esperam” irão reconhecê-lo logo que Ele vier em Sua segunda vinda? Manifestou-se Cristo aos judeus em sua primeira vinda como oferta pelo pecado deles e tem ele se manifestado à Igreja como também ao mundo? Se for assim, se deram conta disso, até o momento, os judeus ou o mundo, do valor desta oferta pelo pecado? (Compare com Isa. 53:1-3; João 15:18, 19; João 1:5; Heb. 13:13) Qual é a diferença da manifestação de Jesus e de sua Igreja ao mundo durante a Era Evangélica e durante a Era Milenar? (Compare com 1 Cor. 15:42-45; Mal. 4:2, 3)

**13 § 17-18:** “Olham para Jesus” os fiéis do Senhor agora? De que maneira? Como difere isto da maneira na qual o veremos quando além do véu? Aparecerá o Cristo glorificado aos que “o esperam” de uma maneira que pode ser apreciada pela visão natural? Se não, como ele lhes aparecerá, e como outros estarão conscientes de sua presença? (Compare com Isa. 40:5; Luc. 17:26-30) Poderão os seres humanos, algum dia, ver as coisas do plano espiritual e por quê?

**14 § 19-20:** Que outros exemplos nós temos do poder espiritual invisível? (Compare com Efé. 2:2; 6:12; Isa. 8:19)

**15 § 21-22:** O que implica o fato de que Cristo aparecerá somente aos que “o esperam” e que alguns que não o esperam não o reconhecerão e não se darão conta de que o grande Messias está presente para a bênção do mundo? (Veja Apo. 1:7; Sal.

22:27, 28; Sal. 67:2-7; Isa. 52:10, 15; 2 Tes. 1:7, 8) Qual é o significado da expressão do apóstolo que *Deus* “é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis”? (Veja 1 Tim. 4:10; Isa. 26:19; Ose. 13:14; João 5:28, 29)

**16 § 23:** A qual “julgamento” que segue à morte se faz referência aqui? Como entendem esta passagem geralmente os cristãos, e é bíblico tal conceito? (Compare com 2 Ped. 2:9; Apo. 11:15, 18; Apo. 20:11-13; Sal. 96:10-13)

**17 § 24:** O que era arriscado pelo Sumo Sacerdote no tipo cada vez que entrava no “Santíssimo” no Dia da Expição? (Compare com Lev. 16:13, 14)

**18 § 25-27:** Esteve em perigo a existência eterna de nosso Senhor durante sua carreira terrestre? (Compare com Heb. 5:7, 8) Que evidência positiva temos de que a vida e o sacrifício de nosso Senhor foram perfeitos e aceitáveis ao Pai? (Veja João 20:1-17; Atos 2:1-4) Como se manifestará a aceitação pelo Pai do sacrifício do Corpo de Cristo?

**19 § 28:** O que espera a “criação que geme”? Estão a esperar esta mesma manifestação os santos dignos [dignos da antiguidade ou antigos dignos] das Eras Patriarcal e Judaicas? (Veja Heb. 11:39, 40)

**20 § 29:** Deve passar sob o mesmo “julgamento” cada membro do Corpo de Cristo, assim como se deu com nossa Cabeça? Se assim for, como podemos ser *aceitáveis* a não ser que nós, como ele, levemos unia vida perfeita? (Compare com Col. 2:9, 10; Isa. 61:10)

**21 § 30:** Como é demonstrada a aceitação por Deus do sacrifício da Igreja no tipo? Apreciará o mundo então o grande sacrifício do Cristo? Como isto foi evidenciado no tipo? (Veja Isa. 40:5; 25:9; Apo. 15:3, 4)

**22 § 31:** Que acontecimento deve se interpor entre agora e o tempo quando “jubilarão e cairão sobre as suas faces” perante o grande Sumo Sacerdote em sua glória? (Compare com. Atos 15:13-17; Da, 12:1)

**23 § 32-34:** Serão participantes desta grande bênção os que agora estão mortos, assim como as nações viventes? (Veja Heb. 2:9; 1 Tim. 2:5, 6; Rom. 14:9; Ose. 13:14; Eze. 16:44-68)

**24 § 35:** Como foram “pregadas de antemão a Abraão” as “boas novas” — o Evangelho? O que deve estar concluído antes de vir a bênção sobre o mundo e por que não pode vir antes? (Compare com Lev. 9:15, 23, 24; Rom. 8:19, 21)

**25 § 36-37:** Qual foi o significado típico do fato de que o Sumo Sacerdote entrava sozinho no “Santíssimo” uma vez ao ano — no Dia da Expição? Entravam no “Santíssimo” o Sumo Sacerdote e os subsacerdotes após o Dia da Expição? O que foi tipificado por isso?



## Capítulo VI – Os sacrifícios subsequentes ao “Dia da Expição”

**Esses tipificam arrependimentos, votos, pactos ou alianças, etc., durante o Milênio — As ofertas queimadas do povo — Suas ofertas de paz — Suas ofertas de grãos — As ofertas expiatórias — Cessarão as distinções entre homem e mulher indicadas nos tipos.**

<sup>11</sup> OS SACRIFÍCIOS oferecidos *pelo povo* (Israel — o mundo) segundo sua própria importância individual, após os sacrifícios do Dia da Expição, tipificados pelas ofertas gerais de Israel, pertencem à próxima era, e assim serão apresentados ao glorificado sacerdócio real. No entanto, isto tem um início bem pequeno agora; portanto, o homem mundano dotado de prosperidade, sendo neste sentido, um administrador das coisas de Deus, pode usar estas coisas agora e granjear amigos por meio de “mamom” (vocábulo de origem semítica que significa as riquezas). Assim, quando houver terminado esta era de dominação por Satanás, e começar o reino de Cristo (no qual ele [Satanás] não será mais o administrador), então aqueles que ele favoreceu dessa forma irão abençoá-lo [a Cristo]. Se os administradores mundanos das riquezas (o mamom ou o deus deste mundo) fossem sábios, usariam muitos de seus meios desta maneira. Porque

qualquer um que dê a um destes pequeninos [sacerdotes] um copo de água fria, somente porque é um deles, certamente não perderá sua recompensa quando o Reino de Cristo estiver organizado e iniciar o seu governo. — Luc. 16:1-8; Mat. 10:42.

<sup>2</sup> Estes sacrifícios que não pertencem à espécie que denominamos os “sacrifícios do Dia da Expição” ilustravam ofertas e sacrifícios que pertencem à Era Milenar.

<sup>3</sup> Assim como no tipo, os sacrifícios do “Dia da Expição” precederam todos os outros, e foram a *base* para o perdão geral e da aceitação por Deus de todo Israel. Visto que estes foram seguidos por outros sacrifícios individuais após aquele dia, denominados de “ofertas pelo pecado”, “oferta pela culpa”, “ofertas de paz”, etc., assim se dará também no antítipo. Depois que os sacrifícios desta Era Evangélica tiverem conduzido o “povo” ou o mundo a uma condição justificada, ainda assim serão cometidos pecados e delitos que irão exigir confissão e reconciliação, tornando necessários estes pós-sacrifícios.

<sup>4</sup> Os sacrifícios do “Dia da Expição” representavam o cancelamento do pecado adâmico pelo sacrifício do Cristo; mas durante o milênio do reino de Cristo na Terra, enquanto estiverem sendo aplicados os benefícios para o mundo, e enquanto eles estiverem sendo restaurados gradualmente à verdadeira perfeição de vida e harmonia com Deus, serão cometidos erros pelos quais, de certo modo, eles serão responsáveis. Por estes terão de dar satisfação, acompanhada por arrependimento, antes que possam estar novamente em harmonia com Deus, mediante Cristo, seu Mediador.

<sup>5</sup> A consagração também será apropriada durante a próxima era, todavia, devido à mudança de governo do mundo, a consagração já não será mais, como agora, com destino à *morte*, mas, pelo contrário, ela será para a vida. Pois, com o fim do reinado do mal virá o fim da

dor, da tristeza e da morte, exceto sobre os malfeitores. A consagração deve ser sempre uma apresentação voluntária dos poderes de alguém, e conseqüentemente isto foi representado em alguns dos sacrifícios após o Dia da Expição.

<sup>65</sup> Como a *base* para o todo perdão dos pecados na próxima era será os sacrifícios do “Dia da Expição” foi apropriado que no tipo o pecador trouxesse algum sacrifício que indicasse um reconhecimento dos sacrifícios do “Dia da Expição”, como base do perdão sob nova forma. E por isso descobrimos que todas as ofertas do povo após o “Dia da Expição” eram de um gênero que reconheciam ou apontavam aos sacrifícios daquele dia. Estas ofertas podiam ser de gado, de ovelhas ou de aves (rolas ou pombas novas) ou de farinha de qualidade excelente — o artigo oferecido dependia da *capacidade* do ofertante.

<sup>76</sup> Durante a Era Milenar *todos os homens* chegarão “ao conhecimento da verdade”, e deste modo, à plena oportunidade de obter a salvação da maldição (condenação ou sentença) da morte adâmica. (1 Tim. 2:4) Quando lembramos que esta *morte* inclui todas as doenças, dores, e imperfeições às quais a humanidade está sujeita agora, vemos que o plano de Deus inclui uma restauração completa à perfeição humana. Somente aqueles que deliberadamente recusarem ou ignorarem as oportunidades postas ao alcance de todos naquele tempo, morrerão a Segunda Morte. Mas, a perfeição virá gradualmente e exigirá sempre a cooperação da vontade do pecador para obtê-la. Ele terá de *fazer o que puder* para ser soerguido novamente à perfeição, e para isso terá toda a ajuda *necessária*. Isto foi demonstrado pelos sacrifícios em geral: eles tinham que estar de acordo com a *capacidade* de cada pessoa. Contudo degradado pelo pecado e pela imperfeição, cada um deve, quando chegar ao conhecimento da verdade, apresentar perante Deus, a oferta indicando sua condição. A

pomba ou o pombo, trazido pelos mais pobres, no tipo, representava o *tudo* [que havia sido] justificado dos moralmente pobres e degradados; o bode oferecido por outros mais capazes, representava o *tudo* dos menos degradados; enquanto que o novilho representava o *tudo* dos que haviam atingido a *perfeição* da natureza humana. Do mesmo modo que o novilho era utilizado para tipificar a humanidade perfeita (muita gordura) do sacrifício de Jesus, e o bode (teimoso e magro) era utilizado para representar a natureza humana imperfeita dos santos, nos sacrifícios deste Dia da Expição, igualmente também aqueles animais representavam aos ofertantes (Israel — típico do mundo crente no Milênio) em suas consagrações. Mas devemos nos lembrar que estas ofertas queimadas e as ofertas de paz do futuro representam ao povo como se consagrando — se entregando ao Senhor. Elas não representam as ofertas pelos pecados para garantir a *reconciliação*, como fazem os sacrifícios do Dia da Expição. Havia deveras ofertas pela culpa que eram, em certo sentido, ofertas pelo pecado em prol dos indivíduos; mas estas, como veremos em breve, eram totalmente diferentes da oferta nacional pelo pecado do Dia da Expição.

<sup>87</sup> Quando os do mundo da humanidade aceitarem de boa vontade a graça de Deus, serão trazidos à perfeição no fim do milênio do reino de Cristo na Terra, já não havendo assim mais nenhum *pobre* no sentido de ser incapaz de oferecer um novilho — nem no sentido de ter alguma deficiência mental, moral ou física. Todos serão homens perfeitos, e suas ofertas serão sua personalidade *perfeita* tipificada pelos *novilhos*. Davi, falando disto, diz: “Então te agradecerás dos sacrifícios de justiça [ações corretas], dos holocaustos e das ofertas queimadas; então se oferecerão *novilhos* [sacrifícios perfeitos] sobre o teu altar.” (Sal. 51:19) Que essa linguagem de Davi não deve ser entendida como ensinando a restauração literal dos sangrentos sacrifi-

cios típicos, é evidente, porque no contexto, ele diz: “Pois não desejas sacrifícios [seja típico ou antitípico — a expiação total pelos pecados tendo sido cumprida naquele tempo ‘uma vez por todas’] ... Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus.” [Sal. 51:17, 18] Todos esses sacrifícios devem ser de livre vontade e desejo do ofertante. — Lev. 1:3.

<sup>98</sup>A perfeição da consagração foi demonstrada pela morte do animal — isto é, cada membro da raça deve consagrar sua vontade; mas isto também não será seguido pela destruição da natureza humana (a queima da carne fora do acampamento [arraial]), nem pelo ato de tomar a vida rumo à nova natureza — no “Santíssimo”. Somente os sacerdotes entravam ali, conforme indicado pelos sacrifícios Expiatórios. Não, pois quando se consagram, são aceitos como seres humanos, e serão perfeitos como tais — seu direito à vida como tal tendo sido comprado pelo Sumo Sacerdote, nos membros de cujo Corpo toda a Igreja vencedora é representada. As consagrações representam o apreço pelo resgate, e a submissão dos ofertantes à Lei de Deus como a condição sob a qual podem seguir eternamente vivendo no favor e em harmonia com Ele.

## OS HOLOCAUSTOS **do povo**

<sup>109</sup>Os holocaustos dos sacerdotes tinham que ser mantidos continuamente no altar, e nunca era permitido que se apagasse o fogo. “Esta é a lei do holocausto; o holocausto será queimado sobre o altar toda a noite até pela manhã, e o fogo do altar arderá nele mas o sacerdote acenderá lenha nele cada manhã, e sobre ele porá em ordem o holocausto e sobre ele. . . O fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará.” — Lev. 6:9, 12, 13.

<sup>1110</sup> Desse modo ficava indicado perante a mente de cada ofertante o fato de que o altar já era santificado ou separado, e que suas ofertas seriam aceitáveis por causa da aceitação da parte de Deus dos sacrifícios do Dia da Expição. A este altar o israelita trazia suas ofertas voluntárias, como está relatado em Lev. 1. Isto se fazia da maneira usual: o animal, cortado em pedaços e lavado, era depositado sobre o altar, os pedaços com a cabeça, eram totalmente queimados, um sacrifício de cheiro suave ao Senhor. Isto serviria para tipificar uma oração de agradecimento a Jeová — um reconhecimento de sua graça, sabedoria, e amor conforme manifestado no Corpo quebrantado do Cristo — seu resgate.

#### AS OFERTAS **de paz do povo**

<sup>1211</sup> Esta oferta tinha que ser de gado vacum ou do rebanho e poderia ser feita em cumprimento de um voto (pacto), ou como oferta de “ação de graças” de boa vontade. Parte dela tinha que ser trazida a Jeová pelo ofertante — “As suas próprias mãos trarão as ofertas queimadas do SENHOR; a gordura do peito com o peito trará para movê-lo por oferta movida perante o SENHOR”. E o sacerdote tinha de queimar a gordura sobre o altar, porém o peito era do sacerdote, como também os ombros. O ofertante tinha que comer o sacrifício. Lev. 3, e 7:11-18, 30-34.

<sup>13</sup> Isso parece indicar que para que algum homem possa obter uma condição de paz e harmonia completa (como todos devem fazer, pois senão terão de morrer na Segunda Morte), ele tem de comer ou cumprir um pacto perante Deus de plena consagração a Ele. Se, após ser aperfeiçoado deste modo, ele novamente vier a se corromper pelo pecado deliberado, morrerá (na *Segunda Morte*) conforme demonstrado pela penalidade [sob a Lei Mosaica] sofrida por aque-

les que tocassem em alguma coisa imunda. — Lev. 7:19-21. Compare com Apo. 20:9, 13-15.

<sup>14</sup><sup>12</sup> Com este sacrifício eram apresentadas, uma oferta de pães sem fermento amassados com azeite, e coscorões [“obreias”] sem fermento untados com azeite representando a fé do ofertante no caráter de Cristo, que ele copiará, e o pão levedado indicando o reconhecimento de sua própria imperfeição na época da consagração — o fermento sendo um tipo do pecado. — Lev. 7:11-13.

### AS OFERTAS **de grãos do povo**

<sup>15</sup><sup>13</sup> Estas ofertas de flor de farinha, de pães sem fermento, com azeite, etc., eram apresentadas ao Senhor pelo Sacerdote. Elas provavelmente representavam os louvores e a adoração oferecidos ao Senhor pelo mundo, mediante sua Igreja. “A esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém.” (Efé. 3:21) Estas ofertas eram aceitas pelos sacerdotes. Uma amostra era oferecida no altar demonstrando que estava aprovada, aceitável para Jeová.

### AS OFERTAS **pela culpa ou as ofertas pelo pecado do povo**

<sup>16</sup><sup>14</sup> “Quando alguma pessoa cometer uma transgressão, e pecar por ignorância nas coisas sagradas do SENHOR... E, se alguma pessoa pecar, e fizer, contra algum dos mandamentos do SENHOR, aquilo que não se deve fazer, ainda que o não soubesse, contudo será ela culpada, e levará a sua iniquidade. E trará ao sacerdote um carneiro sem defeito do rebanho, conforme a tua estimação, para expiação da culpa, e o sacerdote por ela fará expiação do erro que cometeu sem saber; e ser-lhe-á perdoado”, e dinheiro conforme a estima

tiva feita pelo sacerdote, em oferta pela culpa *acrescentando* a isso a *quinta parte* e esta será sua oferta. E o Sacerdote fará *expição* por ele. E quando uma pessoa pecar e roubar ou caluniar a seu próximo terá de restituí-lo por inteiro àquele a quem pertence, e acrescentará a isso a quinta parte (juros de vinte por cento). E para expiação de sua culpa trará a Jeová um carneiro sem defeito. — Lev. 5:15-19; 6:1-7.

<sup>17</sup> Isto nos ensina que para cada ofensa de um preceito legal a restauração deveria ser feita com juros, acompanhada pelo arrependimento ou por um pedido de perdão ao Senhor, por meio da Igreja (o Sacerdócio) — ou o reconhecimento pelo transgressor de suas próprias imperfeições, e do valor do resgate, conforme indicado pelo carneiro oferecido.

<sup>18</sup><sup>15</sup> Mas notemos a diferença entre o tratamento de tais ofertas pelos pecados e as ofertas pelo pecado do “Dia da Expição”. A última era oferecida a Deus (à Justiça) no “Santíssimo”, como “melhores sacrifícios”; as anteriores eram oferecidas *aos sacerdotes* que, durante o Dia da Expição, a tinham comprado do povo. O reconhecimento do povo seria feito pelo seu Redentor. O Sacerdote, de fato, tornou e ofereceu ao Senhor uma porção da oferta, como uma “comemoração”, um reconhecimento, de que o inteiro plano de redenção contorne levado avante no Dia da Expição (a Era Evangélica) originava-se do Pai celestial, mas apropriando-se do restante — ao comê-la.

<sup>19</sup> O mundo inteiro, comprado pelo sangue precioso (a vida humana) de Cristo, apresentará a si mesmo, para o perdão das transgressões, ao “Sacerdócio Real”, cuja aceitação de suas dádivas ou consagrações significará o *perdão*. Com isso se harmonizam as palavras de nosso Senhor Jesus a seus discípulos: “E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Aqueles a



quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos.” — João 20:22, 23.

<sup>20</sup><sup>16</sup> Ainda que este “ministério da reconciliação” pertença, em seu pleno sentido, à próxima era, na qual se completarão todos os sacrifícios da Expição, não obstante, mesmo agora, cada membro do “Sacerdócio Real” pode dizer aos que crêem e se arrependem: “teus pecados estão perdoados” — como fez nossa Cabeça, olhando pela fé ao futuro, como ele o fez, até a conclusão dos sacrifícios pelos pecados. Ademais, estes sacerdotes agora *conhecem* os termos e as condições sob as quais se promete o perdão, e podem falar com autoridade quando veem que foram acatados estes termos.

<sup>21</sup><sup>17</sup> As ofertas do Dia da Expição, conforme temos visto, sempre eram queimadas (Lev. 6:30; Heb. 13:11), mas as ofertas posteriores pela culpa, oferecidas após o Dia da Expição, não eram queimadas, mas antes, comidas (apropriadas) pelos sacerdotes.

## CESSARÃO AS DISTINÇÕES **entre homem e mulher**

<sup>22</sup><sup>18</sup> “Esta é a lei da expiação do pecado [oferta pela culpa] ... O sacerdote que a oferecer pelo pecado, a comerá . . . Todo o *homem* dentre os sacerdotes a comerá.” — Lev. 6:25-29.

<sup>23</sup> O Senhor e todos os anjos, de acordo com as Escrituras, são referidos como *homens*, enquanto que todos os santos são representados juntos como uma mulher, uma “*virgem*”, prometida em casamento ao nosso Senhor Jesus como esposo. Mas a fêmea humana era originalmente uma parte do homem feito à imagem de Deus, e ainda é até agora (ainda que temporariamente separada com o fim de procriar a raça humana) uma parte do homem — sendo que nem uma parte nem a outra é completa por si só. Já que o homem perfeito foi chamado de Adão, portanto, quando feito em dois, “Deus os chamou

pelo nome de Adão” — a autoridade ficando com o homem, que desse modo se tornou o guardião ou o preservador da mulher como parte de seu próprio corpo. (Efé. 5:23, 28) Esta divisão sexual não tornou Adão imperfeito; meramente dividiu sua perfeição entre dois corpos dos quais ele ainda era a “cabeça”.

<sup>2419</sup> As Escrituras indicam que por fim, na conclusão dos “tempos da restauração”, todos (macho e fêmea) serão *restaurados* à condição perfeita — a condição representada em Adão antes que Eva fosse separada dele. Não entendemos que tanto os varões como as fêmeas perderão sua identidade, mas antes que *cada um* passará a possuir as qualidades agora ausentes. Se este pensamento for correto, implicaria que a delicadeza extrema de algumas mulheres e a grosseria extrema de alguns homens se devem à queda, e essa *restauração* a uma perfeição na qual os elementos de ambos os sexos passassem a estar perfeitamente combinados e harmonizados, seria a humanidade *ideal* segundo o desígnio de Deus. Nosso querido Redentor, quando foi “Jesus Cristo, homem”, certamente não foi nem grosseiro, nem musculoso e nem afeminado. Nele o poder mental e a grandeza da masculinidade *combinaram-se* de modo mui encantador com a nobre pureza, a ternura e a graça da verdadeira condição ou dignidade da mulher. Não foi Ele o *homem perfeito* que morreu por nossa raça e redimiu a ambos os sexos? Não devemos esquecer que como *homem* ele não tinha uma esposa. Não devia, por esta razão, ter sido completo em si mesmo para pagar o pleno preço correspondente por Adão (macho e fêmea)? Assim, Eva estava representada, do mesmo modo, no grande resgate ou por meio de seu marido como sua “cabeça” [como representante] — se assim não ocorreu a mãe Eva não foi resgatada de modo algum, um pensamento que, aliás, estaria em conflito com outras passagens das Escrituras.

<sup>25</sup><sup>20</sup> De fato, nas Escrituras faz-se referência à Igreja Evangélica como sendo uma “Noiva”. No entanto, não como a noiva de “Jesus Cristo, homem”, mas antes, como a Noiva do Cristo ressuscitado e grandemente enaltecido. Como novas criaturas geradas pelo espírito de Deus para a natureza espiritual, somos noivos do Espírito Jesus, cujo nome, honra e trono compartilharemos. A Igreja não é a Noiva do sacrificado Jesus Cristo, homem, mas antes, do glorificado Senhor Jesus, que em sua segunda vinda a reivindica como sendo sua. — Rom. 7:4.

<sup>26</sup><sup>21</sup> Assim como se dará com o homem e a mulher na próxima era, assim se dará com o Cristo e a Igreja depois que a Igreja for glorificada toda a feminilidade desaparecerá — “seremos semelhantes a ele” — membros de seu Corpo: “este é o nome de que [então] será chamado [com o nome de seu Senhor]: JEOVÁ É A NOSSA JUSTIÇA.” (Jer. 33:16; 23:6 - TB) Como corpo do grande Profeta, Sacerdote, e Rei, a Igreja será uma parte do Pai Eterno ou Dador da vida para o mundo. — Isa. 9:6.

<sup>27</sup><sup>22</sup> Esse mesmo pensamento é transmitido através das Escrituras: somente os *varões* da tribo sacerdotal *faziam os sacrifícios*, e conforme já explicado de antemão, *comiam* das ofertas pela culpa e somente eles entravam no Tabernáculo e passavam para além do Véu. Igualmente, isto se dá nos arranjos do Espírito Santo para esta Era Evangélica: “E ele designou uns [varões] como apóstolos, outros [varões] como profetas, outros [varões] como evangelistas, e ainda outros [varões] como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo.” (Efé. 4:11, 12 - AL21) A palavra *varão*, conforme indicado acima, deve aparecer na tradução ao português assim como transparece no texto grego<sup>\*23</sup>, e as designações do Senhor e dos

apóstolos estão de acordo com isto. O Apóstolo Paulo claramente declara:

“Pois não permito que a mulher ensine, nem que *exerça* autoridade sobre o homem.” (1 Tim. 2:12 - AL21) Isto é ilustrativo da relação atual entre Cristo e a Igreja, a qual, entendemos, terminará com o fim desta era, quando os vencedores serão glorificados e feitos verdadeiramente um com o Senhor — como “irmãos”.

<sup>28</sup><sup>24</sup> Não obstante, isto não significa que as irmãs na Igreja não apresentam, do mesmo modo, os seus “corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”, e nem desempenham uma importante “obra de serviço” na Igreja como *membros do “sacerdócio real”*. Elas são igualmente, assim como os irmãos, agradáveis ao Senhor, porque, verdadeiramente, todas as distinções de sexo, cor e condição são ignoradas, derrubadas sob o ponto de vista divino, a partir do momento em que nos tomamos “novas criaturas em Cristo Jesus”. (2 Cor. 5:17; Gál, 3:28) Mas o tipo, a figura e a lição precisam manifestar continuidade, e, portanto, as distinções precisam ser rigidamente mantidas, em especial, nas partes mais importantes do serviço da Igreja de Cristo.

<sup>29</sup><sup>25</sup> Porém, de modo contrário, o Adversário, sempre tentou controlar o homem religiosamente por meio do amor e da estima, através dos quais os homens se dirigem às mulheres — tendo por consequência a exaltação da Virgem Maria à dignidade de uma deusa adorada entre os católicos. Assim, também, se deu com os antigos egípcios, pois, Ísis era sua deusa, e nos tempos posteriores do apóstolo Paulo, Diana era a deusa dos efésios. Será que Satanás ainda persiste em continuar a lidar com e por meio da mulher, como no Jardim do Éden? Não são as mulheres seus principais médiuns no Espiritismo e seus principais apóstolos e profetas na Teosofia e na Ciência Cristã?

<sup>3026</sup> A aceitação por parte de Satanás das mulheres como seus porta-vozes, certamente, não foi para elas uma vantagem. Pelo contrário, as mulheres estão num plano social e intelectual mais elevado e avançado, e ainda são muito apreciadas pelo seu verdadeiro caráter feminino, nos países onde as regulamentações da Bíblia são reconhecidas e respeitadas; e pelos que mui cuidadosamente seguem as normas Bíblicas.

### Meu sacrifício

“Deixo em teu altar, Ó meu divino Senhor,  
Aceite esta dádiva hoje, por amor de Jesus.  
Não tenho jóias para enfeitar teu santuário,  
Nem algum notável mundano sacrifício para fazer,  
Mas aqui trago, com minha trêmula mão,  
Esta vontade minha — uma coisa que parece pequena;  
E somente Tu, Ó Senhor, podes entender  
Que, quando te entrego isto, te entrego tudo do meu ser.

“Escondido de tua visão fixa podes ver,  
Esforços de paixão, visões de deleite,  
Tudo o que tenho, ou sou, ou contente estaria —  
Profundos amores, caras esperanças e desejos infinitos.  
Isto tem sido molhado com lágrimas, e ofuscado com suspiros.  
Fixado em minha mente até que não haja mais beleza alguma.  
Agora, desde teu estrado, onde jaz vencida,  
A oração ascendente — ‘Seja feita a vontade Tua!’  
  
“Receba-a, Ó Pai, antes que falhe minha coragem;

E absorva-a então em Tua própria vontade para que eu  
Nunca possa ter o desejo de recebê-la de volta;  
Quando o coração e a coragem fracassam, a Ti me dirijo.  
Tão mudada, tão apurada, tão igual à Tua,  
Faça tua a minha vontade, e assim obrigado pelo amor divino,  
Não possa conhecer ou senti-la como minha,  
Mas antes reconhecer minha vontade como sendo uma com a tua.”

---

**1 § 1-2:** A que época se aplicam os sacrifícios dos filhos de Israel, oferecidos após o Dia da Expição? Há outro sentido no qual eles se aplicam a qualquer outro época?

**2 § 3:** Por que precedem todos os demais sacrifícios aos sacrifícios do Dia da Expição? Depois que os sacrifícios da Era Evangélica tiverem conduzido o mundo a uma condição justificada (justificada quanto aos direitos da vida), ainda haverá necessidade de mais alguma reconciliação? Por quê?

**3 § 4:** Explique a diferença entre os sacrifícios do Dia da Expição, oferecidos durante a Era Evangélica, e as “ofertas pela culpa” ou as “ofertas pelo pecado” do mundo durante a Era Milenar.

**4 § 5:** É apropriada a “consagração” durante aproxima era? Se assim é, como diferirá da consagração atual?

**5 § 6:** Como se demonstrará na próxima era o fato de que os povos reconhecem os sacrifícios desta era como a base para o perdão de seus pecados e como isto foi indicado no tipo? (Compare com Lev. 17:1-9)

**6 § 7:** Serão eliminadas todas as atuais influências cegantes durante a próxima era? (Veja Isa. 29:18; 25:6-8; 11:9; 42:6, 7, 16) O que está incluído no termo “a morte adâmica”? Todos os do mundo terão que cooperar em sua própria salvação?

**7 § 8:** Quando o povo poderá oferecer “novilhos” ao Senhor?

**8 § 9:** Como foi demonstrada a perfeição da consagração por estes sacrifícios?

**9 § 10:** Foram oferecidos os “holocaustos” do povo no tipo somente de modo ocasional?

**10 § 11:** O que ficava indicado na mente de cada ofertante?

**11 § 12-13:** O que era a “oferta de paz” e daí o que ela tipificou?

**12 § 14:** Que outra oferta acompanhou a “oferta de paz” e daí o que isso significou no antítipo?

**13 § 15:** O que foram as “ofertas de grãos” do povo e daí o que elas representaram? (Veja Lev. 2:1-11; 7:9, 10)

**14 § 16-17:** O que foram as “ofertas pela culpa” ou as “ofertas pelo pecado” do povo e daí o que elas tipificaram?

**15 § 18-19:** Demonstre a diferença no tratamento destas “ofertas pelo pecado” e das “ofertas pelo pecado” do Dia da Expição e aplique-as ao antítipo.

**16 § 20:** Explique a maneira na qual se pode aplicar este “ministério da reconciliação” durante a era atual.

**17 § 21:** Em que outro detalhe diferiu o tratamento dos sacrifícios do Dia da Expição daqueles das “ofertas pelo pecado” do povo?

**18 § 22-23:** Existirão sempre as distinções entre homem e mulher?

**19 § 24:** Se não, por que e quando cessarão tais distinções?

**20 § 25:** É a Igreja a Noiva do homem Cristo Jesus?

**21 § 26:** Cessarão estas distinções de sexo tanto dentre a raça humana como dentre a Igreja glorificado?

**22 § 27:** Como é evidenciado este pensamento no tipo: Que quando a Igreja estiver glorificada cessarão todas as distinções do sexo? Demonstrem os ensinamentos e o exemplo de Cristo e do apóstolo que a mulher na Igreja, segundo a carne, não deve ser um mestre público ou líder? (Compare com 1 Cor. 14:34, 35)

**23 \* Nota:** A presença da palavra “vão”, conforme explicado aqui, é subentendida pela presença do artigo definido grego masculino “o” antes das designações indicadas pelo Apóstolo Paulo em Efé. 4:11, 12. O *Novo Testamento Interlinear* do Prof. Valdyr C. Luz, em português, traduz, literalmente do grego assim: “E Ele deu os, por um lado [para] apóstolos, os, por outro lado, profetas, os, por outro lado, evangelistas, os, por outro lado, pastores e mestres.” A versão em inglês, *English Standard Version* (ESV) de 2001, traduz aptamente do grego da seguinte forma, preservando o artigo definido: “E Ele deu os apóstolos, os profetas, os evangelistas, os pastores e instrutores.” (os grifos são nossos) Veja o livro *A Nova Criação* pp. 269 e 270, em inglês.

**24 § 28:** São as irmãs, do mesmo modo que os irmãos, prospectivos membros do Corpo de Cristo?

**25 § 29:** Como tem atacado e enganado o Adversário, o mundo com respeito às mulheres?

**26 § 30:** Tem sido uma verdadeira vantagem esse caminho antibíblico?

Capítulo VII – “As cinzas de uma novilha aspergida sobre os contaminados” (Hebreus 9:13 - TB)

**Nem um dos sacrifícios do Dia da Expição — Nem um dos sacrifícios subsequentes pelo povo — A classe tipificada por esse sacrifício — O Apóstolo Paulo: O subsacerdote que testemunhou e atestou com respeito ao antítipo — A aspersão das cinzas para a limpeza do povo será durante a Era Milenar — Como se efetuará a limpeza.**

<sup>11</sup> UM ASPECTO da lei cerimonial de Israel, relatado em Números 19, exigia o abate de uma novilha de cor vermelha [ruiva — ACF; ARC] — sem defeito, sobre a qual não havia sido colocado um jugo. Esta não era uma das ofertas pelo pecado do Dia da Expição, nem uma das ofertas do povo subsequentes ao Dia da Expição — de fato, ela não era uma “oferta” de modo algum, pois nenhuma parte dela era oferecida no altar do Senhor ou era comida pelos sacerdotes. Ela era sacrificada, mas não no mesmo sentido, nem no mesmo lugar, como estas [outras] ofertas — no Átrio. Ela também não era degolada por um dos sacerdotes, e nem era levado o seu sangue ao Santo e ao Santíssimo. A Novilha de cor vermelha era levada para fora do



acampamento de Israel, e lá era degolada e queimada até as cinzas — a carne, a gordura, o couro, o sangue, etc. — exceto um pouco de sangue que era retirado pelo sacerdote e aspergido sete vezes *diante* do Tabernáculo. As *cinzas* da novilha não eram levadas ao lugar santo, mas eram deixadas fora do acampamento [arraial], ajuntadas num monturo, e aparentemente eram acessíveis a qualquer um do povo que necessitasse delas. Sob a ordem da Lei, uma porção das cinzas tinha que ser misturada com água num vaso, e um feixe de hissopo, molhado nesta mistura, tinha que ser usado para aspergir a pessoa, as vestes, a tenda, etc., dos legalmente impuros, para sua purificação.

<sup>22</sup> Em vista do que vimos com respeito aos sacrifícios do Dia da Expição, que prefiguram os melhores sacrifícios desta Era Evangélica (concluídos pelo Sacerdócio Real, o Cristo, Cabeça e Corpo) esta novilha em sentido algum era relacionada com estes, e evidentemente não tipificava nenhum dos sacrifícios deste tempo presente. Portanto, do mesmo modo, era diferente de qualquer um dos sacrifícios que eram aceitos em nome do povo de Israel, após o Dia da Expição, o que conforme demonstramos, significavam seu arrependimento e tristeza pelos pecados durante o milênio do reino de Cristo na Terra e sua consagração total de si mesmos ao Senhor. A queima da novilha não estava relacionada a nenhum destes sacrifícios, todos os quais, eram feitos pelos sacerdotes no Átrio. Devemos procurar em outra parte por um antítipo desta Novilha Vermelha, pois se houvesse representado aos sacerdotes em qualquer sentido da palavra, teria sido necessariamente degolada por um deles como indicação deste fato.

<sup>33</sup> Então o que significava o sacrifício da novilha vermelha? — A que classe ou que pessoas ela representava, como tendo sofrido fora do “Acampamento” [“Arraial”], e em que sentido teriam que ver

seus sofrimentos com a limpeza ou a purificação do povo de Deus — incluindo os que ainda se tornarão seu povo durante a Era Milenar?

<sup>4</sup> Respondemos que uma classe do povo de Deus, mas não membros do “Sacerdócio Real”, sofreu em prol da justiça fora do “Acampamento” [“Arraial”]. Uma breve história destes, e das provas de fogo que suportaram nos é transmitida pelo apóstolo, na Bíblia, em Hebreus 11. Após relatar a bravura de fé de alguns deles ele diz: “E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo contando de Gideão, e de Baraque, e de Sansão, e de Jefté, e de Davi, e de Samuel e dos profetas, os quais pela fé venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos. As mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos; uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição; e outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra.” — Heb. 11:32-38.

<sup>54</sup> Temos aqui uma classe que corresponde àquilo que é descrito a respeito da Novilha Vermelha — uma classe que entregou sua vida fora do “Acampamento”; uma classe honrosa no pleno sentido do termo, mas que, no entanto, não era uma classe sacerdotal. Esta classe não sendo parte do Corpo do Sumo Sacerdote não podia ter parte ou participar nas ofertas pelo pecado do Dia da Expição — nem podia ser admitida às condições espirituais tipificadas pelo Santo e pelo Santíssimo. Isto pode parecer estranho, visto que, declaramos, com tanta certeza, que estes dignos da antiguidade [ou

“Antigos Dignos”] não eram membros do “Sacerdócio Real”. Nossa certeza neste assunto é a certeza extraída da Palavra de Deus, que em conexão com o relato destes patriarcas fiéis, assim declara: “E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, [não receberam a bênção principal]; provendo Deus *alguma coisa melhor a nosso respeito*, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados.” — Heb. 11:39, 40.

<sup>65</sup> Não deveria ser difícil para nós compreendermos que ainda que pudesse ter havido levitas antitípicos (justificados pela fé numa vindoura expiação), antes que nosso Senhor Jesus viesse ao mundo, não obstante, não poderia haver sacerdotes antitípicos, pois ele era a Cabeça ou o Sacerdote Supremo, e em todas as coisas tinha a preeminência, e antes que alguém pudesse tomar-se seu irmão e membro do sacerdócio real, [Nosso Senhor] fez expiação pelos *defeitos* [máculas] de seu “Corpo” e de “sua família”. O próprio Nosso Senhor declarou este assunto de modo bem claro, e sucintamente destacou a linha de demarcação entre os fiéis que o precederam e os fiéis que viriam após ele, seguindo os seus passos, e tornando-se seus co-herdeiros. De João, o Batista, ele disse: “Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele.” (Mat. 11:11) João, o Batista pertence a esta classe da Noiva Vermelha que sofreu fora do “Acampamento” [“Arraial”], até a morte, porém, João nada tinha que ver, em absoluto, com os sacrifícios ainda melhores do sacerdócio real durante o Dia da Expiação, cuja gordura e órgãos vitais eram oferecidos sobre o altar de Deus no “Átrio”, e cujo sangue foi levado ao “Santíssimo”, típico daqueles que se tomam novas criaturas em Cristo Jesus, e igualmente membros de seu “Corpo”, a Igreja, co-herdeiros com ele em todas as coisas.

<sup>76</sup> Mas ainda que estes dignos da antiguidade [ou “antigos dignos”] não sejam, em sentido algum, parte da oferta pelo pecado, eles ainda assim, estão relacionados com a *purificação do pecado*: suas cinzas (o conhecimento e a lembrança de sua fidelidade até a morte), misturadas com a água da verdade, e aplicadas com o purificador hissopo limpador, são valiosas, apurando e santificando a todos aqueles que desejam obter a plena harmonia com Deus — “aspergi-da sobre os contaminados, santifica-os para a purificação da carne.” No entanto, estas lições de fidelidade do passado, por si mesmas, são valiosas para nós, mas somente por, e através da associação com as ofertas pelo pecado do Dia da Expição, às quais o Apóstolo faz referência, no mesmo contexto — “o sangue de bodes e de touros.” [Heb. 9:13 - TB] Não somente as lembranças e as lições de lealdade dos dignos da antiguidade (tipificados pelas *cinzas* da novilha vermelha) são de um poder santificador para nós agora, mas também num sentido mais amplo, serão aplicáveis e se tornarão uma bênção para a humanidade em geral durante a Era Milenar. Pois, como vimos em outra parte, o arranjo divino é que estes dignos da antiguidade, ainda que o maior dentre eles seja menor em honra do que o menor no Reino, não obstante, ocuparão uma posição de elevada honra e distinção sob o Reino de Deus — como seus agentes e representantes. Pois, eles serão constituídos “príncipes em toda a terra”, tornando-se os agentes dos julgamentos [juízos] do Reino, e canais de suas bênçãos, para “todas as famílias da Terra”. Deste modo a fidelidade destes dignos da antiguidade foi representada pelas cinzas ajuntadas da novilha, guardadas para uso futuro: as valiosas lições de experiência, fé, obediência, verdade, etc., as quais, aplicadas à humanidade que buscará a purificação na era vindoura, irão santificá-la e apurá-la — porém, não sem os sacrifícios do Dia da

Expição, mas em conexão com e baseadas nestes sacrifícios. — Sal. 45:16.

<sup>87</sup> A queima da novilha era *testemunhada* por um sacerdote, que tomando uma madeira de cedro, uma vara de hissopo e um fio escarlate lançava-os no meio do fogo no qual ardia a novilha. O hissopo representaria a purificação, a madeira de cedro ou sempre-viva representaria a vida eterna, e o fio escarlate representaria o sangue de Cristo. O lançamento destes três no meio da queima implicaria que a ignominia ou desonra amontoada sobre os dignos da antiguidade que foram apedrejados, serrados em pedaços, etc., e dos quais o mundo não era digno, permitiu que o mérito do sangue precioso, a purificação da verdade, e a dádiva da vida eterna lhes fossem imputados por meio da fé; e que, desta forma, após a morte deles, poderiam ser reconhecidos como purificados, justificados e aceitos. O subsacerdote (não Arão, que tipificou ao Senhor Jesus) que viu, reconheceu e aprovou a queima da novilha e que tomou de seu sangue e o aspergiu na direção da entrada do Tabernáculo, pareceria ser um apropriado antítipo daquele grande subsacerdote, o Apóstolo Paulo, que, pela ajuda de Deus (o nome Eleazar significa: “Ajudado por Deus”) identificou para nós não somente a oferta pelo pecado do Dia da Expição, mas também em seus escritos (em Heb. 11) nos mostrou o que nos possibilita identificar o sacrifício da Novilha Vermelha como sendo uma representação dos dignos da antiguidade. Desse modo ele espalhava seu sangue para o Tabernáculo, demonstrando que suas vidas estavam completamente em harmonia com as condições do Tabernáculo — ainda que, não vivendo no tempo deste sumo sacerdote chamado, não pudessem obter o privilégio de se tornarem membros do Corpo do grande Sumo Sacerdote, o sacerdócio real.

<sup>98</sup> Já que na novilha vermelha nunca se havia colocado jugo algum, ela representava uma classe de pessoas justificadas — livres da

lei do Pacto [ou Aliança]. Ainda que muitos dos dignos da antiguidade houvessem nascido debaixo da Lei, e, portanto, legalmente sujeitos as suas condições e nas condições impostas pelas imperfeições da carne, não obstante, vemos que Deus os justificou pela fé, como filhos do fiel Abraão. Isto é atestado e corroborado completamente pelo Apóstolo, quando ele diz: “E todos eles . . . receberam bom testemunho pela fé” — um veredicto de “Muito Bem”, um testemunho de que agradaram a Deus, e de que ele lhes havia provido bênçãos em harmonia com sua promessa — apesar de não ter sido possível que lhes fossem dadas estas bênçãos naquele tempo, mas podem esperar recebê-las por meio da Semente espiritual de Abraão — o Cristo. O fato de que este sacrifício tinha que ser de uma novilha e não de um *novilho* servia para distingui-lo do grande sacrifício do Dia da Expição que somente podia ser de um *novilho*. O fato de que [o sacrifício] tinha que ser de uma *novilha vermelha* parece nos ensinar que estes dignos da antiguidade não eram sem pecado e, portanto, embora aceitos por Deus antes do sacrifício do grande Dia da Expição, eram “pecadores como os demais”. A evidência de sua purificação ou justificação pela fé, foi indicada, por outro lado, conforme sugerido acima.

<sup>102</sup> As purificações para as quais estas cinzas da novilha vermelha eram prescritas, eram de um tipo particular, a saber, especialmente para aqueles que entraram em contato com a *norte*. Isto parecia indicar que estas cinzas da novilha não foram designadas para tirar a culpa do indivíduo — não, pois, sua culpa moral podia ser purificada somente pelo mérito dos sacrifícios do Dia da Expição. A purificação da contaminação como resultado do contato com os mortos parece ensinar que esta purificação, influenciada pelas experiências dos dignos da antiguidade, será aplicada à humanidade especialmente durante a Era Milenar, enquanto estiverem se esforçan-

do para se tornarem livres de todos os aviltamentos da *morte adâmica* — tentando atingir a perfeição humana. Todos os defeitos da condição caída, todas as fraquezas corporais e todos os defeitos hereditários são causados pelo contato com a morte; e para todos estes as cinzas da novilha vermelha serão utilizadas com o objetivo de purificar todos os que se tornarão o povo de Deus. Iguais às cinzas da novilha vermelha, que eram depositadas num lugar limpo, assim também, os resultados das árduas experiências dos dignos da antiguidade se tornarão uma fonte de bênçãos, instruções e auxílio, por meio das quais estes [os dignos da antiguidade], quando forem constituídos “príncipes” subordinados no Reino, ajudarão na obra da restituição. Cada pecador perdoado, desejando ser plenamente purificado, não somente deverá lavar-se com a água (a verdade), mas também terá que aplicar as instruções destes “príncipes” — as instruções prescritas que foram tipificadas pelas cinzas aspergidas da novilha, representando as valiosas lições da fé e da obediência aprendida, por meio da experiência, por esta classe. — Êxo. 12:22; Lev. 14:4, 49; Sal. 51:7; Heb. 9:19.

### **“Tão Grande Salvação”**

“Nada para pagar? Não, nem um pouco.  
Nada para dar? Não, nem um pouco.  
Tudo que foi necessário para dar ou pagar,  
Jesus pelo meio bendito de Deus o fez já.

“Nada para pagar? Tudo foi pago.  
Nada para odiar? Paz foi feita.  
Só Jesus é o recurso para o pecador;  
Ele fez pelo sangue de sua cruz a paz já.

“Que há de ser do terror? Não há lugar.  
Num coração cheio com o sentido de sua graça.  
Minha paz é dulcíssima e nunca pode saciar-se,  
E isso faz que meu coração de alegria transborde.

“Nada de culpa? Não, nem uma mancha;  
Como podia o sangue deixar ficar uma?  
Minha consciência está purificada e meu espírito livre enfim;  
Precioso é este sangue para Deus e para mim.

“Que há de ser o meu futuro? É glorioso e formoso.  
Pois a glória justificada e santificada compartilharei.  
Por seu sangue redimido primeiro, por sua graça então no trono.  
Ombro a ombro com meu Senhor, como sua noiva a Ele pertencerei.

“Que hás de perguntar? Ó glória que vem;  
A Terra na aurora da manhã se regozijará.  
livra governar e abençoar esse reino e reinado vem;  
Tristeza, morte, lamento e dor desaparecerá.”

---

**1 § 1:** Foi o sacrifício da Novilha Vermelha uma “oferta pelo pecado” em qualquer sentido? Como sabemos disto? O que se sucedeu com as cinzas da novilha? (Veja Núm. 19:1-5)

**2 § 2:** Este sacrifício estava relacionado, de algum modo, com os sacrifícios do Dia da Expição? Era diferente dos sacrifícios oferecidos pelo povo de Israel após o Dia da Expição?

**3 § 3-4:** Então, o que significava o sacrifício da novilha vermelha e a que classe ela representava? Que teria que ver seus sofrimentos com a purificação do povo de Deus, tanto desta era como da vindoura?

**4 § 5:** É esta classe, representada pela novilha vermelha, uma parte do Corpo de Cristo, o Sacerdócio Real?

**5 § 6:** Como podemos nos assegurar disso? (Veja Heb. 6:19, 20; 2:3)



**6 § 7:** O que foi tipificado pelas “cinzas” da novilha? Qual será a posição dos “Dignos da Antiguidade” [ou “Antigos Dignos”]?

**7 § 8:** Quem foi testemunha da queima da novilha e daí o que ele fazia? O que foi tipificado pela “madeira de cedro”, pela “vara de hissopo” e pelo “fio escarlata”? Por que foram jogados no meio do fogo em que ardia a novilha? Quem parecia ser tipificado pelo subsacerdote que aprovou a queima e tornou do sangue e o aspergiu na direção da porta?

**8 § 9:** O que foi tipificado pela seleção de uma novilha vermelha “sobre a qual não se tivesse posto jugo”? Por que foi selecionada uma novilha e não um novilho e por que tinha que ser vermelha?

**9 § 10:** Para que purificações, em particular, foram prescritas as cinzas da novilha?

## Capítulo VIII – Outros tipos significativos

**As Colunas do Átrio — As Cortinas Brancas — Os Ganchos de Prata — As Colunas da Porta do Santo e do Santíssimo — A Mesa de Ouro — O Candelabro de Ouro — Os sacerdotes antitípicos que veem as coisas profundas e os levitas que não as veem — O Altar de Ouro — A Arca do Pacto ou Aliança no Santíssimo — Seu conteúdo e significado — O Propiciatório — Os Dois Querubins — O sacerdote sem mácula — O mistério oculto das Eras.**

<sup>1</sup> NA DESCRIÇÃO precedente omitimos intencionalmente a explicação de alguns detalhes interessantes, que agora podem ser mais bem entendidos por aqueles que, mediante o estudo cuidadoso, obtiveram um entendimento claro do plano geral do Tabernáculo, de seus serviços e de seus significados típicos.

<sup>2</sup> *As colunas* que estavam no “Átrio”, e sustentavam as cortinas brancas, representavam os *crentes justificados* — e conforme já vimos, o “Átrio” representa a condição justificada. As colunas eram de madeira, um material corruptível, implicando assim que a classe tipificada não é verdadeiramente perfeita como seres humanos. Visto que a perfeição humana era representada pelo cobre, essas “colunas”

deveriam ter sido feitas de cobre, ou cobertas com cobre, caso representassem seres humanos realmente perfeitos. Apesar de terem sido feitas de madeira e colocadas em bases de cobre, isso nos ensina que, apesar de serem imperfeitos, sua posição é a de seres humanos perfeitos. Seria impossível representar de modo mais claro *a justificação pela fé*.

<sup>32</sup> *As cortinas brancas*, as quais eram sustentadas por estas colunas, formando assim o “Átrio”, ilustram bem a mesma justificação ou pureza. Igualmente, os justificados devem exhibir continuamente à vista do mundo. (o “Acampamento” [“Arraial”]) o linho puro, representando a justiça de Cristo como sua cobertura.

<sup>43</sup> *Os ganchos de prata*, por meio dos quais as colunas sustentavam as cortinas, são um simbolismo da verdade. A prata é um símbolo geral da verdade. Os crentes justificados, representados pelas colunas no “Átrio”, portanto, podem real e *verdadeiramente* reivindicar que a justiça de Cristo cobre todas as suas imperfeições. (Êxo. 27:11-17) Novamente, é somente pela ajuda da verdade que são capazes de manter sua justificação.

<sup>54</sup> *As colunas da porta* na entrada do Tabernáculo — na “porta” do “Santo” — eram cobertas pelo primeiro “Véu”. Elas eram totalmente diferentes das colunas no “Átrio”, e representavam as “novas criaturas em Cristo” — os santos consagrados. A diferença entre estas e as colunas no “Átrio” representa a diferença entre a condição dos crentes justificados e a dos crentes santificados. A *consagração à morte* de um homem justificado, conforme já vimos, é o caminho para o “Santo” — passando pela morte da vontade humana, da mente carnal, o primeiro véu. Por isso, estas colunas devem ilustrar esta mudança, e assim o fazem; pois eram cobertas com ouro, um símbolo da natureza divina. Sua colocação em bases de cobre representava a maneira na qual “ternos este tesouro [a natureza divina] em vasos de

barro" (2 Cor. 4:7), isto é, nossa nova natureza ainda se baseia em, e repousa em, nossa *humanidade justificada*. Isto nos faz lembrar que tal fato corresponde exatamente ao que descobrimos acerca do que o "Santo" simbolizava, a saber, nosso lugar ou posição como novas criaturas, ainda não aperfeiçoadas. — Êxo. 26:37.

<sup>65</sup> *As colunas da porta do "Santíssimo"* estavam exatamente dentro do segundo "Véu", e representavam àqueles que passam completamente para além da carne (o véu), rumo à perfeição da condição espiritual. Estas colunas eram construídas deste modo para ilustrar este fato plenamente. Cobertas com ouro, representavam a natureza divina, mas não mais colocadas em bases de cobre — não mais dependentes de alguma condição humana — pois estavam colocadas em bases de prata (a realidade, a verdade, a veracidade) e pareciam dizer: Quando entrarem por este véu vocês serão perfeitos — real e verdadeiramente novas criaturas. — Êxo. 26:32.

<sup>76</sup> *A Mesa de Ouro*, no "Santo", sobre a qual eram postos os pães da proposição, representava a Igreja como um todo, incluindo a Jesus e aos apóstolos — todos os santificados em Cristo que servem "retendo a palavra da vida." (Fil. 2:16) A grande obra da Igreja verdadeira durante esta era foi alimentar, fortalecer e iluminar todos os que ingressam no pacto [aliança] da condição espiritual. A Noiva de Cristo está a se preparar. (Apo. 19:7) O testemunho ao mundo durante a era presente é absolutamente secundário e incidental. A plena bênção do mundo virá a seguir no "devido tempo" de Deus, após o término da Era Evangélica (o antitípico Dia da Expição com suas ofertas pelo pecado).

<sup>87</sup> *O Candelabro de Ouro*, ou o candelabro, que era colocado no lado oposto à Mesa de Ouro e irradiava sua luz a todos no "Santo", era de ouro — composto de uma peça forjada. Tinha sete braços, sendo que cada um apoiava uma lamparina, formando sete lampa-

rinas ao todo — um número perfeito ou completo. Isto representava a Igreja completa — desde a Cabeça, Jesus, incluindo até o último membro do “pequeno rebanho” que está para ser escolhido dentre o povo, para serem participantes da natureza divina (o ouro). Nosso Senhor diz: “e os sete castiçais (candelabros), que viste, são as sete igrejas,” (Apo. 1:20) — a Igreja única, cujos sete estágios ou desenvolvimentos foram simbolizados pelas sete congregações da Ásia Menor. (Apo. 1:11) Sim, aquele candelabro representava a inteira Igreja dos Primogênitos — não a nominal, mas antes, a Igreja verdadeira, cujos nomes estão inscritos nos céus — os portadores de luz verdadeiros — o “Sacerdócio Real”.

<sup>98</sup> A forma de seu artesanato era belo — flores de amêndoa, uma fruta e uma flor, seguindo-se sucessivamente — ambos representando à Igreja verdadeira tão bela como frutífera do primeiro até o último. A lamparina na parte superior de cada braço possuía a forma de uma amêndoa, cujo significado veremos quando considerarmos o significado da vara de Arão.

<sup>109</sup> A luz desta lamparina era de azeite puro de oliva, “batido” ou refinado, e as lamparinas sempre eram mantidas acesas. Este azeite era um símbolo do Espírito Santo, e sua luz representava a santa iluminação — o Espírito da verdade. Sua luz era para o benefício dos sacerdotes somente, pois a nenhum outro era permitido vê-la ou desfrutar de sua luz. Assim se representava o espírito ou a mente de Deus dado para iluminar a Igreja, nas coisas profundas de Deus, as quais estão inteiramente ocultas diante do homem natural (1 Cor. 2:14), ainda que este seja um crente — um homem justificado (um levita). Ninguém, senão aos verdadeiros consagrados, o “Sacerdócio Real”, é permitido ver esta luz mais profunda, escondida no “Santo”. Os sacerdotes (o Corpo de Cristo consagrado) sempre têm acesso ao “Santo”; é seu direito e privilégio, e isto lhes estava destinado. (Heb.

9:6) A classe levítica não pode olhar para dentro por causa do véu da disposição humana que se interpõe entre eles e as coisas sagradas; e o único meio para pô-la de lado é consagrar e sacrificar por completo a vontade e a natureza humana.

<sup>11</sup><sup>10</sup> As luzes tinham que ser arrançadas e enchidas a cada manhã e cada tarde pelo Sumo Sacerdote — Arão e seus filhos que lhe sucederam no ofício. (Êxo. 27:20, 21; 30:8) Do mesmo modo, o nosso Sumo Sacerdote está nos preenchendo diariamente mais e mais com a mente de Cristo, e retirando a escória da velha natureza — o pavio ou mecha pela qual o Espírito Santo opera.

## OS SACERDOTES e os levitas antitípicos

<sup>12</sup><sup>11</sup> Ficamos perplexos por que certas pessoas religiosas não podem ver nada mais do que as coisas naturais, e por isso não podem discernir a profundidade das verdades espirituais da Palavra? Embora possam ver a restauração do homem natural, não conseguem discernir o chamado divino, celestial? Estas lições do Tabernáculo demonstram porque isto ocorre. São irmãos na justificação, da “família da fé”, mas não irmãos em Cristo — não são plenamente consagrados — não são sacrificadores. São levitas — no “Átrio”, pois, nunca se consagraram como sacerdotes, para sacrificar seus direitos e privilégios humanos, e por isso, não podem entrar no “Santo”, nem ver as coisas preparadas somente para a classe sacerdotal. “As coisas que olho [natural] não vi, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do *homem*, são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou [que por meio da consagração se tornaram “participantes da natureza divina,”] pelo seu Espírito [a luz da lamparina]; porque o Espírito penetra todas as coisas [revela], ainda as *profundezas* de Deus.” — 1 Cor. 2:9, 10.

<sup>13</sup><sup>12</sup> A igreja nominal sempre incluiu tanto a classe justificada como a classe santificada — os levitas e os sacerdotes bem como os hipócritas. Nas epístolas do apóstolo Paulo certas partes foram dirigidas à classe justificada (os levitas) que não haviam se consagrado plenamente. Portanto ele escreve aos Gálatas: “E os que são de Cristo *crucificaram* a carne com as suas paixões e concupiscências,” (Gral. 5:24) Assim, ele parece implicar aqui, que somente alguns deles estavam em harmonia com o chamado do Evangelho para se sacrificar — a crucificação da carne.

<sup>14</sup><sup>13</sup> Do mesmo modo ele se dirigiu aos Romanos (12:1): “Rogovos, pois, irmãos, [crentes — justificados pela fé em Cristo — levitas], pela compaixão de Deus [manifestas mediante Cristo em nossa justificação], que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo [que vos consagreis totalmente — desta maneira tornando-vos sacerdotes], santo e agradável a Deus,” Todos os que de coração renunciam ao pecado e aceitam a graça de Deus em Cristo são justificados livremente pela fé em Jesus — Deus os aceita e os considera sem pecado ou santos; e a estes sacrificadores e suas ofertas, Deus declarou-se como estando disposto a. aceitá-los através de Cristo durante este Dia da Expição (a Era Evangélica), até que o número total eleito do sacerdócio real seja completado. “Agora é o tempo *aceitável*” — o tempo em que tais ofertas são aceitas. E certo, conforme já vimos, que Deus aceitará os sacrifícios do mundo, e este sempre será o único curso apropriado para todos seguirem — entregar-se ao Senhor como seus seres adquiridos. Mas após o término desta era, a ninguém será permitido sacrificarem-se até a *morte* e aos sofrimentos — tais sacrifícios serão impossíveis depois que a nova era e seus regulamentos forem inaugurados.

<sup>15</sup><sup>14</sup> Parece ser evidente que grande parte das primitivas igrejas (muito mais do que as misturas mundanas modernas, a confusa

“Babilônia” dos dias atuais) não foram consagradas à morte, e, portanto, não se tornaram parte do antitípico “sacerdócio real”, mas antes, meramente levitas, fazendo o *se* ‘iço do Santuário, mas não *se sacrificando*.

<sup>16</sup><sup>15</sup> Olhando para trás ao tipo na Lei, notamos que havia 8.580 levitas designados ao serviço típico, enquanto que somente cinco sacerdotes foram designados ao sacrifício típico. (Núm. 4:46-48; Êxo. 28:1) Pode ser que isto, assim como os outros aspectos da “sombra”, tenham sido designados para ilustrar a proporção dos crentes justificados em relação aos que se sacrificam e se consagram. Ainda que a Igreja nominal agora atinja milhões, não obstante, quando se toma em consideração os hipócritas, e quando somente um dos mil e setecentos que ficam supõe-se que sejam um sacrifício vivo (ainda que sejam poucos, porém, numa proporção correta segundo o tipo), parece ser muito evidente que o Senhor não fez uma declaração errônea quando disse que aqueles (o “Sacerdócio real”) que receberiam o reino seriam um “pequeno rebanho”. (Lucas 12:32) E quando nos lembramos que dois dos cinco sacerdotes foram destruídos pelo Senhor, como símbolo da morte\*<sup>16</sup> dos sacerdotes negligentes e infiéis, descobrimos que a proporção de 3 sacerdotes para os 8.580 levitas são somente 1 para 2.800.

<sup>17</sup><sup>17</sup> O fato de vermos crentes que estão se empenhando em pôr de lado seus pecados, não é evidência, por si mesma, de que sejam “sacerdotes”; pois tanto os levitas como os sacerdotes deviam praticar “a circuncisão do coração” — “tirando as imundícias [os pecados] da carne”. Tudo isso é simbolizado na Pia ou Bacia de água no “Átrio”, na qual tanto os sacerdotes como os levitas se lavavam. Nem sempre também é um indicativo de consagração a Deus, um espírito de humildade, gentileza, benevolência e moralidade. Estas qualidades pertencem a um homem perfeito natural (a *imagem de*



*Deus*), e ocasionalmente sobrevivem parcialmente aos efeitos ruinosos da queda. Mas tais evidências, não raro, se passam como sendo provas de uma consagração total na Igreja nominal.

<sup>1818</sup> Ainda que vejamos os crentes praticando a abnegação em alguma boa obra de reforma política ou moral, isto não é uma evidência de consagração a Deus, ainda que seja uma evidência de consagração a uma *obra*. A consagração a Deus diz, qualquer que seja a obra ou lugar: “Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus,” que a *tua* vontade, da *tua* maneira, seja feita. A consagração a Deus, então, se baseará numa busca de seu plano revelado em sua Palavra, para que possamos ser capazes de nos gastar e sermos gastos por Ele em prol de seu serviço, em harmonia com o seu plano arranjado e revelado.

<sup>1919</sup> Não fiquéis maravilhados, então, que tão poucos tenham visto as gloriosas belezas dentro do Tabernáculo: somente os sacerdotes podiam vê-las. Os levitas podem saber delas unicamente conforme as ouviam ser descritas. Nunca viram a luz escondida e a beleza, nunca comeram do “pão da proposição”, nunca ofereceram incenso aceitável no “Altar de Ouro”. Não. Pois, para desfrutar destes, devem passar pelo “Véu” — até a consagração total a Deus em sacrifício durante o Dia da Expição.

<sup>2020</sup> O *Altar de Ouro* parece representar o “pequeno rebanho”, a Igreja consagrada na atual condição de sacrifício. Deste altar dissemina-se o incenso aromático, aceitável a Deus, por meio de Jesus Cristo — os serviços voluntários dos sacerdotes: suas orações-, sua obediência voluntária — todas as coisas, tudo o que fazem para a glória de Deus. Os que desse modo oferecem incenso aceitável a Deus (1 Ped. 15) achegam-se bem a seu Pai — perto do “Véu” que os separa do “Santíssimo”. Se eles têm pedidos para lhe fazer, podem apresentá-los como incenso — “e foi-lhe dado muito incenso, para o

*pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro.*” (Apo. 8:3) As orações de tais sacerdotes de Deus são eficazes. Nosso Senhor Jesus mantinha queimando continuamente o incenso, e podia dizer: “Eu bem sei que sempre me ouves.” (João 11:42) Do mesmo modo, os subsacerdotes, “membros de seu Corpo”, sempre serão ouvidos se eles continuamente oferecerem o incenso da fé, do amor, e da obediência a Deus: e ninguém deve supor que seus pedidos sejam respondidos se não mantiverem firme o seu pacto — “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós [ensinos], pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito.” (João 15:7) A necessidade de um entendimento claro dos ensinamentos de Cristo, como guia para os nossos pedidos e esperanças, para que não possamos “pedir mal” e algo que não esteja em harmonia com o plano de Deus, é claramente indicado por esta passagem bíblica — mas raramente isso é notado.

<sup>2121</sup> Aprendemos, através dos tipos previamente considerados, algo acerca da glória do “Santíssimo” (a condição perfeita e divina), a quem *nenhum* dos homens viu (1 Tim. 6:16), mas na qual “as novas criaturas em Cristo Jesus” se tomam participantes da natureza divina — e finalmente chegarão, quando o incenso oferecido da parte do inteiro Corpo de Cristo, o “Sacerdócio Real”, houver terminado, com a nuvem do perfume seguindo à frente deles diante da presença de Jeová, para que possam viver para além do “Véu”, tomando-se aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo, seu Senhor.

## DENTRO DO SANTÍSSIMO

<sup>2222</sup> A *Arca do Pacto [Aliança]* ou “Arca do Testemunho” era o único móvel no Santíssimo. (Veja Heb. 9:2-4 e a nota marginal na *Diaglott*) Seu nome sugere e ilustra a personificação do plano de Jeová, que ele havia proposto, antes do começo da criação de Deus —

antes que houvesse havido o qualquer desenvolvimento de seu plano. Representava o *propósito eterno de Deus* — seu arranjo predeterminado das riquezas da graça para a humanidade no Cristo (Cabeça e Corpo) — “o mistério oculto”.<sup>23</sup> Portanto representa a Cristo Jesus e a sua Noiva, o “pequeno rebanho”, para serem participantes da natureza divina, e serem imbuídos de poder e grande glória — o prêmio de nosso chamado superior — a alegria que foi proposta ao nosso Senhor, e a todos os membros de seu Corpo.

<sup>23</sup><sup>24</sup> Como dissemos antes, esta [A Arca do Pacto] era uma caixa retangular, revestida com ouro, representando a natureza divina outorgada à Igreja glorificada. Continha as duas Tábuas da Lei (Deu. 31:26), a vara de Arão que florescera (Núm. 17:8), e a Urna de Ouro que continha o Maná (Êxo. 16:32). A Lei demonstrou como o Cristo satisfaria completamente todos os requisitos da Lei perfeita de Deus, e também como que a autoridade legal seria investida nele como o executor da Lei.

<sup>24</sup><sup>25</sup> A justiça da Lei cumpriu-se verdadeiramente em nossa Cabeça, e é considerada como cumprida em todas as *novas criaturas* em Cristo, “que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito”; isto é, que andam em obediência à nova mente. (Rom. 8:1) As debilidades da velha natureza que estamos crucificando diariamente, uma vez que são cobertas por nosso preço de resgate, não nos são cobradas novamente como novas criaturas — desde que permanecemos em Cristo.

<sup>25</sup><sup>26</sup> Quando se escreve que “a justiça da lei se cumprisse em nós”, significa que o fim de nosso curso (rumo à perfeição) está reconhecido em nós, porque estamos andando segundo ou rumo àquela perfeição real a qual, quando for alcançada, será a condição no “Santíssimo”, representada pela Arca do Pacto [Aliança].

## O CONTEÚDO da Arca

<sup>26</sup><sup>27</sup> “A Vara de Arão que florescera” demonstrou o caráter eletivo de todo o Corpo de Cristo como membros do “Sacerdócio Real”. Ao lermos Números 17, o significado da vara que florescera pode ser entendido como sendo a aceitação da parte de Jeová de Arão e seus filhos — o sacerdócio típico, representante de Cristo e da Igreja — como os únicos que podiam realizar o ofício do sacerdote como mediador. Aquela vara, portanto, representa a aceitação do “Sacerdócio Real” — o Cristo, Cabeça e Corpo. A vara floresceu e deu amêndoas. Uma peculiaridade relativa à árvore de amêndoas é que as flores das frutas aparecem antes das folhas. Do mesmo modo ocorre com o “Sacerdócio Real”: sacrificam ou começam a *dar frutos* antes que venham a perceber as folhas da confissão.

<sup>27</sup><sup>28</sup> A Urna de Ouro que continha o Maná representou a imortalidade como uma das posses do Cristo de Deus. Nosso Senhor Jesus, sem dúvida, refere-se a isto quando diz: “Ao que vencer, darei a comer do *maná escondido*.” — Apo. 2:17.

<sup>28</sup><sup>29</sup> O Maná era o pão que desceu dos céus como sustento de vida para Israel. Representava o pão da vida, fornecido ao mundo por Deus mediante Cristo. Mas visto que os israelitas precisavam recolher esta provisão do maná diariamente, pois caso contrário, sofreriam falta e sentiriam fome, do mesmo modo, será necessário então ao *mundo* buscar continuamente as provisões de vida e da graça se quiser viver eternamente.

<sup>29</sup><sup>30</sup> Mas para aqueles que se tornam co-herdeiros com Cristo, membros do Corpo Ungido, Deus faz a oferta especial de uma espécie peculiar de maná, sendo o mesmo e ao mesmo tempo diferente do que é dado a outros: “o maná escondido”. Uma peculiaridade deste maná, existente na urna, é que este era *incorruptível*. Por isso, ilustra bem a condição imortal e incorruptível prometida a todos os

membros da “Semente” — que é a Igreja. O maná ou meio para a subsistência da vida, que alimentava a Israel, *não era incorruptível*, e, portanto, tinha que ser recolhido diariamente. Assim, todos os membros obedientes da humanidade que vierem a ser reconhecidos finalmente como israelitas verdadeiros, serão providos com vida eterna, mas condicional, vida suprida e renovável; enquanto que ao “pequeno rebanho”, que sob as atuais condições desfavoráveis são “vencedores” fiéis, lhes é oferecida uma porção *incorruptível* — a imortalidade. <sup>31</sup> Apo. 2:17.

<sup>30</sup> Assim, na Arca de ouro, estava representada a glória que havia de ser revelada no Cristo divino; na vara que havia florescido, o sacerdócio eleito de Deus; nas tábuas da Lei, o justo Juiz; no maná incorruptível da urna de ouro, a imortalidade, a natureza divina. Sobre esta Arca, e constituindo uma tampa ou cabeça sobre ele, estava...

<sup>31</sup><sup>32</sup> “O Propiciatório” — uma placa de ouro sólido, sendo que nas duas extremidades, e na mesma peça de metal, foram feitos dois querubins, com asas elevadas como se estivessem prontos para voar, com seus rostos olhando para dentro, para o centro da placa sobre a qual estavam colocados. Entre os querubins, no “Propiciatório”, uma luz resplandecente representava a presença de Jeová.

<sup>32</sup> Assim como a Arca representava ao Cristo, o “Propiciatório”, a luz da Glória e os Querubins representavam juntos a Jeová Deus “Deus a cabeça de Cristo.” (1 Cor. 11:3) Assim como se deu com Jeová, Cristo está representado aqui pelas coisas que ilustram os atributos de seu caráter. A luz, chamada de a “Luz da glória” (Shekinah), representava a Jeová como sendo a Luz do universo, assim como Cristo é a Luz do mundo. Isto é comprovado de modo abundante por muitos textos das Escrituras. “Tu... que te assentas entre os querubins, resplandece.” — Sal. 80:1; 1 Sam. 4:4; 2 Sam. 6:2; Isa. 37:16.

<sup>33</sup><sup>33</sup> A humanidade não pode entrar na presença de Jeová: por isso os membros do sacerdócio real, Cabeça e Corpo, representado por Arão, precisam se tornar *novas* criaturas, “participantes da *natura divina*” (tendo crucificado e sepultado a natureza humana), antes que possam aparecer diante da presença daquela glória excelente.

<sup>34</sup><sup>34</sup> A placa de ouro chamada de o “PROPICIATÓRIO”, (porque nele o sacerdote oferecia o sangue dos sacrifícios que propiciava ou *satisfazia* as demandas da justiça divina) representava o princípio fundamental do caráter de Jeová — *a justiça*. O trono de *Deus* baseia-se em ou estabelece-se sobre a *Justiça*. “Justiça e juízo são a base do teu trono.” — Sal. 89:14; Jó 36:17; 37:23; Isa. 56:1; Apo. 15:3.

<sup>35</sup><sup>35</sup> O Apóstolo Paulo [em Heb. 9:5] usa a palavra grega para Propiciatório ou Propiciação\* (*hilasterion*) quando faz alusão a nosso Senhor Jesus, dizendo — “Ao qual Deus propôs para propiciação <sup>36</sup> [ou Propiciatório] ... para demonstrar a sua justiça.. . para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.” (Rom. 3:25, 26) O pensamento aqui está de acordo com a apresentação anterior. A Justiça, a Sabedoria, o Amor e o Poder são de Deus, assim como o plano, através do qual, todos estes [atributos] cooperam na salvação humana. No entanto, agradou a Deus que em seu Filho bem amado, nosso Senhor Jesus, toda a sua própria plenitude devesse habitar, e assim *representar* a humanidade. Desta maneira, no tipo, o Sumo Sacerdote, saindo do Santíssimo, era o representante vivo da Justiça, da Sabedoria, do Amor e do Poder de Jeová para com os homens — o representante vivo da misericórdia divina, do perdão, e da conciliação. Ainda que o ser divino esteja velado, escondido da vista humana, seus atributos divinos serão manifestos a todos os homens por nosso grande Sumo Sacerdote, o qual, como o Propiciatório vivo, ao final desta era se aproximará da humanidade e fará com que todos entendam as riquezas da graça divina.

<sup>36</sup><sup>37</sup> Os dois querubins representavam outros dois elementos do caráter de Jeová, como foram revelados em sua Palavra, a saber, o Amor divino e o Poder divino. Esses atributos, a Justiça, o princípio fundamental, e o Amor e o Poder são da mesma qualidade ou essência, saindo dele e por ele estando em perfeita harmonia. Todos eles são de *uma só peça*: são inteiramente um. Nem o Amor nem o Poder podem ser exercidos até que a Justiça seja plenamente satisfeita. Deste modo, voam para ajudar, para elevar e para abençoar. Estão nas asas, prontos, mas esperando: olhando para dentro, para o “Propiciatório”, para a Justiça, para saber quando poderão se mover.

<sup>37</sup><sup>38</sup> O Sumo Sacerdote, quando se aproximava com o sangue dos sacrifícios da Expição, não o aspergia sobre os Querubins.

<sup>38</sup> Não: nem o Poder divino nem o Amor divino de modo independente exigiam o sacrifício. Portanto, o Sumo Sacerdote não precisava aspergir os Querubins. É a qualidade da *Justiça* ou o atributo de Deus que de modo algum perdoará aos culpados, já que foi a Justiça que disse: “O Salário do pecado é a morte.” [Rom. 6:23] Quando, por esta razão, o Sumo Sacerdote dava um *resgate* pelos pecadores, este deveria pagá-lo à Justiça. Sendo assim, vemos quão apropriada era a cerimônia da aspersion do sangue sobre o “PROPICIATÓRIO”.

<sup>39</sup><sup>39</sup> O amor conduziu ao inteiro plano da redenção. Foi porque Deus amou tanto ao mundo que enviou o seu Filho unigênito para redimi-lo, para pagar à Justiça o preço do resgate. Assim, o Amor foi ativo, preparando-se para a redenção desde que entrou o pecado; sim, “ainda antes da fundação do mundo.” — 1 Ped. 1:20.

“ O amor concebeu primeiro a maneira,  
Para salvar ao homem rebelde.”

<sup>40</sup><sup>40</sup> Quando os sacrifícios do Dia da Expição (o novilho e o bode) estiverem completos, o Amor esperará para ver os resultados de seu plano. Quando for aspergido o sangue a Justiça clamará: É suficiente; está finalizado! Então chegará o momento quando o Amor e o Poder poderão atuar, e rapidamente se apressarem para abençoar a raça *redimida*. Quando a Justiça está satisfeita, o Poder começa sua missão, que é co-extensiva com o Amor, utilizando o mesmo agente — Cristo, a Arca ou depositário dos favores divinos.

<sup>41</sup><sup>41</sup> A relação e a unidade desta família *divina* — o Filho e sua Noiva, representados pela Arca, em harmonia e unidade com o Pai, representado pela Cobertura — foi demonstrada pelo fato de que o “Propiciatório” era a tampa da Arca, e por isso uma parte — a parte superior ou cabeça dele. Assim como a cabeça da Igreja é Cristo Jesus, assim a cabeça do inteiro Cristo é Deus. (1 Cor. 11:3) Esta é a unidade pela qual Jesus orou, dizendo: “Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” — “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.” — João 17:9, 21.

### O SACERDOTE **sem mancha**

<sup>42</sup><sup>42</sup> É significativo também que qualquer membro do sacerdócio que tivesse um defeito no olho, na mão, no nariz, no pé, ou em qualquer outra parte [do corpo], não podia desempenhar o ofício de Sacerdote (Sumo Sacerdote); nem também qualquer homem que tivesse algo supérfluo [no corpo], tal como um dedo adicional da mão ou do Pé.

<sup>43</sup> Isto nos ensina que cada membro do Corpo de Cristo glorificado será completo — não faltando nada; e que também não haverá



nesse “pequeno rebanho” alguém que esteja a mais ou alguém que faça falta, mas antes, será exatamente o número previsto e predeterminado. Quando em algum dia o Corpo de Cristo estiver *completo*, não haverá mais adições — nenhuma superfluidade. Todos, portanto, que foram “chamados” com este “chamado superior” [“soberana vocação” — Fil. 3:14] para se tomarem membros particularmente do Corpo de Cristo, e tendo-o aceito, devem se esforçar seriamente para fazer firme sua vocação e eleição (como membros daquele “pequeno rebanho”), correndo de tal maneira para obter o prêmio. Se algum deles é descuidado, e perde o prêmio, alguém o obterá em seu lugar, pois o Corpo precisará estar completo; nenhum membro será deficitante nem supérfluo. Tenha cuidado, “para que ninguém torne a *tua coroa*.” — Apo. 3:11.

“O MISTÉRIO que esteve oculto desde todos os séculos [Eras],  
e em todas as gerações” — Col. 1:26 - ACF; NTJ

<sup>4443</sup> Tem sido uma questão surpreendente para alguns que a glória e a beleza do Tabernáculo — suas paredes de ouro, seus móveis de ouro belamente esculpidos, e seus véus de obra primorosa — tenham sido tão completamente encobertos e ocultos da vista do povo; até mesmo a luz exterior do sol estava excluída — sua única luz sendo a Lamparina no Santo e a glória Shekinah no Santíssimo. Mas isso está perfeitamente de acordo com as lições que recebemos de seus serviços. Assim como Deus cobriu o tipo e escondeu sua beleza debaixo das cortinas e de ásperas e singelas peles, assim também as glórias e as belezas das coisas espirituais são visíveis somente aos que entram na condição da consagração — o “Sacerdócio Real”. Estes entram num estado escondido, mas glorioso que o mundo e todos os de fora não conseguem apreciar. Suas gloriosas esperanças

bem como suas posições como *novas criaturas* estão ocultas de todas as outras pessoas.

“Ah, estes são de uma linhagem real,  
Todos filhos de um Rei,  
Herdeiros de coroas imortais e divinais,  
E veja! De alegria cantam eles!

“Por que, então, parecem tão humildes?  
E por que tão desprezados?  
Porque de suas ricas vestes inobservadas  
O mundo não está avisado.”

---

**1 § 1-2:** O que era representado pelas “colunas” que estavam no “Átrio” e sustentavam as cortinas brancas? Por que foram construídas de “madeira” em vez de “cobre”? O que significa sua colocação em bases de cobre?

**2 § 3:** O que foi ilustrado pela “cortina branca” e quando devemos exhibir à vista do mundo o “linho puro” da justiça de Cristo?

**3 § 4:** O que era simbolizado pelos “ganchos de prata”?

**4 § 5:** O que era representado pelas “colunas da porta” na entrada do Tabernáculo — debaixo do “véu”? Por que estas colunas foram postas *também* em bases de “cobre”?

**5 § 6:** O que era representado pelas “colunas” dentro do Segundo “véu”?

**6 § 7:** O que simbolizou a “mesa de ouro”?

**7 § 8:** Explique o significado do “candelabro de ouro”.

**8 § 9:** Descreva a forma de seu artesanato [do candelabro] e explique o belo simbolismo de suas várias características.

**9 § 10:** O que fornecia a luz para este “candelabro de ouro” e do que isto foi um símbolo? Para quem somente esta luz brilhou?

**10 § 11:** Quantas vezes foram arrançadas e enchidas com azeite estas luzes e que lição importante isto nos ensina neste símbolo?

**11 § 12:** Por que alguns cristãos não podem ver as coisas espirituais?

**12 § 13:** Que três classes sempre foram representadas na Igreja nominal?

**13 § 14:** Distingue o Apóstolo Paulo em Romanos 12:1 entre somente os crentes justificados e os que seguem a santificação? Como corresponde sua distinção ali com a diferença entre os sacerdotes típicos e seus irmãos, os levitas, os quais foram separados para a obra de sacrifício e serviços mais destacados? Foram todos os crentes justificados da Era Evangélica elegíveis para que viessem a se tornar membros do Sacerdócio Real até o tempo da “colheita”? Terminará algum dia a oportunidade para se entrar na classe dos sacerdotes antitípicos? Qual é a interpretação usual do texto, “agora é o tempo aceitável”? Qual é a interpretação correta dele? Sacrificam-se como Novas Criaturas, como pecadores, ou como humanos justificados os que agora se consagram a si mesmos como sacerdotes de Deus? Estes oferecem sacrifícios *espirituais* ou *carnais*? Se este for o caso, por que lemos que a Igreja é um “sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios *espirituais* aceitáveis a Deus”? Estamos justificados em aceitar a variante do Manuscrito Sinaítico, o manuscrito grego mais antigo do Novo Testamento, que omite a palavra *espiritual* em 1 Ped. 2:5? É concebível crer que o Senhor deseja que sacrifiquemos os interesses *espirituais*? Não devemos sacrificar sempre o terrestre para ganhar o espiritual?

**14 § 15:** É provável que muitos na Igreja, de qualquer época, tenham sido sacerdotes sacrificantes?

**15 § 16:** Qual era a proporção numérica entre os sacerdotes e os levitas? Considerando este ensino típico do terna, devemos ficar surpresos de que os que professam a consagração até a morte no serviço de Deus, e vivem de acordo com ela, sejam muito poucos • - um pequeno rebanho em comparação com os milhões da Cristandade? Quantos cristãos nominais existem entre a população de sua cidade ou povo e quantos há que você sabe que confessam fé a Jesus como seu Redentor e renunciaram ao pecado e estão empenhados em levar uma vida de santidade? Será que você encontra entre os grandes, os ricos, os sábios e os nobres, segundo o ponto de vista do mundo, muitos que possuem os frutos do Espírito Santo? Se o tipo indica uma proporção de 8.580 levitas para 5 sacerdotes, não é isto uma figura confiável acerca da profecia?

**16 \*** À medida que começamos a compreender mais claramente o alto nível de caráter exigido de todos os que *alguma vez* receberão a vida eterna em *algum* plano, e quão poucos parecem fazer alguma profissão séria de/ou tentativa de manifestar *o perfeito amor* como princípio dominante de suas vidas, somos induzidos a nos perguntar, se os dois filhos de Arão que foram destruídos pelo Senhor, não tenham sido destinados a tipificar a grande proporção dos consagrados e ungidos que fracassam em atingir o alto padrão de coração necessário, e que conseqüentemente não serão dignos de nenhuma vida, mas ao invés disso, descerão ao esquecimento — à Segunda Morte.

**17 § 17:** Qual foi o significado da Pia ou Bacia de água no Átrio do Tabernáculo? Se este ato de lavagem significou a eliminação das imundícias da carne, aplica-se o antítipo somente aos sacerdotes antitípicos — ao “pequeno rebanho”? São “totalmente depravados” os homens naturais, como alguns ensinam, ou, apesar da queda, ainda persistem algumas das características divinas em algum grau modificado?

**18 § 18:** Pode um crente justificado estar, de modo equivocado, consagrado a uma obra em vez de ao Senhor? Pode a obra eclesiástica, a obra social, a obra anti-álcool e etc., estar tomando o lugar da obra correta do sacrifício completo a Deus — para fazer a vontade do Pai dos céus e assim terminar sua obra de recolher os “Escolhidos”?

**19 § 19:** Devemos então ficar surpresos de que tão poucos vejam “a profundidade de Deus” — escondida por trás do Véu. do Tabernáculo, que representa a consagração total — a morte da vontade?

**20 § 20:** Representa o Altar de Ouro do Santo, como o candelabro, não somente a Jesus, mas também a todos os que ele aceita como seus “irmãos”, seu “Corpo”? Oferecem os “sacerdotes reais” seu próprio incenso (orações) a Deus, ou são oferecidos por seu Advogado e Cabeça? E por seu próprio mérito como indivíduos, ou somente como subsacerdotes pelo mérito de sua Cabeça, o Sumo Sacerdote, que as orações dos crentes consagrados são aceitáveis a Deus no Altar de Ouro do incenso? Se “pedem mal”, é por que a Nova Criatura não oferece a oração, ou por que se esqueceu de procurar saber primeiro qual é a mente da Cabeça quanto ao tema? Por que então a Cabeça não apresentará a petição?

**21 § 21:** São as orações dos sacerdotes que foram tipificadas pelo incenso meramente oferecidas sobre o Altar de Ouro? Seria aceitável o incenso representando a obediência da Igreja a Deus se não fosse suplementado pelo mérito imputado de seu Senhor? Com o mérito dele, seria aceitável a Deus o seu incenso? (Veja Rom. 12:1)

**22 § 22:** O que constituiu o único mobiliário para além do Véu — no Santíssimo e daí o que ele representou?

**23** \* *Estudos das Escrituras, Vol. 1, Estudo V.*

**24 § 23:** O que continha a Arca do Pacto [Aliança]? Leia, por favor, as Escrituras que explicam isto. O que significaram as duas tatuas da Lei ali dentro e por que eram duas?

**25 § 24:** Já que os seguidores do Senhor, mesmo com as melhores intenções, ainda são mais ou menos realmente imperfeitos, como pode ser que viessem a ser representados, à vista de Deus, como tendo cumprido com sua Lei perfeita? Por que

meio Deus pode manter a justiça e a dignidade de suas próprias leis, ao mesmo tempo passando por alto nossas falhas? (Compare com Rom. 3:26)

**26 § 25:** Em que sentido é “a justiça da lei cumprida em nós” agora, antes que tenhamos atingido verdadeiramente o fim do caminho?

**27 § 26:** Conte acerca do relato do florescimento da vara de Arão. O que significou ou tipificou a vara que floresceu quando foi colocada na Arca do Pacto [Aliança]? Qual era a peculiaridade da árvore de amêndoas que a constituiu assim num tipo apropriado, apontando ao Sacerdócio Real? Como poderia representar a Cristo e a seus seguidores do Sacerdócio Real uma vara que destacou a aceitação de Arão e seus filhos, já que estes não eram os filhos de Arão e nem mesmo de sua tribo — Levi? (Veja Heb. 5:1-5) Se Arão e seus filhos debaixo da Lei representaram, de modo típico, somente a obra do sacrifício de Cristo, há algum outro tipo que representa sua grande obra futura como Sacerdote-Rei — um Sacerdote Real? (Veja Heb. 5:6-10)

**28 § 27:** Fez o nosso Senhor alguma referência ao Maná, escondido na Arca do Pacto [Aliança] por Moisés, dezessete séculos depois? (Leia Apo. 2:17) O que representa o Ouro nos simbolismos divinos e por quê? Durava indefinidamente a provisão do Maná para Israel ou era algo muito perecível? (Leia o relato de Êxodo 16:18-20, 23-25, 32-34) Havia algum significado típico o fato de que o maná não caia no sétimo dia? Representou [o Maná] o pão da Verdade pelo qual o Senhor alimentará o mundo durante o Milênio, sendo exatamente o mesmo que ele tem provido agora, e que veio do céu, durante o sexto dia da história do mundo?

**29 § 28:** Já que Cristo é o antítípico Maná, devem comer dele todos, como sendo “a carne do Filho do Homem” para ter a vida eterna? (Leia João 6:48-51) O que quer dizer a expressão “comer a carne de Cristo”?

**30 § 29-30:** Se o Maná é para todos, poderia ele representar a *vida eterna* para alguns e a *imortalidade* para outros?

**31** \* *Estudos das Escrituras, Vol. 1, p. 185.*

**32 § 31-32:** Descreva o Propiciatório e relate o que este simbolizou.

**33 § 33:** Pode a humanidade entrar diante da presença de Jeová? (Veja 1 Tim. 6:16)

**34 § 34:** Por que se chamava a placa de ouro de o “Propiciatório” e qual atributo do caráter de Deus, em particular, foi representado nele?

**35 § 35:** Aplica-se alguma vez a palavra “Propiciatório” a nosso Senhor Jesus e por quê?

**36** \* De alguma forma os tradutores da versão *Almeida, Corrigida, Fiel*, traduziram mal [a palavra grega] *hilasterion* como “propiciação” [em Rom. 3:25 — Veja porém, a AL21, e a nota sobre este texto na *Bíblia de Estudo Explicado*]. Já a palavra [grega]

*hilasmos*, significando *satisfação*, é traduzida corretamente como “propiciação” em 1 João 2:2 e 4:10.

**37 § 36:** O que era representado pelos dois querubins e daí o que foi demonstrado pelo fato de que eram da mesma peça que a “placa de ouro”?

**38 § 37-38:** Era aspergido sobre os querubins o sangue dos sacrifícios pelo Sumo Sacerdote? Se não, onde era aspergido?

**39 § 39:** Que atributo de Jeová conduziu ao plano da redenção?

**40 § 40:** Quando atuado o amor e o poder para o cumprimento da maravilhosa provisão de Deus para com a humanidade?

**41 § 41:** Como se evidenciam a relação e a unidade de Cristo e sua Noiva com o Pai na Arca e como se representa a Liderança suprema de Jeová?

**42 § 42-43:** Podia desempenhar o ofício de Sacerdote no tipo algum homem que tivesse um qualquer tipo de defeito? Daí o que foi pressagiado por isso? Que lição solene isto contém para nós?

**43 § 44:** Por que foram escondidas tão seguramente do povo as belezas e as glórias do Tabernáculo e daí o que significa isto no antítipo?